

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar**

**UMA PROPOSTA DE LEITURA DIALÓGICA DA  
LINGUAGEM VERBOVISUAL DE GÊNEROS  
OPINATIVOS DA MÍDIA IMPRESSA**

**Taubaté-SP**

**2012**

**Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar**

**UMA PROPOSTA DE LEITURA DIALÓGICA DA  
LINGUAGEM VERBOVISUAL DE GÊNEROS  
OPINATIVOS DA MÍDIA IMPRESSA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Linguística  
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo

**Taubaté – SP**

**2012**

**Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar**

**UMA PROPOSTA DE LEITURA DIALÓGICA DA LINGUAGEM  
VERBOVISUAL DE GÊNEROS OPINATIVOS DA MÍDIA IMPRESSA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Linguística  
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Língua Materna

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo

Data: 25 /04 /2012

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dra.: Miriam Bauab Puzzo

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra.: Graziela Zamponi

Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra.: Sonia Sueli Berti-Santos

Universidade Cruzeiro do Sul

Assinatura: \_\_\_\_\_

Para

Francisco

Hugo

Ítalo

Helena

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Dra. Miriam Bauab Puzzo, por me apresentar o mundo global bakhtiniano. Com seus conselhos valiosos e sua orientação dedicada e segura realizei este meu sonho quase impossível. Com sua calma me tornei destemida para com as ideias e sua amizade me fez querida.

Agradeço à Professora Dra. Eliana Vianna Brito Kosma, pelos enriquecedores conhecimentos transmitidos sobre a mídia; à Professora Dra. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi, pelo dinamismo na orientação das normas de trabalhos acadêmicos e análise de textos; à Professora Dra. Graziela Zamponi, pela autenticidade no ensino das teorias linguísticas, assim como pelos seus conselhos no processo da qualificação da presente pesquisa; à Professora Dra. Juliana Santana Cavallari, pela simpatia e meiguice na análise da língua do outro; à Professora Dra. Elzira Yoko Uyeno, pela simplicidade na revelação de que somos um mundo de memórias, além das proveitosas intervenções realizadas na qualificação deste trabalho; à Professora Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto, pela alegria no ensino de outra forma de análise de textos; à Professora Dra. Elizabeth Ramos da Silva, pela segurança na apresentação dos grandes estudiosos da mente; à Professora Dra. Beatriz Maria Eckert-Hoff, pelo carisma na apresentação do mundo dos implícitos.

Agradeço à Cidinha Soares, pela atenção nas transferências de trabalhos acadêmicos e pelo sorriso que sempre a acompanha, tornando mais prazerosa a minha caminhada.

Agradeço aos meus colegas de curso que de alguma forma me propiciaram momentos que permanecerão para sempre em minha memória.

Agradeço a todos que me fizeram sentir coparticipante da família UNITAU, turma 2010.

Agradeço ao meu esposo, Francisco, pelo apoio imensurável, tornando esta jornada mais suave.

Agradeço aos meus filhos, Hugo, Ítalo e Helena, pelo grande incentivo ao meu progresso.

Agradeço a Deus, por estar sempre comigo e colocar no meu caminho pessoas tão especiais.

Quanto melhor o homem compreende a sua determinidade (a sua materialidade), tanto mais se aproxima da compreensão e da realização de sua verdadeira liberdade.

BAKHTIN, 2003, p. 374

## RESUMO

Tendo observado a complexa função do professor de Língua Portuguesa para orientar os aprendizes a olharem de maneira crítica os diferentes discursos que estão inseridos na esfera jornalística, este trabalho, baseado na teoria bakhtiniana, foi proposto, visando a observar as relações dialógicas entre enunciados opinativos da mídia impressa, o leitor presumido e o contexto sócio-histórico. Através do relacionamento de alguns aspectos do editorial, do artigo de opinião, da charge e da ilustração, pretendeu-se promover um olhar diferenciado na leitura desses discursos, propiciando ao aprendiz o conhecimento das formas contemporâneas de linguagem para fins de seu aprimoramento como pessoa humana, como esperado pelos ditames dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), assim como capacitá-lo para o progresso de seus estudos. Além da teoria dialógica de Bakhtin e seu Círculo, foram empregadas, pela necessidade analítica, concepções teóricas relacionadas à mídia impressa, baseadas em Charaudeau (2010) e Melo (2003), e à análise da linguagem verbovisual, baseada em Dondis (2007). Entre os enunciados foram observadas a sintonia e a assimetria por meio do cruzamento dos sentidos procedentes da materialidade linguística/verbovisual e pelo tom avaliativo adotado. Nas configurações imagéticas foram examinadas as relações de sentido com o texto escrito, revelando a relação sócio-histórica que os envolve, assim como respondem ao leitor pressuposto do jornal e ao contexto imediato. Para a análise, foram selecionados do jornal *Folha de S. Paulo* o editorial e a ilustração correspondente de 09 de janeiro de 2011, uma semana após a posse de Dilma Rousseff como presidente do Brasil, cujo discurso conduziu a temas diversos sobre as conquistas femininas. Também foram escolhidos o artigo de opinião e a charge de 18 de março de 2011, sobre a visita de Barack Obama ao Brasil, que direcionou a diferentes temas sobre a relação Brasil e Estados Unidos. Espera-se que esse estudo desenvolvido sob a perspectiva dialógica da linguagem venha a acrescentar ao profissional de educação sugestões de análise das linguagens midiáticas, a fim de auxiliar os aprendizes quanto ao julgamento crítico das opiniões apresentadas pela mídia impressa, além de estimular futuras pesquisas nos estudos da Linguística Aplicada.

**Palavras-chave:** Relações dialógicas; Mídia impressa; Linguagem verbovisual.

## ABSTRACT

Having observed the complex role of the Portuguese Language teacher in guiding the learners to look critically the different discourses inserted into the journalistic sphere, this paper was proposed, based on the Bakhtinian theory, in order to observe the dialogical relations among opinionated statements press media, the presumed reader and the socio-historical context. Through the relationship between some aspects of different enunciations like editorial, opinion article, charge and illustration, this work intends to promote a distinguished look over these speeches, providing the student the knowledge of contemporary language forms, to improve them as human being, as expected by the PCN (National Curriculum Parameters), as well as enabling their studies progress. Besides Bakhtin's dialogical theory and his Circle, due to the analytical needs, several theoretical conceptions were applied, related to the press media production, based on Charaudeau (2010) and Melo (2003), and to the verbal-visual language analysis, according to Dondis (2007). The harmony and asymmetry between the utterances were observed through the cross-evaluation of different points of view and the evaluative tone adopted in each of them. It was also observed in the verbal-visual images the meaning relations with the written text, revealing the social-historical relation that involves them, as well as they respond to the presumed newspaper reader and to the immediate context. For analysis, it were selected editorial and its corresponding illustration from *Folha de S. Paulo* newspaper, dated January 9th 2011, one week after Dilma Rousseff assumed Brazilian presidency, which speech led to various topics on women's achievements. It was also chosen opinion article and charge from March 18th 2011 about Barack Obama's visit to Brazil, which led to different topics about the relationship among Brazil and the United States of America. It is expected that this study, developed under the dialogic perspective of the language, will provide to the education professional suggestions for media language analysis, in order to enable student's critical judgment over the opinions presented by the press media, as well as to stimulate future researches in the Applied Linguistic field.

**Keywords:** Dialogic relationships; Press media; Verbal-visual language.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1    CAPÍTULO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1    Apresentação.....	19
1.2    Ligeira retrospectiva sobre os estudos da linguagem.....	19
1.3    Bakhtin e o Círculo: dialogismo.....	21
1.4    Enunciado concreto.....	26
1.5    Estilo.....	33
1.6    Tema.....	37
1.7    Relações dialógicas.....	41
2    CAPÍTULO: MÍDIA IMPRESSA	
2.1    Apresentação.....	51
2.2    A comunicação da informação.....	51
2.3    O discurso da informação.....	54
2.4    O jornal <i>Folha de S. Paulo</i> .....	59
2.5    Gêneros opinativos da esfera jornalística.....	62
2.5.1    O artigo de opinião.....	65
2.5.2    O editorial.....	67
2.5.3    A caricatura.....	68
3    CAPÍTULO: LINGUAGEM VISUAL	
3.1    Apresentação.....	73
3.2    Sintaxe da linguagem visual.....	73
4    CAPÍTULO: ANÁLISES DIALÓGICAS	
4.1    Apresentação.....	81
4.2    Relações dialógicas entre artigo de opinião e ilustração.....	81

4.2.1	A mulher na história da sociedade.....	84
4.2.2	A materialidade linguística... ..	87
4.2.3	A materialidade verbovisual.....	89
4.3	Relações dialógicas entre editorial e charge.....	92
4.3.1	A materialidade linguística.....	95
4.3.2	A materialidade verbovisual.....	101
	CONCLUSÃO.....	106
	REFERÊNCIAS.....	110
	ANEXOS A: Dilma Rousseff: a primeira presidente mulher do Brasil.....	114
	ANEXOS B: A visita de Barack Obama ao Brasil.....	122

## INTRODUÇÃO

A necessidade de convencimento gerada na comunicação faz da mídia uma grande arena de posturas ideológicas, onde são colocadas em prática estratégias surpreendentes para apresentar fatos diários, diversificando as formas de apresentação da linguagem de acordo com seus objetivos.

Nos tempos atuais, em que as informações chegam de maneira rápida e distinta, visto o grande e avassalador desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento, a leitura com consciência crítica é um grande desafio para os aprendizes pela utilização dos meios de manipulação e diversos modos de apresentação de notícias e opiniões pelos veículos de informação, nos quais refletem suas ideologias objetivando influenciar o receptor. “Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN, 2009, p. 33).

Para os PCN (2000), pensar um novo currículo para o ensino coloca em presença as mudanças estruturais que decorrem da chamada “revolução do conhecimento”, alterando o modo de organização do trabalho e as relações sociais. Assim, consideramos a necessidade de um novo olhar a todas as possibilidades que possam visar ao entrosamento e crescimento na área escolar, cabendo uma nova postura em que o acompanhamento às transformações é imprescindível para que uma consciência crítica possa ser desenvolvida. “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (Bakhtin, 2009, p. 34). Dessa forma, a utilização dos textos midiáticos nas escolas pode auxiliar na mudança de postura dos alunos na sua visão de mundo.

O ensino de Língua Portuguesa, hoje, requer uma necessidade urgente de consolidar a aprendizagem do aluno com sua vivência. Vários estudos sobre a análise de enunciados da mídia impressa estão sendo realizados com o objetivo de aproximar a escola da esfera jornalística, atendendo a uma expectativa contemporânea. Atualmente, a exigência da habilidade discursiva, dialogicamente desenvolvida, é pretendida nas provas de classificação para o curso superior em algumas universidades, tornando imprescindível a capacitação do aluno na relação entre gêneros, minimizando as dificuldades com a leitura. E a comunicação de massa, principalmente o jornal,

pode se tornar a mola diretriz para qualificá-lo a participar do mundo como agente modificador. No mundo moderno, em que priorizamos a velocidade das informações, é imprescindível que a leitura seja realizada de maneira significativa em tempo correspondente.

Para Geraldi, é preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto para que haja uma soma de sentidos, “pois é impossível prever todos os sentidos que a leitura produz. [...] um texto, uma vez nascido, passa a ter histórias que não são a reprodução de sentidos sempre idênticos a si mesmos” (GERALDI, 2007, p. 42-43).

A compreensão, segundo Bakhtin (2009, p. 137, grifo do autor), “é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”. Quanto mais palavras no encontro com o enunciado de outrem houver, mais presente será a sua avaliação, pois o sujeito acrescentará a ele as suas experiências e os seus pontos de vista numa espécie de acomodação de ideias, dispondo em ordem todas as informações recebidas e refratadas e, dessa forma, com condições de responder às expectativas esperadas.

A orientação dialógica, segundo Bakhtin (2010a, p. 88),

é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar.

A utilização da teoria bakhtiniana para a análise de textos midiáticos contribui de maneira progressiva e fecunda para a compreensão do signo ideológico de natureza neutra, em que se baseiam todos os demais signos, que é a palavra. São as palavras do locutor, refletidas as posições valorativas das enunciações sócio-histórico-culturais anteriores com o acréscimo de outras, posteriores, que possivelmente poderão responder a essa demanda com reflexos individuais, isto é, com o estilo de cada participante. Assim, todo esse processo, cujos movimentos simétricos permitem a configuração de uma determinada esfera social, pode

transformar a situação a qual permitiu a origem do enunciado concreto. Esta é uma direção para o desenvolvimento social e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento do indivíduo. Esses enunciados, para Bakhtin (2003, p. 261-262),

refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. [...] e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

Refletindo a posição da teoria do Círculo de Bakhtin, uma das finalidades dos PCN (2000, p. 33) é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”; em outras palavras, dar subsídios para o educando ser competente. A competência, segundo Perrenoud (1999, p. 24),

*orquestra* um conjunto de esquemas. Um esquema é uma *totalidade constituída*, que sustenta uma ação ou operação única, enquanto uma competência com uma certa complexidade envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas, generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico a partir de um conjunto de índices, busca de informações pertinentes, formação de uma decisão, etc. (grifo do autor).

Para este estudioso, uma competência é reconhecida na possível relação dos conhecimentos prévios e dos problemas com a mobilização dos conhecimentos na situação, no momento certo e com discernimento. A mídia impressa, com toda a sua organização, possui os elementos necessários para a análise da sociedade como um todo, para que se pretenda uma mudança de atitude perante a conscientização social.

De acordo com Perrenoud (1999, p. 32), as competências dos aprendizes, desenvolvidas, “podem responder a uma demanda social dirigida para a adaptação ao mercado e às mudanças e também podem fornecer os meios para apreender a realidade e não ficar indefeso nas relações sociais”.

O caminho a percorrer deve ser norteado pela capacidade profissional daquele que será o porta-voz dessa aplicação, escolhendo materiais didáticos que preencham os quesitos de uma produção esclarecedora e ao mesmo tempo tenham um objetivo prático, evidenciando as

dimensões ensináveis. Para tais configurações devemos estar atento à legitimação dos conhecimentos para a produção do trabalho didático; às capacidades dos alunos; às finalidades e objetivos da escola; aos processos de ensino/aprendizagem; e à coerência dos conhecimentos em função dos objetivos visados (DOLZ E SCHEUNEWLY, 1999).

A compreensão/interpretação de textos midiáticos favorece o entendimento da posição axiológica do enunciador em determinada esfera social e, conseqüentemente, a posição que o indivíduo ocupa na sociedade, proporcionando-lhe uma visão global das variadas diretrizes que ele deve focalizar e escolher, determinando o seu estilo próprio que está estreitamente vinculado ao seu tema/lema de vida e à sua relação com o mundo, a fim de uma tomada de uma atitude responsiva frente à sociedade, princípio determinante da teoria bakhtiniana para que um enunciado possa ser considerado concreto. Para Bakhtin (2003, p. 378), “a compreensão completa o texto: ela é ativa e criadora. A compreensão criadora continua a criação, multiplica a riqueza artística da humanidade”.

Dessa forma, a familiaridade com os acontecimentos do mundo e os possíveis reflexos conseqüentes na vida humana refratados nos enunciados da mídia impressa, colaborará para que a escola na sua posição de norteadora seja um elemento definitivo no aprimoramento do educando como ser participativo do desenvolvimento social.

Guiamo-nos, também, pela diretriz de propiciar ao aprendiz o “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”, sobre a qual é ditada nos PCN (2000), acrescentando que a linguagem

é considerada como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentidos. [...]. Podemos, assim, falar em linguagens que se inter-relacionam nas práticas sociais e na história [...] (PCN, 2000, p. 19).

De acordo com o Círculo (BAKHTIN, 2003), todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem efetuada em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos. Os enunciados concretos, isto é, os gêneros discursivos, funcionam como

correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem, e, assim, a vida entra na língua e a língua passa a integrar a vida.

Segundo Bueno (2011), a questão dos gêneros há muito é discutida desde Platão e Aristóteles na distinção entre poesia e prosa; entre lírico e épico; entre tragédia e comédia; entre estilo elevado, médio e humilde. A Retórica também contribuiu fazendo a separação dos gêneros em deliberativo, judiciário e epidítico. Na Linguística, a preocupação do gênero é recente, pois sua preocupação, anteriormente, era com as unidades menores. “Ao passar a investigar os textos, surge a problemática dos gêneros” (BUENO, 2011, p. 25). É Bakhtin que define os gêneros do discurso de acordo com a utilização da língua em cada campo de interação, caracterizados pelos seus conteúdos e pelos meios linguísticos de que se utilizam.

Como afirma Bueno (2011, p. 35), os PCN corroboram

que o ensino deve levar o aluno a tornar-se um cidadão e o domínio dos gêneros terá uma importância nesse processo de inserção social do aluno na sociedade, uma vez que será por meio de gêneros adequados a cada situação que o aluno conseguirá se colocar diante de seus interlocutores como ouvinte/leitor ou falante/escritor .

A teoria bakhtiniana, com os seus preceitos baseados na unicidade do ser e do outro, veio suprir a necessidade de um entendimento mais profundo das razões pelas escolhas que o locutor realiza para a sua enunciação, num diálogo contínuo com o passado, o presente e o futuro, de maneira consciente e inconsciente, abrangendo toda a sua vivência e, também, a do outro, de maneira refletida e refratada em seus diversos contextos, concretizando-se a comunicação.

A análise de gêneros da mídia impressa como subsídio para os profissionais de educação no letramento da língua materna transforma-se num ponto de referência concreto, de onde podemos observar as posições valorativas de seus interlocutores - locutor e leitor -, possibilitando um exame atento das posturas ideológicas de cada campo de ação em cada momento histórico e, de certa forma, uma familiaridade com os gêneros discursivos para fins de interação.

Dolz e Schneuwly (1999) defendem que estudar o funcionamento da linguagem como práticas sociais significa analisar as diferenciações e variações em função de sistemas de categorizações sociais à disposição dos sujeitos observados. Além disso, as interpretações feitas pelos agentes são essenciais para analisá-las porque “o pesquisador é o observador que se situa no

exterior, no grande diálogo, lugar e tempo [...], onde pode promover as mais variadas *relações dialógicas*, e promovendo essas *relações dialógicas* acaba criando um novo elo nessa cadeia da comunicação verbal” (SOUZA, 2002, p. 83, grifo do autor).

De acordo com Dolz e Schneuwly (1999), é por meio dos gêneros que as práticas de linguagem encarnam-se nas atividades dos aprendizes, confirmando a teoria de Bakhtin de que os gêneros são instrumentos que fundam as possibilidades de comunicação. Para Manfrin (2007, p. 191), “a enunciação em um gênero envolve um trabalho do sujeito de reorganização do próprio gênero, a partir de um diálogo com outros gêneros”.

Os enunciados tratados na mídia impressa dialogizam com outros enunciados, de outras formas de comunicação, de outras palavras de outrem, de outros tempos – passado, presente, futuro – para construírem seu próprio diálogo que deverá surtir o efeito de uma resposta/ação. Para que concretizemos tal responsividade, é imprescindível que orientemos o educando a manter uma aproximação com a vida do mundo por meio de enunciados midiáticos. Os esclarecimentos apoiados na relação com outros conhecimentos poderão auxiliá-lo quanto ao julgamento crítico das opiniões apresentadas pela mídia impressa. Dessa forma poderemos definir a escola como um elo na cadeia da vida real do aluno, contribuindo para a sua socialização participativa. O contato com o mundo real, para Puzzo (2009, p. 474),

é mediado principalmente pelas imagens de impacto que se distribuem em páginas de jornal, capas de revista, noticiários de TV, entre outros. A força dessas imagens é tão viva que sua apreensão é feita como se elas fossem a realidade concreta, pois é difícil duvidar do que se vê. Entretanto, refletindo sobre essa questão há diferenças substanciais na forma como tais imagens são captadas e reproduzidas.

“As várias formas típicas de direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiares constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 305). Essas diretrizes definem a forma do enunciado para a apresentação de determinada enunciação, como o editorial, a charge e o artigo de opinião (ilustrado), gêneros opinativos da mídia impressa que selecionamos para a realização dessa pesquisa. Por vezes, tratando do mesmo assunto espelham direções variadas, estabelecendo relações dialógicas entre si, pois refratam de maneira diversa os acontecimentos que antecederam certo fato, visto serem

produzidos por autores diferentes, com visões de mundo diferentes, contudo, mantendo uma visão valorativa afinada. “O modo como encaramos o mundo quase sempre afeta aquilo que vemos”, nas palavras de Dondis (2007, p. 19).

Pela amplitude em todos os âmbitos do conhecimento humano e em todas as áreas de atuação utilizamos a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin neste trajeto. Para o Círculo, o outro é a razão de ser do indivíduo e a sua competência para a interação via linguagem é o que possibilitará a real construção do desenvolvimento humano.

Umberto Eco, em sua conferência (1996) *From Internet To Gutenberg*, por meio de uma progressão da história do desenvolvimento tecnológico - da escrita ao computador - mostra-nos que a comunicação visual tem que estar unida à verbal, uma vez que a habilidade de compreensão de textos verbais nos torna aptos a sermos críticos e ficarmos atentos à persuasão dos textos não verbais, cujas imagens transformam ideias individuais em gerais. O semiologista nos orienta sobre a necessidade de uma nova forma de competência crítica, “uma arte por enquanto desconhecida de seleção e dizimação de informação, em suma, um novo senso. Precisamos de um novo treinamento educacional”.

Assim, corroborando com o linguista italiano, visamos a apresentar, de acordo com a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, análises entre o artigo de opinião e sua ilustração correspondente e entre o editorial e a charge, tendo o contexto sócio-histórico-cultural como ponto de referência. Nossa expectativa é que essa pesquisa venha a acrescentar no universo dos estudos da Linguística Aplicada, proporcionando ao profissional de educação sugestões de análise das diversas linguagens midiáticas, propiciando ao aprendiz o conhecimento das formas contemporâneas de linguagem para fins de seu aperfeiçoamento que, por sua vez, deverá repercutir em suas avaliações e decisões futuras.

Realizamos a escolha pelo jornal *Folha de S. Paulo* para a análise de enunciados opinativos, na observância à fidelidade de seu público leitor, cujo perfil nos leva a acreditar na sua participação da construção social, podendo ser o jornal evidenciado como pleiteador de ideologias com grande riqueza de material para pesquisa. Por possuir como lema a pluralidade e a crítica, torna-se um campo de variadas vertentes à disposição para o entrosamento de sentidos originados dos enunciados construídos pela organização jornalística e seus colaboradores.

A escolha pela análise de enunciados opinativos foi proveniente da dificuldade encontrada por professores na orientação de seus alunos para o desenvolvimento de uma postura crítica perante os fatos presentes em suas vidas. Assim, esperamos que as imagens observadas de acordo com alguns critérios baseados em Dondis (2007) possam contribuir na leitura visual das opiniões jornalísticas pelos aprendizes, capacitando-os a solucionar os implícitos de uma interação comunicativa de maneira responsiva, confirmando o conceito de enunciado de Bakhtin como um elo na cadeia da comunicação discursiva.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre a análise dialógica da linguagem com a apresentação dos principais conceitos da teoria do Círculo de Bakhtin, como enunciado concreto, estilo, forma composicional, tema e relações dialógicas. No segundo capítulo, trataremos da mídia impressa com referência à comunicação da informação, ao discurso da informação, ao jornal *Folha de S. Paulo* e aos gêneros jornalísticos opinativos utilizados na pesquisa. No terceiro capítulo, referir-nos-emos à sintaxe da linguagem visual baseada nos estudos de Dondis (2007), cujos conhecimentos serão imprescindíveis para as análises verbovisuais. No quarto capítulo aduziremos as análises propriamente ditas dos enunciados selecionados.

Para a realização deste trabalho selecionamos, do jornal *Folha de S. Paulo*, o artigo de opinião *Mulher, Democracia e Desenvolvimento* e a ilustração correspondente do dia 09 de janeiro de 2011, época histórica, por ser após a primeira semana de governo de Dilma Rousseff. O discurso de posse da primeira presidente mulher do Brasil conduziu a temas diversos sobre as conquistas femininas como os escolhidos para a análise, num processo de interação com a opinião de Clóvis Rossi, na página *Opinião*, e notícias, na página *Poder*, da mesma edição. Outros relatos e opiniões foram divulgados no mesmo jornal, em anexo nas páginas finais deste trabalho.

Além desses enunciados, escolhemos o editorial e a charge de 18 de março de 2011, cujo assunto, a visita de Barack Obama ao Brasil, conduziu a temas sobre a relação Brasil e EUA, referentes à produção de biocombustível, à colaboração dos EUA na exploração do pré-sal e ao assento permanente do Brasil no Conselho de Segurança da ONU. Tais notícias e opiniões foram divulgadas na mesma edição e em outras edições da semana. Assim como o editorial, a charge está localizada no caderno *Opinião*, numa interação com o editorial *Operação simpatia*, escolhidos para a análise. Na mesma página encontra-se a opinião de Eliane Catanhêde com o

título *O gesto*, sobre os interesses de ambos os países para uma boa relação, com o que, podemos dizer, também houve interação, em anexo no final desta pesquisa.

Nas análises aplicamos os principais conceitos que abrangem o estudo dos gêneros discursivos na visão bakhtiniana, possibilitando-nos observar a dimensão ideológica presente em cada enunciado por meio da materialidade linguística/verbovisual, em que cada enunciador refrata os dizeres que circulam no jornal *Folha de S. Paulo*, de acordo com sua visão axiológica e com a possível reação de seu público-leitor.

De acordo com Aguiar (2004, p. 49), “a intenção da imprensa e, especialmente do jornal diário, é levar a informação ao leitor, buscando uma determinada postura frente ao mundo em que vivemos”. Um enunciado do gênero opinativo, como a charge, o artigo de opinião (ilustrado) e o editorial, pode ser entendido como uma concretização ideológica veiculada com fins de adesão pelo destinatário. Podemos dizer que, realizada tanto na linguagem verbal como na visual, a análise (dos enunciados midiáticos) está muitas vezes relegada à História, à Sociologia ou à Política (COIMBRA, 1993).

Finalizamos a apresentação com as palavras de Bakhtin (2003, p. 401) de que o texto “só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”. Com base neste ideal, utilizamos para a análise das relações dialógicas enunciados da esfera jornalística que se relacionam com outro enunciado na mesma página e com textos do próprio jornal, relacionando-os ao contexto sócio-histórico de que fazem parte. Essa proposta remete à orientação dialógica em que todas as direções embutidas nos discursos se encontram na interação com a vida vivida no passado, com a construção do presente e as presumíveis incertezas do futuro. Dessa maneira, tencionamos dar esse pequeno passo no estudo da compreensão/interpretação de enunciados midiáticos, visando ao aprimoramento do aprendiz como participante ativo para um possível progresso do potencial humano.

# 1 CAPÍTULO

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Apresentação

A atitude responsiva de um enunciado somente terá a sua concepção na participação ativa dos envolvidos no diálogo. Isso requer a compreensão dos interlocutores aos sentidos que abrangem o evento da comunicação, numa perspectiva ampla dos fatos sucedidos no passado, no presente e projetados para o futuro, em comunhão com o dado acontecimento na história do indivíduo, numa expectativa dialógica. Bakhtin e seu Círculo nos presenteiam com os conhecimentos necessários para a realização dessa atividade, de maneira a responder às exigências de uma sociedade que urge ser ativa.

### 1.2 Ligeira retrospectiva sobre os estudos da linguagem

Desde os remotos tempos, a linguagem é observada e analisada, surgindo diversas tendências para os estudos linguísticos.

A Gramática, estudo inaugurado pelos gregos, é baseada na lógica; a partir de 1777 a Filologia - termo originado da escola filológica de Alexandria -, agrega, de forma crítica, ao estudo linguístico, questões como história literária, costume, instituições, mas se esquece da língua falada, apegando-se à língua escrita; em 1816, a Gramática Comparada compreende as relações entre línguas afins. Por conhecerem o latim, os romanistas se achavam em posição privilegiada frente aos estudos românicos, e possuindo documentação farta para o estudo da evolução dos idiomas contribuíram para os estudos da Linguística com a *Gramática das Línguas Românicas*, por volta de 1836-1838.

Em 1870, aproximadamente, percebeu-se que a comparação não é senão um meio para reconstruir os fatos, sendo questionadas as condições de vida das línguas. Foram os neogramáticos, em torno de 1875, que colocaram em perspectiva histórica todos os estudos da comparação e encadearam os fatos em sua ordem natural, dando à língua a posição de um

produto do espírito coletivo dos grupos linguistas. Em 1879, a reconciliação da Gramática Comparada com a Filologia não se preocupou em determinar seu objeto de estudo e, assim, foi incapaz de estabelecer um método, não chegando a constituir a verdadeira ciência da Linguística (SAUSSURE, 1999).

Todas essas correntes não haviam ainda se fixado à linguagem pela vertente social. Foram as ideias de Ferdinand de Saussure, linguista genebrino, nas suas célebres dicotomias: língua e fala, diacronia e sincronia, significante e significado, relação associativa e sintagmática, identidade e oposição, expostas durante os três cursos que ministrou sob o título de *Curso de Linguística Geral*, em 1906, 1908 e 1910, que possibilitaram a divulgação de que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1999, p. 16). A linguagem, continuando Saussure,

implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado. [...] a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. [...]. Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: *é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem* (SAUSSURE, 1999, p. 16, grifo do autor).

Baseando-se na possibilidade de uma linguística objetiva, Saussure apresentou a dualidade da linguagem, *langue* e *parole*, fixando-se na língua. Porém, sempre era encontrado um dilema sobre a linguagem e a língua, confirmado em suas palavras:

ou nos aplicamos a um lado e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas [...], ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. [...]. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, [...], ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social. (SAUSSURE, 1999, p. 16-17)

Como que justificando sua posição nos estudos sobre a linguagem afirmou: “A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 1999, p. 17).

Apesar de a pesquisa linguística estar limitada às observações da língua numa perspectiva científica, rejeitando as manifestações individuais da língua, Saussure abriu um vasto campo para

o estudo sobre a linguagem que, até então, era colocada como algo secundário e independente da comunicação, chamado pelo filósofo russo, Mikhail Bakhtin, de objetivismo abstrato, por volta de 1924. O papel do ouvinte era passivo, e a linguagem era subestimada na sua função comunicativa, foco de estudo da linguagem do Círculo de Bakhtin, em que o outro, o ouvinte, tem participação ativa na interação comunicativa.

A língua para Bakhtin, assim como para Saussure, é fundada pelas necessidades da comunicação, porém, o primeiro valoriza a enunciação, sempre ligada às estruturas sociais. A evolução da língua é de natureza dinâmica, refletindo variações sociais, contrariando o sistema saussureano, cujo objeto “é apenas o material, apenas o meio de comunicação discursiva mas não a própria comunicação discursiva, não o enunciado de verdade, nem as relações entre eles (dialógicas), nem as formas da comunicação, nem os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 324).

Num processo contínuo às pesquisas de Saussure, Bakhtin e seu Círculo apresentam o estudo da linguagem baseado nas relações entre os enunciados, e entre enunciados com a realidade e com a pessoa que fala, ampliando o campo do objeto da linguística.

### **1.3 Bakhtin e o Círculo: dialogismo**

A teoria do Círculo de Bakhtin possibilita-nos relacionar de maneira ampla a participação do indivíduo com a história construída, num diálogo permanente com as mais variadas formas de interação, gerando atitudes responsivas e, por isso, de grande importância para o estudo da linguagem.

Para Brait (2009b, p. 15), entender o pensamento bakhtiniano

significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais.

Foram muitas as circunstâncias por que passou o filósofo russo e seu Círculo para a concretização de sua teoria dialógica baseada nas observações e experiências: desde a ministração de aulas para alfabetizar até conferências em universidades; desde a união de um

grupo com ideias afins, com Voloshínov e Medvedev e outros, até seu exílio; desde a Revolução Russa até a Segunda Guerra Mundial; desde o agravamento de sua doença, em 1969, até sua morte em 1975.

Somente em 1970 começa a divulgação das obras do Círculo de Bakhtin no Ocidente, “revelando que podem funcionar como surpreendentes bandeiras para diferentes contextos de recepção, como o do antiestruturalismo, do antipositivismo, do *cultural studies*, das várias vertentes da Análise do Discurso” (BRAIT, 2009b, p. 25), pelas múltiplas visões que a linguagem alcança dentro dos preceitos bakhtinianos.

Na época contemporânea de Bakhtin, Ferdinand Saussure conferiu clareza e precisão aos estudos linguísticos com a tríplice distinção: a linguagem, a língua (como sistemas de formas) e a fala. Não se ateuve, porém, à linguagem, por ela pertencer ao domínio individual e ao domínio social, sem a possibilidade de isolamento de uma unidade para a realização de um estudo específico, abrindo, assim, várias oportunidades para o estudo linguístico.

Para Bakhtin, a enunciação é baseada no diálogo social, sendo, portanto, inadequados os dados da fonética, da morfologia e da sintaxe provenientes da análise linguística, por serem desligados da situação social em que se inscreve a interação. Na concepção bakhtiniana os participantes da relação comunicativa - o locutor e seu interlocutor – estabelecem relações axiológicas de parceria de acordo com os aspectos sócio-históricos vivenciados, sendo definidos o tema, a forma composicional e o estilo da enunciação, cujas marcas linguísticas refletem a apreciação valorativa do evento. “Assim, talvez o analista possa chegar a certas regularidades do gênero, mas estas serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p. 199). A ampliação na concepção dos estudos linguísticos provocou discussões sobre o uso dos termos empregados pelo Círculo, como gênero, enunciado, enunciação, texto, discurso, entre outros, surgindo várias vertentes no campo dos estudos da linguagem como a teoria de gêneros discursivos e a teoria de gêneros textuais. Segundo Rojo (2005, p. 185-186),

uns mais centrados na descrição das situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos; outros, sobre a descrição da composição e da materialidade linguística dos textos no gênero. Entretanto, para fazê-lo, adotavam

procedimentos diversos e logo recorriam a diferentes autores e conceitos para a seleção de suas categorias de análise.

Com essa atitude muitos estudos se distanciaram da visão dialógica da linguagem baseada nos estudos do Círculo de Bakhtin, que, focando outros pontos de vista como a descrição da materialidade textual, fez surgir outros procedimentos para análise. Conseqüentemente, outras vertentes despontaram, cujas referências eram encontradas em Bronckart e Adam. Mesmo as direcionadas ao estudo baseado em Bakhtin, os aspectos sócio-históricos das situações de produção dos textos ou enunciados (termos dissonantes na concepção bakhtiniana) sofreram ajustes nos procedimentos de análise quando “recorriam a um conjunto de autores comuns, tais como Charaudeau, Maingueneau, Kerbrat-Orecchioni, Authier-Revuz, Ducrot, Bronckart *et al.* (1985), Bronckart (1997), Adam (1992)” (ROJO, 2005, p. 185).

É inegável a dimensão do pensamento do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem, que no diálogo com vários contextos amplia os limites da compreensão do indivíduo frente à sua existência.

Partindo da afirmação do Círculo de que todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio, cada vez que produzimos um enunciado, o que estamos fazendo é participar de um diálogo com outros discursos, quer sejam sociais ou individuais, daí dialogismo. “As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 323), permitindo perceber os fenômenos presentes na comunicação. Segundo Bakhtin (2009, p.116), “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (grifo do autor).

Bakhtin/Volochínov, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, descortinam todos os aspectos que implicam a verdadeira substância da linguagem, que é a comunicação, constituída pelo fenômeno social da interação verbal. Trata da importância do sujeito ativo e responsável pelo seu discurso, engendrando atitudes responsivas em seu interlocutor, cuja visão de valores pertinentes ao seu tempo histórico dialogiza com o seu mundo interior, numa adaptação ao mundo exterior, construindo suas apreciações numa tomada de posição expressa ideologicamente em sua enunciação. Tal enunciação será tanto mais compreendida quanto mais expressiva for a entonação do sujeito. “Toda *refração ideológica do ser em processo de formação*, seja qual for a

natureza de seu material significante, *é acompanhada de uma refração ideológica verbal*, como fenômeno obrigatoriamente concomitante” (BAKHTIN, 2009, p. 38, grifo do autor).

Além disso, discutem as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. No primeiro, o psiquismo individual constitui a fonte da língua. “As leis da criação linguística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem” (BAKHTIN, 2009, p. 74). A língua é considerada uma atividade que se materializa sob a forma de atos individuais de fala, conceito ampliado pela escola de Vossler como ato de criação individual da fala. “Só essa individualização estilística da língua na enunciação concreta é histórica e realmente produtiva”, segundo o Círculo (BAKHTIN, 2009, p. 78).

No objetivismo abstrato, o centro organizador de todos os fatos da língua situa-se no sistema linguístico com primazia do ponto de vista do receptor sobre o do locutor. A língua (léxico, gramática, fonética) é um depósito inerte; abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. São as ideias da escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure. O Círculo de Bakhtin se opõe a essa orientação, afirmando que, dessa forma,

- não se poderia falar de uma criação refletida da língua pelo sujeito falante;
- as leis que governam este sistema interno da língua são puramente imanentes e específicas, irreduzíveis a leis ideológicas, artísticas ou a quaisquer outras;
- não podem depender da consciência individual;
- as leis linguísticas são arbitrarias, isto é, privadas de uma justificação natural ou ideológica;
- se a língua, como conjunto de formas, é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, segue-se ser ela o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, portanto, como toda instituição social, normativa para cada indivíduo.

“Para esta segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, o fato mais significativo é o fosso que separa *a história do sistema linguístico em questão da abordagem não histórica, sincrônica*” (BAKHTIN, 2009, p. 82, grifo do autor).

A enunciação proposta pelo Círculo, de natureza social, não pode, de forma alguma, ser considerada como individual e nem pode ser explicada a partir das condições psicofisiológicas do sujeito participante do diálogo, porque “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos da fala” (BAKHTIN, 2009, p. 101). Na comunicação dialogística o enunciador incorpora a voz ou as vozes de outro(s) enunciado(s), direcionando particularidades discursivas ou textuais ao interlocutor. Suas escolhas vão depender da imagem que faz de seu parceiro da interação comunicativa, estabelecendo aí o seu estilo individual.

Constitutivamente dialógico, também, é o indivíduo/sujeito, pois se constitui da realidade heterogênea em que está imerso, absorvendo as vozes sociais que determinam a historicidade dos enunciados e respondendo às condições objetivas do discurso social de uma maneira específica. Para o Círculo de Bakhtin, todo ato cultural se move numa atmosfera axiológica intensa de interdeterminações responsivas, isto é, em todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas.

Podemos dizer que o ser pensante nas suas manifestações como produtor/responsável pela compreensão de seu enunciado inclui-se em todos os saberes prévios aparentes ou inconscientes ao lado de outros saberes desconhecidos de si, mas em funcionamento na interação social. Para que tal orquestração seja regida e criada uma compreensão pelas partes (eu/outro/outrem), acontecem fenômenos que se misturam e se recriam quando se reconhecem como constituintes da interação através do discurso. Assim, são apresentadas ao sujeito várias formas de enunciados para elaborar a sua enunciação, manifestando seu ponto de vista de acordo com seu horizonte social e sua reação a ele, esperando uma resposta de seu interlocutor. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Após essa ligeira apresentação das propostas do Círculo, explicitaremos os princípios básicos que norteiam a teoria dialógica bakhtiniana, cujos conceitos foram sendo formulados ao longo das observações e análises tanto de grandes obras como a poética de Dostoiévsky e a de Rabelais como de uma interação comunicativa de um pequeno povoado em que o filósofo russo lecionou.

#### 1.4 Enunciado concreto

Nas várias formas de enunciação no momento da comunicação, delas faz parte toda a vivência histórica que perpassa pelo ser durante a interação e também as possibilidades futuras, sugerindo os tipos e vínculos composicionais que em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação determinam o enunciado concreto. É o momento da criação de uma totalidade coerente, em que se articulam todas as partes para a concretização do sentido. É uma construção de um ato que se inicia já pronta, de forma arquitetônica, como uma peça de teatro em que, primeiramente, pensamos no todo para a preparação às possíveis respostas cobradas ao final do espetáculo. “O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc.” (BAKHTIN, 2009, p. 117, grifo do autor).

A criação arquitetonicamente realizada tem como núcleo o indivíduo, que torna realidade as suas impressões constituídas ininterruptamente sobre determinado acontecimento em algum espaço de tempo, como uma centelha de expressão individual em uma fração de um momento insubstituível. Nele estão envolvidas todas as sensações vivenciadas interior e exteriormente no enunciador, somadas às impressões declaradas e às veladas, existentes na relação com seu interlocutor. “A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção” (BAKHTIN, 2009, p. 128)

É a situação de produção que vai permitir a promoção de todos os sentidos próprios e específicos para o acontecimento histórico, que é a enunciação individual. É individual porque o ser humano é único em cada expressão explanada. É individual porque é único em cada pressuposição esperada. É único porque é singular e insubstituível. Seguindo os preceitos de Bakhtin (2003, p. 21), “nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”.

Mas, é individual também porque não é o único indivíduo. Para ser indivíduo necessita da presença do outro, que lhe fornece as condições para se concretizar como ser humano. O outro vai lhe possibilitar uma tomada de atitude por meio da condição real de interação, que é a

comunicação verbal. Para o filósofo russo, “só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética (e eticamente), convincente a finitude humana, a materialidade empírica limitada” (BAKHTIN, 2003, p. 34).

Essa condição existencial no outro se deve ao fato de que cada um é singular e por serem assim movem-se em diferentes direções construídas na visão valorativa do mundo. Dessa forma, em cada situação concreta de comunicação há possibilidades múltiplas de condução e de resposta a dado acontecimento real de comunicação. De acordo com Bakhtin (2003, p. 262),

para cada situação de interação observa-se um emaranhado de caminhos que podem ser direcionados para cada interesse de cada grupo de interlocutores. Neles, serão refletidas “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo por sua construção composicional. [...]. Evidentemente cada enunciado é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados os quais denominamos *gêneros do discurso*” (grifo do autor).

Desde Platão e Aristóteles os gêneros se manifestavam por meio da classificação das espécies e orientam até hoje a ordem dos gêneros. A classificação dos gêneros em *Poética* se faz com atenção às categorias das vozes: lírica para primeira voz, épica para segunda voz e drama para terceira voz. Em Platão, a classificação era realizada de acordo com juízos de valor: epopeia e tragédia, gênero sério; comédia e sátira, gênero burlesco. Em *A República* a classificação era realizada pelas relações entre realidade e representação: a tragédia e a comédia, pertencentes ao gênero dramático ou mimético; a poesia lírica, ao gênero expositivo ou narrativo; a epopeia ao gênero misto (MACHADO, 2010a).

Com o estudo dos gêneros retóricos (jurídicos e políticos) deu-se mais atenção à relação do ouvinte com o enunciado, à conclusibilidade, mas, ainda não atendia à natureza linguística do enunciado, dificultando sua definição (BAKHTIN, 2003).

Com o surgimento da prosa comunicativa fez-se necessária uma inovação dos critérios de classificação dos gêneros, o que Bakhtin considerou o dialogismo do processo comunicativo, em que utilizou a pluralidade das práticas da prosa representada nos romances - objeto primeiro de seu estudo – observada na linguagem carnalizada, na aventura, no fantástico, no grotesco, na experimentação de ideias.

Com o objetivo de amenizar as dificuldades na classificação dos gêneros discursivos, tal a sua heterogeneidade, Bakhtin os separa em primários e secundários. Os primeiros são os mais simples; formam-se nas condições de comunicação discursiva imediata, por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano. Os secundários são mais complexos, pois surgem nas condições de uma relação mais desenvolvida e organizada como o romance, o drama, os diversos tipos de pesquisas científicas, envolvendo a arte, a ciência, a política. Todos os gêneros, primários e secundários, operam com enunciados escritos e orais. “No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2003, p. 263). Pode-se dizer, então, que não ficam estanques na sua configuração, visto um enunciado ser uma resposta a outro enunciado, acumulando direções pelas quais o locutor define suas intenções, utilizando um e outro para atingir a eficácia da interação. Para Machado (2010a), a prosa é uma potencialidade que se manifesta como fenômeno de mediação agindo por contaminação, migrando de uma dimensão a outra, permitindo o surgimento dos híbridos.

O estudo das peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso são grandes aliados para a investigação da historicidade, circunscrita em toda interação comunicativa. A análise dessas diferenças pode definir a natureza dos enunciados e a relação entre linguagem e ideologia, pois os gêneros discursivos (primários e secundários), “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social” (BAKHTIN, 2003, p. 268).

Brait (2005, p. 147), corroborando com o filósofo russo, afirma que no gênero

coexistem diversificadas formas de pensar o mundo e a história humana. Os gêneros discursivos, por mobilizarem diferentes esferas de enunciação, representam unidades abertas da cultura. São depositários de formas particulares de ver o mundo, de consubstanciar visões de mundo de épocas históricas.

Para tal estudo, o filósofo russo definiu certas particularidades constitutivas do enunciado, expostos em *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003):

1ª Alternância dos sujeitos do discurso

2ª Conclusibilidade específica do enunciado - aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso - é a possibilidade de responder a ele, de ocupar uma posição responsiva, em que estão incluídos:

- a) a exauribilidade do objeto e do sentido que é a definição do tema;
- b) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, o qual determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras, a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado. É o momento subjetivo do enunciado;
- c) as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, em que a escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, e em seguida a intenção discursiva do falante é adaptada e aplicada ao gênero escolhido, constituindo-se em uma determinada forma de gênero.

Todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo que nos são dados, quase da mesma forma que a língua materna, com enunciações concretas que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva. Assim, tanto nossos enunciados como a língua materna chegam à nossa consciência e experiência em conjunto – aprendemos a falar construindo enunciados, moldando-os em formas de gêneros e quando ouvimos o discurso alheio já sabemos de sua conclusibilidade.

3ª A relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação discursiva inclui:

- a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros discursivos, definida, antes de tudo, pelas tarefas (ideias) do sujeito do discurso (autor) centradas no objeto e no sentido, determinando suas peculiaridades estilístico-composicionais;
- a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido de seu enunciado, em que o elemento expressivo determina o estilo com a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais. Tal relação não faz parte da língua como sistema, por se apresentarem neutras em relação a qualquer avaliação real determinada, só sendo realizada pelo falante em seu enunciado concreto.

Outro traço constitutivo do enunciado é a entonação expressiva. O filósofo russo afirma: “Um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral” (BAKHTIN, 2003, p.

290), dando sentido à palavra e também ocupando uma ativa posição responsiva em relação a ela. A entonação expressiva transforma a palavra isolada em um enunciado, pois ela irá refletir as intenções do falante e a esperada resposta do interlocutor.

A entonação estabelece um vínculo estreito da palavra com o contexto extraverbal: a entonação viva parece levar a palavra para os seus próprios limites. A entonação está sempre na fronteira do verbal e do não-verbal, do dito e não-dito. Na entonação, a palavra contata imediatamente com a vida. E é antes de tudo na entonação que o falante contata com os ouvintes: a entonação é social *par excellence*” (VOLOCHÍNOV, V. N.” A palavra na vida e a palavra na poesia”. *Zvezdá*, 1929, n.6, pp. 252-3, apud Bakhtin, 2003, p. 449).

Atentando para a palavra pura e simples na sua forma, como estudada pela linguística tradicional, e a palavra expressada com o objetivo da interação comunicativa valorativa, como o Círculo propõe, Bakhtin (2003) concluiu as diferenças entre unidade da língua e unidade da comunicação discursiva, expostas abaixo.

Oração, palavra	Enunciado
1.Unidade da língua	1.Unidade da comunicação discursiva; formas relativamente estáveis e normativas de enunciado
2.Os limites nunca são determinados pela alternância de sujeitos do discurso.	2.Os limites são determinados pela alternância de sujeitos do discurso. Essa alternância converte-se em enunciados, assumindo novas qualidades.
3.Pensamento relativamente acabado, correlacionado com outros pensamentos do mesmo falante, que ao término da oração, dá continuidade, completando o primeiro.	3.Relativamente estável.
4.Não se relaciona com o contexto extraverbal da realidade, nem com as enunciações de outros falantes, carecendo da capacidade de determinadas respostas.	4.Relaciona-se com o contexto extraverbal da realidade, com as enunciações de outros falantes, permitindo respostas.
5.Tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade; possui recursos lexicais, morfológicos, sintáticos	5.Natureza dialógica.
6. Possui conclusibilidade de significação e de forma gramatical, mas de índole abstrata – acabamento do elemento, não do todo. É desprovida da capacidade de determinar imediata e ativamente a posição responsiva do falante	6. Aparece a conclusibilidade - capacidade de determinar a ativa posição responsiva dos outros participantes da comunicação
8.Desprovida de entonação expressiva. Só adquire entonação expressiva no conjunto do enunciado	8. Elemento expressivo é um dos seus elementos constitutivos.
9.Não são dirigidas a ninguém.Só se incorpora ao	9.Tem um destinatário

direcionamento através de um enunciado pleno como sua parte constitutiva	
10. Não pode ser constituído por uma unidade de comunicação.	10. Pode ser constituído por uma unidade de língua; heterogêneo nas formas de composição e dimensão.
11. Repetível, completa (mas não permite uma resposta).	11. Irrepetível, incomensurável.
12. Pode ser analisada isoladamente de acordo com as características lexicais, morfológicas e sintáticas.	12. Não pode ser analisada isoladamente, pois é um elo na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida.
13. Tem significação.	13. Tem sentido.

“À diferença dos enunciados (e dos gêneros do discurso), as unidades significativas da língua - a palavra e a oração por sua própria natureza são desprovidas de direcionamento, de endereçamento” (BAKHTIN, 2003, p. 305); não fazem parte de uma interação comunicativa. Por outro lado, a palavra isolada direcionada é um enunciado acabado, pois há a função valorativa que abarca as expectativas do falante e do ouvinte que responderá a ele, orientado por sua posição axiológica de mundo. “A língua vive e evolui historicamente *na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*” (BAKHTIN, 2009, p. 128, grifo do autor).

A gramática e a estilística, dependendo do foco, podem se separar ou se unir: no âmbito do sistema da língua temos um fenômeno gramatical; no âmbito de um enunciado temos o fenômeno estilístico. Porém, na unidade real do fenômeno da língua, que é o enunciado concreto, devem se combinar, pois só assim haverá uma melhor compreensão de seus elementos. Assim, “o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – palavras e orações” (BAKHTIN, 2003, p. 269, grifo do autor).

É na enunciação que as palavras ganham sentido, pois é por meio delas que nos comunicamos dentro de determinado contexto, “numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 2009, p.111). “Porque a nossa ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento” (BAKHTIN, 2003, p. 298). Como resultado dessa soma de condições as formas de comunicação verbal são crivadas de ideologia.

A vivência constituída no interior é a via para a realização de todo esse complexo relacional da interação verbal. Essa via é realizada através do signo ideológico, cuja codificação é motivada pela experiência exterior, formando a consciência individual. Assim, a sua existência é relativa à consciência do outro. “Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*” (BAKHTIN, 2009, p. 35, grifo do autor).

O signo que abarca todos os signos é a palavra, pois todos dependem dela para a constituição do sentido. E por esta razão é um signo neutro. É na palavra que as formas discursivas se situam, resultando em produções ideológicas de certa esfera social, determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica. Segundo Bakhtin (2009, p. 108), “as formas que constituem uma enunciação completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas pertencentes a um único e mesmo domínio ideológico”.

São as leis sociais e econômicas que determinam a realidade ideológica por meio da palavra, que é “*o fenômeno ideológico por excelência*” (BAKHTIN, 2009, p. 36, grifo do autor). Na sua função de neutralidade na relação social “pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa” (BAKHTIN, 2009, p. 37). A palavra é, pois, o material privilegiado na comunicação social assim como no discurso interior, acompanhando toda criação ideológica. Ela é o resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa que materializa a psicologia social - uma espécie de elo entre a estrutura sociopolítica e a ideologia em seu sentido estrito -, acumulando mudanças e deslocamentos, numa síntese das práticas discursivas historicamente construídas, que passam sem interrupção de um elo a outro, entre uma consciência individual a outra. Qualquer signo ideológico se apoia na palavra, mesmo que por ela não possa ser substituído, pois “*torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída*. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente” (BAKHTIN, 2009, p. 38, grifo do autor).

Dessa forma, é no enunciado concreto que os recursos linguísticos atingem o seu direcionamento real, cujo horizonte é construído através da visão valorativa dos falantes frente aos discursos que os rodeiam além de seus conhecimentos e ideologias, unificados pelo estilo, de que trataremos a seguir.

## 1.5 Estilo

Antes das ideias de Bakhtin, o estilo era analisado como uma forma de expressividade do indivíduo, de um grupo ou de uma época sobre a obra que denotava certa expressão diferenciada na explanação de suas avaliações. De acordo com o filósofo russo, “o estilo é destacado do gênero e da obra e examinado enquanto fenômeno da própria linguagem; a unidade de estilo torna-se a unidade de uma certa linguagem individual [...] ou de uma unidade de fala individual” (BAKHTIN, 2010a, p. 75), compreendido, dessa forma, como sistema de normas linguísticas gerais. Em seu estudo da linguagem baseado nas análises romanescas, Bakhtin concluiu que o romance

é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanescos (BAKHTIN, 2010a, p. 74).

Enfim, toda essa variedade de linguagens e de vozes orquestrada pelo autor, colocando o tema em movimento no tempo e no espaço, estabelecendo ligações entre as enunciações de forma dialogizada, é fundamental para a determinação do estilo do romance ou de outra obra considerada como réplica de algum diálogo, isto é, de um enunciado concreto.

Estilo, na concepção dialógica, é o modo como o enunciador, na relação enunciativa, transforma os vários recursos das diversas linguagens disponíveis e constrói o seu traço característico para a comunicação. Essas escolhas, tanto verbais, de maneira morfológica, sintática e/ou semântica, como verbovisuais, nos elementos que compõem a obra, efetivam de maneira concreta a sua enunciação. Nessa postura irão refletir todas as nuances observadas interior e exteriormente pelo enunciador e, conseqüentemente, pelo destinatário, que é a razão de sua enunciação, seu correspondente imediato no evento da interação.

Confirmando a teoria bakhtiniana, o estilo, para Fiorin (2006, p. 47), “é resultante de uma visão de mundo”, diferenciando certo enunciado de todos os outros com os quais o locutor mantém certa unidade para a produção de sua obra, refletindo a sua compreensão responsiva de acordo com o campo cultural a que pertence. A dialogia constitutiva do estilo pode não ser mostrada no estilo, quando os elementos se apresentam de forma avaliada, contestada, analisada, refratada em relação aos discursos dos outros. Esse conceito pode ser observado na ilustração (p. 82) e na charge (p. 93), enunciados verbovisuais analisados nesta obra, em que os artistas expõem suas ideias de acordo com sua visão sobre os fatos, os quais já sofreram influências de outros tempos, espaços, personagens, avaliações de diversas esferas sociais, com acréscimo da pressuposta visão do leitor. Por outro lado, podem ser examinados os elementos que constituem o estilo quando é incorporada a voz do outro de maneira transparente, como as aspas nas falas da presidente Dilma Rousseff, observadas no artigo de opinião *Mulher, Democracia e Desenvolvimento*, incluído neste trabalho (p. 83).

Toda essa realização implica na totalidade do indivíduo de maneira singular, o qual ocupa um tempo determinado e um espaço definido. Assim, de acordo com Brait (2010, p. 98), “a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que textos, verbais, visuais, ou verbovisuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro”.

O estilo está presente em todos os conceitos em que se baseiam os estudos da linguagem do Círculo. É a atitude responsiva ativa do sujeito a qualquer enfrentamento dialógico, preceito que fundamenta um enunciado. Para Bakhtin (2003, p. 269) “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”, com o qual mantém seu discurso em menor ou maior grau os tons e ecos das enunciações individuais alheias.

A concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, implica sujeitos que instauram discursos a partir de enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos, determinados pela situação e pelos participantes mais imediatos. Na construção do enunciado, segundo Bakhtin (2003, p. 302),

procuo defini-lo de maneira ativa; por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipada exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de

subterfúgios, etc.). Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado (grifo do autor).

Parafraseando Brait (2010) podemos indagar: Onde eu me encontro e de onde eu observo o evento para construir a minha réplica? É na relação com o outro que o estilo se instala. Nos enunciados analisados, observamos o estilo do enunciador na escolha do material da produção de sua obra, em consonância com as vozes e discursos envolvidos nos acontecimentos que os geraram.

Uma das peculiaridades marcantes no estilo é o tom. Por mais superficial que seja um enunciado, ele responde a dizeres de um outro objeto, de um outro fato, de uma outra época e, dessa forma, inclui os sentidos que foram, são e serão refratados - pois o indivíduo é histórico. A entonação permite que a relação entre os participantes de uma interação fiquem a descoberto, observadas as suas expressões e sentidos assumidos, delatados pelo tom irônico, pelo tom de indignação, pelo tom de simpatia etc. Na comunicação oral essa particularidade é transmitida pela entonação expressiva; na comunicação verbal escrita, pela diversidade morfológica, sintática e estilística que a língua oferece; na comunicação verbovisual, pelos elementos gráficos de que o artista dispõe para compor a sua obra. Em cada enunciado está inserida uma ideia correspondente à resposta de uma série de outros enunciados anteriores e posteriores a ele. “A análise estilística, que abrange todos os aspectos do estilo, só é possível como análise de um enunciado *pleno* e só naquela cadeia da comunicação discursiva da qual esse enunciado é um *elo* inseparável” (BAKHTIN, 2003, p. 306, grifo do autor).

Bakhtin classificou os tipos de estilos em: estilo oficial, que são os que não são capazes de inserir uma mínima expressão no enunciado, resultado da relação dos envolvidos com um universo sócio-histórico-cultural específico; estilos íntimos, baseados na máxima proximidade interior do falante com o destinatário do discurso, com uma profunda confiança neste; estilos

neutros ou objetivos de exposição, que mesmo concentrados no objeto envolvem certa concepção do seu destinatário, pois sem ele não há interação comunicativa.

Há, também, o estilo individual, quando reflete a individualidade do locutor, cuja postura axiológica é refratada pelos processos avaliativos frente aos acontecimentos e discursos; e o estilo geral, que engloba todas as áreas da arte. Neste, a construção do material específico de cada obra é baseada na postura axiológica ético-cognitiva da visão de mundo, excluindo, assim, a novidade do conteúdo na arte de criar. Como exemplo podemos citar a classificação estilística do classicismo, do modernismo ou de outro estilo literário em que não há a criação de novos valores, mas o aprofundamento da visão da vida no seu acabamento estético.

Para Bakhtin, a unidade do estilo “só é possível onde existe unidade da tensão ético-cognitiva da vida, indiscutibilidade do antedado guiado por ela” e a “indiscutibilidade e a convicção da posição de distância” (BAKHTIN, 2003, p. 186), numa observação do objeto em relação ao próprio objeto e sua relação com o observador. Nos enunciados analisados dessa pesquisa, podemos relacionar no artigo de opinião e na ilustração (p. 82-83) os percalços do crescimento da mulher e sua importância no desenvolvimento mundial, e no editorial e na charge (p. 93-94), a tensão ético-cognitiva existente nos fatos que os originaram como a influência político-econômico-social na visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil. Tais pontos de vista foram observados e refratados pelos enunciadorees numa perspectiva axiológica, numa reflexão interna dos fatos externos, num confronto de vozes e discursos, de maneira a superar as fronteiras de valores perante a pressuposta visão do leitor. Assim, o autor concretiza seu estilo por meio das escolhas dos materiais para a construção da obra idealizada, definindo o campo de ação para o qual deve ser direcionado certo enunciado, à espera de uma resposta. A visão de mundo, segundo Bakhtin (2003, p. 189),

constrói as atitudes (sendo que tudo pode ser compreendido por dentro como atitude), dá unidade à orientação semântica progressiva da vida, unidade de responsabilidade, unidade de sobrepujança de si mesmo, de superação da vida por si mesma; o estilo dá unidade à imagem externa transgrediente do mundo, ao seu reflexo externo, à orientação para fora, à suas fronteiras.

O estilo de uma obra é o resultado da relação do autor com as peculiaridades constitutivas do gênero discursivo, do qual se utiliza para realizar a comunicação, constituído por um estilo

próprio, somado às relações de sentido das diversas vozes que habitam determinado objeto, analisadas e refratadas pelo autor de maneira dialógica, num envolvimento abrangente, além da relação com a pressuposta visão de mundo do enunciatário. Por exemplo, os enunciados opinativos da esfera jornalística, como artigo de opinião e editorial, têm como peculiaridades constitutivas a argumentação sobre os pontos de vista escolhidos para a explanação das ideias do autor. A diferença entre eles é que aquele tem a autoria expressada na assinatura; este, por se constituir na voz do grupo organizacional da empresa não tem a assinatura de autoria. A charge é constituída por elementos gráficos, cujas figuras trazem um significado expressivo dentro do contexto jornalístico; a ilustração interpreta o texto sobre o qual se refere. Essas características diferenciam o estilo de cada enunciado, que somadas ao estilo individual do autor, sua postura axiológica frente aos acontecimentos e a presumida posição valorativa do público-leitor, participam da construção do enunciado opinativo do jornal *Folha de S. Paulo* (caso de nosso estudo), que tem como base norteadora de seu estilo a crítica, o pluralismo, o apartidarismo, participando da concretização da enunciação.

Seguindo os preceitos de Bakhtin, Fiorin (2006, p. 48) afirma que o estilo é “um dos componentes do gênero”. Ele é o resultado da relação de sentidos de todos os elementos constituintes, internos e externos, que fazem parte da construção de um enunciado concreto, de um gênero discursivo, assim como o tema, sobre o qual trataremos a seguir.

## **1.6 Tema**

Na produção teórica do Círculo, o que determina o conteúdo dos temas, tipos e formas de discurso é a organização entre os indivíduos em determinada situação social que somada às condições da interação verbal resulta na sua enunciação. Na enunciação é expresso o signo ideológico desse grupo de indivíduos, que são os sentidos que podem ser assumidos ou historicamente já assumiram: é o seu tema, “que se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (Bakhtin, 2009, p. 133).

No tema leva-se em conta o enunciado concreto com seus elementos linguísticos/enunciativos representados pela palavra, pelas escolhas sintáticas, fonéticas e morfológicas, pela entonação, cuja presença determina o envolvimento e a compreensão ativa do

enunciador perante a situação histórica vivenciada. Toda palavra usada na fala real, segundo Bakhtin (2009, p. 137, grifo do autor),

possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou *apreciativo*, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo não há palavra.

Não podemos isolar a significação da apreciação, pois, assim, ela perde seu lugar na evolução social viva, tornando-se apenas um objeto abstrato sem identidade e sem estabilidade, qualidades absorvidas provisoriamente no tema, que é histórico.

Além disso, temos os elementos que fazem parte da situação extraverbal que é a identidade dos interlocutores, a finalidade da enunciação, o momento histórico, a ideologia, os discursos que circulam nas enunciações, nos enunciados concretos. “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é que se entende por tema da enunciação” (BAKHTIN, 2009, p. 134).

A escolha dos elementos imagéticos na configuração da ilustração do artigo de opinião *Mulher, Democracia e Desenvolvimento* (p. 82), como a cor, a luminosidade, o tamanho dos desenhos realizados em escalas diferentes, a posição em que se encontram as figuras, o desenho em formato antigo da moldura - remetendo o fato ao passado - refletem a posição avaliativa do desenhista frente aos acontecimentos. Também as vozes e os diversos discursos circundantes, incluindo a posição presumida do leitor, determinam o tema, que é a ideia global da enunciação: a resistência feminina à força masculina.

No interior do tema temos a significação da enunciação, cujos elementos são reiteráveis e idênticos, como as figuras dos calçados configurados na ilustração, anteriormente citada, em padrões diferenciados que, numa relação direta com o tema, sem o qual não significaria, determinam a hierarquia entre os gêneros masculino e feminino. A significação é diferente a cada situação e “pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo” (BAKHTIN, 2009, p. 136).

Seguindo a teoria do Círculo, para William Cereja (2010, p. 202), “o tema se incorpora à significação, de modo que o sistema é sempre flexível, mutável, renovável”. Não há significação sem a relação com a enunciação, que é concretizada pelo tema.

Abaixo relacionamos a dicotomia significação/tema, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2009):

Significação	Tema
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estágio inferior da capacidade de significar.</li> <li>• Estágio mais estável dos signos e dos enunciados.</li> <li>• Podem ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido.</li> <li>• Natureza abstrata.</li> <li>• Tende à permanência e à estabilidade.</li> <li>• Está para o signo.</li> <li>• Está para a língua.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estágio superior da capacidade de significar.</li> <li>• É indissociável da enunciação.</li> <li>• É a expressão de uma situação concreta.</li> <li>• É único e irrepitível.</li> <li>• Participam: os elementos estáveis da significação + elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação.</li> <li>• Resultado final e global do processo da construção de sentido.</li> <li>• É concreto e histórico.</li> <li>• Recria incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele.</li> <li>• Está para o signo ideológico.</li> <li>• Está para o discurso e para a enunciação.</li> </ul>

O ato da compreensão nos permite entender a abrangência da relação tema/significação de maneira ativa e responsiva. É na relação entre os interlocutores e nas respostas que inundam nossa mente, originadas da interação, que a significação de uma comunicação toma corpo, assim como o tema, pois não há significação sem o contexto da comunicação, assim como o tema. O tema, segundo Bakhtin (2009, p. 134, grifo do autor),

*é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. [...] o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com que precede e o que segue, ou seja, ele perderia em suma, o seu sentido.*

Na análise da ilustração já citada, podemos reiterar esse conceito na compreensão da significação das imagens advindas do acontecimento histórico, que foi a eleição de uma mulher para presidente do Brasil, confirmando a posição que a mulher ocupa na sociedade atualmente.

Como resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa determinados pelo tema, construído no contexto histórico e, conseqüentemente, pela mobilidade da significação dos elementos, encontra-se o signo ideológico. Sobre a criatividade ideológica Bakhtin afirma:

Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. *É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral* (BAKHTIN, 2009, p. 33, grifo do autor).

O signo, porém, pode adquirir um sentido além de suas características distorcendo a sua realidade, sendo-lhe leal ou apropriando-a de outro ponto de vista, o que vai depender dos critérios de avaliação ideológica. O signo ideológico nasce no interior da consciência e aí continua a sua vida promovendo a renovação do signo exterior pela emoção, pela compreensão, pela assimilação, com total integração. O fenômeno ideológico por excelência é a palavra, pois toda a sua realidade é absorvida por sua função de signo, podendo ocupar qualquer função ideológica, por ser “neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (BAKHTIN, 2009, p. 37).

A compreensão de um signo ideológico depende da relação de proximidade com outros signos já conhecidos, numa cadeia de natureza semiótica, num processo de interação entre consciências individuais repletas de signos. O verdadeiro lugar da ideologia, de acordo com o Círculo, “é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (BAKHTIN, 2009, p. 35). A função ideológica cria o signo abarcando-o de maneira permanente; signo ideológico e tema se fundem na mesma apreciação. Como exemplo, a referida ilustração (p. 83), cujo tema - resistência feminina à força masculina - materializa o ideológico de superioridade que ainda impregna a consciência masculina, ainda em luta com as mudanças no ideal sócio-histórico.

Corroborando com os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, podemos dizer que o tema de uma obra se apresenta como a materialização da ideologia perpassada na interação comunicativa de determinado campo de ação, numa relação dialógica, sobre a qual nos deteremos adiante.

## 1.7 Relações dialógicas

Na comunicação dialogística, segundo a teoria de linguagem do Círculo de Bakhtin, enunciados são unidades reais de comunicação, não apenas verbais, de sentido, irrepetíveis, assumidos por um enunciador que revela uma posição carregada de emoções, juízos de valores, paixões e sentido direcionado não só a um destinatário, mas também a um superdestinatário, que deve ser visto na sua função no momento da interação.

É na inter-relação com as palavras dos outros que se completa o sentido de um novo enunciado, pois ele é carregado da ideologia historicamente construída, refletida na consciência interior dos interlocutores, com cujos sentidos as relações dialógicas são reveladas. “Chamo sentidos às *respostas* a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (BAKHTIN, 2003, p. 381, grifo do autor). O sentido é sempre dialógico, cuja configuração se encontra em todos os elementos que constituem qualquer enunciado: confiança, aceitação, aprendizado, fronteiras da concordância, combinação das vozes; isto é, sentido sobre sentido num envolvimento de compreensão, configurando-se a vida no diálogo.

Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348).

As tendências sociais estáveis apreendem do discurso de outrem “apenas os elementos da apreensão ativa, apreciativa [...] que são socialmente pertinentes e constantes” (BAKHTIN, 2009, p. 152). A transmissão de tais elementos vai depender para quem o enunciado será dirigido, pois a esse direcionamento é reforçada “a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso” (BAKHTIN, 2009, p. 152), realizada por meio das formas já existentes na língua para a sua transmissão, as quais são definidas pelo campo de ação, ideologicamente constituído.

Baseando-se nos estudos de Bakhtin, Fiorin (2008) afirma que o discurso do outro, citado e separado – discurso direto, discurso indireto, aspas, negação - e o enunciado dialogizado, bivocal – paródia, estilização, polêmica velada ou clara, discurso indireto – são as duas maneiras

básicas de incorporar vozes no enunciado. “Até o discurso direto do autor é cheio de palavras conscientizadas dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 321).

Toda atividade de comunicação verbal reflete e refrata a enunciação de outrem pela relação avaliativa operada no discurso interior, efetuada pelo comentário efetivo de um lado e a réplica de outro, numa inter-relação que “reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal” (BAKHTIN, 2009, p. 154). Esse discernimento avaliativo das apreensões de outrem tem na língua os elementos para esse fim:

- quando transparecem o grau de firmeza ideológica, o grau de autoritarismo e de dogmatismo, mostrando os contornos à volta do discurso citado de maneira nítida, “correspondendo a uma fraqueza do fator individual interno” (BAKHTIN, 2009, p. 156), observa-se o estilo linear de citação do discurso.
- quando a língua permite ao autor replicar e realizar comentários no discurso de outrem, atenuando os contornos exteriores da palavra de outrem, observa-se o estilo pictórico, pela possibilidade de dar “cor” ao enunciado:
  1. “com suas entonações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, o seu encantamento ou o seu desprezo. [...]. O que domina é um certo relativismo das apreciações sociais” (BAKHTIN, 2009, p. 157);
  2. com a dominante do discurso deslocada para o discurso citado, tornando-se mais forte e mais ativo que o contexto narrativo e, conseqüentemente, perdendo a objetividade peculiar na referência ao discurso citado. Se o caso é o reflexo de um idealismo ou de um coletivismo, manifesta-se, então, uma posição individualista, subjetiva em relação à apreensão do discurso. Outras formas de enfraquecimento das fronteiras do discurso citado são observados no discurso indireto sem sujeito e no discurso indireto livre.

As avaliações enunciativas de determinado discurso citado vão depender das condições sociais e econômicas da época, refletidas e refratadas nas formas de enunciação de um grupo de certa esfera social e também da personalidade do locutor. “A relação do autor com o representado sempre faz parte da composição da imagem” (BAKHTIN, 2003, p. 321). É importante, também, “levar sempre em conta a posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de

valores. Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2009, p. 159).

A separação dos conceitos de texto e de enunciado na visão bakhtiniana é de suma importância para o estudo das relações dialógicas. De acordo com Bakhtin, o texto (escrito e oral)

enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento (BAKHTIN, 2003, p. 307).

Uma pesquisa só se inicia com base em um texto aceito convencionalmente por um dado grupo, onde estão colocadas as impressões, vivências, experiências, pensamentos de uma época, além dos aspectos técnicos, cujos elementos podem fomentar um estudo e, dessa forma, serem considerados como pontos de partida para a análise.

Para Bakhtin (2003), para ser considerado enunciado, o texto precisa partir de uma intenção e realizar essa intenção por meio de uma dinâmica inter-relacional, “que reflete todos os textos (no limite) de um dado campo de sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 309). Além do sistema da linguagem que existe por trás de cada texto, o enunciado, assim como o texto, é singular, pois é individual. Essa individualização conduz ao sentido da obra, que ligado a outros textos e a relações dialógicas particulares definem a razão de sua realização como “o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 311).

Seguindo os preceitos bakhtinianos, Fiorin afirma que o enunciado “é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos” (FIORIN, 2006, p. 52). Um texto só é considerado enunciado quando instiga uma resposta de um dos participantes do evento comunicativo, visto ser a alternância dos falantes um de seus elementos constitutivos, delimitando as fronteiras da comunicação verbal; do contrário, é apenas um receptáculo das ideias de uma determinada época, refletindo o discurso de um determinado grupo de certa esfera social. O enunciado em sua plenitude, de acordo com Bakhtin (2003, p. 313), “é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros

enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro”.

As relações no interior de um texto refletem e refratam as avaliações apreendidas no discurso de outrem, que num movimento contínuo mantêm relações dialógicas com a obra, à espera de uma resposta de seu interlocutor, o qual lhe dá um sentido. Confirmamos todo esse aparato com as palavras de Bakhtin (2003, p. 320) de que os sentidos “estão divididos entre vozes diferentes”. Continuando na representação de vozes no enunciado concreto, o filósofo russo afirma que em cada palavra “há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente” (BAKHTIN, 2003, p. 330), não existindo palavras sem a voz de alguém.

Quando essas vozes representam o outro de maneira autônoma, independente da voz e da vontade do autor, permitindo que elas se definam e assim possam refletir as consciências de outras consciências, observa-se a polifonia. Bakhtin (2010b, p. 4-5, grifo do autor) afirma:

*A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor; mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante.[...]. Dostoiévski é o criador do romance polifônico.*

Mesmo que Bakhtin, por meio das observações e análises sobre a poética de Dostoiévsky, tenha determinado a polifonia como uma peculiaridade do romance, nada impede que em outras formas de criação artística possam ser encontradas características que levem à comprovação de sua presença. Isso, porque a história se modifica no decorrer das transformações ideológicas e com elas as avaliações sociais e, conseqüentemente, a linguagem, com o seu dialogismo interior, com a palavra bivocal.

No limiar das fronteiras de um enunciado visando à experimentação da verdade, Bakhtin observou a carnavalização como um elemento contribuinte para o estudo das relações dialógicas.

A coroação bufa e o posterior destronamento do rei do carnaval é a ação principal do carnaval. “Coroa-se o antípoda do verdadeiro rei – o escravo ou o bobo, como que se inaugurando e se consagrando o mundo carnavalesco às avessas” (BAKHTIN, 2010b, p. 142), num triunfo sobre a mudança e não sobre o que muda. A carnavalização focaliza a ambivalência das imagens: nascimento/morte; benção/maldição; elogio/impropérios; mocidade/velhice; alto/baixo; face/traseiro; tolice/sabedoria. Também, há o emprego de roupas pelo avesso, calças na cabeça, utensílios como armas etc. numa violação ao que é comumente aceito. Até o riso carnavalesco é ambivalente. Na Antiguidade e na Idade Média ele era relacionado às relações com a morte e o renascimento, fundindo-se a ridicularização e o júbilo de acordo com a relação entre o homem, a divindade e o universo, podendo ser resolvidas questões intratáveis de maneira séria. O riso carnavalesco “abrangia e interpretava o fenômeno no processo de sucessão e transformação [...]: na morte prevê-se o nascimento, no nascimento, a morte, na vitória, a derrota, na derrota, a vitória, na coroação, o destronamento, etc” (BAKHTIN, 2010b, p. 189); os dois polos da formação em renovação criativa.

No carnaval, segundo Bakhtin (2010b, p. 140),

forja-se, em forma concreto-sensorial semirreal, semirrepresentada e vivenciável, *um novo modus de relações mútuas do homem com o homem*, capaz de opor-se às onipotentes relações hierárquico-sociais da vida extracarnavalesca. O comportamento, o gesto e a palavra do homem libertam-se do poder de qualquer posição hierárquica (de classe, título, idade, fortuna) que os determinava totalmente na vida extracarnavalesca, razão pela qual se tornam excêntricos e inoportunos do ponto de vista da lógica do cotidiano não carnavalesco.

Várias são as categorias do carnaval bakhtiniano, como a *excentricidade*, que relacionada com a categoria do *contato familiar* permite que sejam revelados e expressados os aspectos ocultos da natureza humana. As *mésalliances carnavalescas*, também relacionadas com a familiarização, permitem a todos os contatos fechados, separados uns dos outros pela hierarquia extracarnavalesca, a entrarem em combinações. “O carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc.” (BAKHTIN, 2010b, p. 141), conduzindo, às vezes, à *profanação*, outra categoria da carnavalização. De acordo com Bakhtin (2010), essas categorias

se formaram ao longo dos tempos entre as massas populares da sociedade europeia, exercendo grande influência na formação dos gêneros.

Para Bakhtin, “a carnavalização permite ampliar o cenário estreito da vida privada de uma época limitada, fazendo-o atingir um *cenário dos mistérios* extremamente universal e universalmente humano” (BAKHTIN, 2010b, p. 205, grifo do autor), transformando-se em valioso meio de interpretação artística da vida, por meio de uma linguagem simbólica de grande profundidade.

A verdade carnavalizada se ancora num rastro de provocação, remetendo ao diálogo interno, orientado “para um tipo peculiar de contrato entre autor e leitor, compatível com o limiar da própria verdade” (DISCINI, 2008, p. 86). Esta verdade pode ser externa e interna. A simplificação da carnavalização se faz externamente, expondo-se claramente, como a risada escandalosa; é interna na cosmovisão carnavalesca profunda, que leva à ambiguidade relacional.

É na simultaneidade de contrários - a ambivalência organizadora das partes que constituem as imagens - possibilitando o destronamento, que se consolida a verossimilhança interna na criação do herói carnavalizado, a qual criação responde à voz do leitor, fortalecendo a polifonia. É na coexistência dos tempos, que caracteriza o tempo do limiar – elemento constitutivo da carnavalização -, destruindo a previsibilidade, consolidando-se o inacabamento, também constitutivo da carnavalização bakhtiniana.

Podemos relacionar tal conceito com os desenhos da charge analisada no presente estudo, referente à visita do presidente americano (p. 93), cujas caricaturas dos chefes de governo - na visão do artista e pressupondo a posição do leitor - estão configuradas no exagero de seus aspectos físicos marcantes, colocando em evidência os polos destronamento/coroação; tolice/sabedoria, referentes a Barack Obama e Dilma Rousseff. Também observamos a carnavalização bakhtiniana na representação do avião presidencial no mesmo local onde se encontram algumas aves, o que na realidade seria inconcebível.

Para a compreensão das vozes inseridas na obra construída autor e leitor precisam estar em conformidade, a fim de perceberem a abrangência do todo intencional veiculado. Seguindo os preceitos de Bakhtin, a polifonia de uma obra, de acordo com Discini (2008, p. 72), “diz respeito à multiplicidade de vozes que, orientadas para fins diversos, se apresentam libertas do centro único incorporado pela intencionalidade do autor” e são ligadas entre si por relações dialógicas.

Quando a multiplicidade de vozes é revelada por meio do mutismo – ausência da palavra consciente – numa inter-relação verbal, observa-se a ironia.

A ironia, de acordo com Brait (2008b, p. 14),

tanto pode revelar-se via um chiste, uma anedota, uma página literária, um desenho caricatural, uma conversa descontraída ou uma discussão acirrada, espaços “institucionalizados” para o aparecimento de discurso de humor, quanto em outros, como a primeira página de um jornal sério e que não tem por objetivo divertir seus leitores.

A postura irônica está diretamente relacionada a valores sociais, culturais, morais etc. provocando efeitos de sentido de forma histórica e social, utilizados, geralmente, com fins de denúncia. “A ironia tem alguma coisa mais elevada que a bufonaria. Pela primeira, faz-se uma brincadeira em vista de si mesmo, enquanto o bufão ocupa-se do outro” (ARISTOTE, 1991 apud BRAIT, 2008b, p. 24). Para Aristóteles a ironia é considerada uma atitude humana.

Durante o processo de enunciação irônica pode ser deflagrado um humor representativo em suas entrelinhas, instaurado por vários interlocutores. A charge incluída nessa pesquisa (p. 93) é um exemplo de ironia interdiscursiva na representação de um momento histórico entre Brasil e Estados Unidos, em que o artista recorre a materiais específicos para a construção de sua obra como uma resposta aos discursos circundantes.

Para Bergson (1980 apud BRAIT 2008b, p. 42), a ironia consiste em enunciar “o que deveria ser, fingindo-se acreditar ser precisamente o que é”, definindo-se, portanto, a ambiguidade como sua propriedade. A ironia, segundo Freud, “só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer” (1969 apud BRAIT, 2008b, p. 55), numa confraternização de sentidos, possibilitando o estabelecimento de relações dialógicas. “O sentido é personalista; nele há sempre uma pergunta, um apelo e uma antecipação da resposta, nele sempre há dois (como mínimo dialógico)” (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Segundo Brait (2008b, p. 126),

a ironia é produzida, como estratégia significante, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada da perspectiva da enunciação e, mais diretamente, do edifício retórico instaurado por uma enunciação. Isso significa que o discurso

irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla leitura, isto é, linguística e discursiva. Esse convite à participação ativa coloca o receptor na condição de co-produtor da significação, o que implica necessariamente sua instauração como interlocutor.

Corroborando com o Círculo de Bakhtin, Brait (2008b) afirma que numa interação comunicativa a ironia coloca em cena os sentidos do discurso. Esse conceito muito colabora para a compreensão de enunciados midiáticos opinativos, pelas possibilidades analíticas na avaliação dos sentidos que os constituem, observados nas escolhas das materialidades de cada enunciado. Assim, é realizado o diálogo interno e externo com as diversas vozes de cada participante da interação comunicativa, numa réplica contínua. Nessa interação são revelados valores implícitos, cujas denúncias são crivadas de intenções, refletindo a ideologia da empresa jornalística e do autor.

Um dos conceitos mais complexos desenvolvido pelas análises de Bakhtin para o estudo do dialogismo é o da resposta, que movimentava o acontecimento na sua realização no tempo e no espaço. Pergunta e resposta, de acordo com Bakhtin (2003, p. 408), “não são relações (categorias) lógicas; não podem caber em uma só consciência (una e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca”.

Para esse distanciamento, Tzvetan Todorov utilizou o termo *exotopie* num de seus primeiros livros: *Mikhail Bakhtine: Le prince dialogique* (1981), sendo aceito pela comunidade de estudiosos e tradutores por interpretar de maneira coerente a ideia de Bakhtin (MACHADO, 2010b).

O processo de exotopia possibilita um excedente de visão, capaz de posicionar os elementos do acontecimento de forma a se tornarem pontos de vista, cujos acessos extrapostos são projetados num contínuo movimento para fins de acabamento do fenômeno da interação, que é progressivo, sendo o seu inacabamento determinante para que o sentido dialógico nas relações perdure. Este é o mundo das relações arquitetônicas nomeado por Bakhtin, o qual afirma que a “arquitetônica do mundo da visão artística não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também os de sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 127). E dessa maneira “exprime a qualidade das relações que não se

oferecem diretamente ao olhar, mas se manifestam como projeção” (MACHADO, 2010b, p. 204).

Bakhtin explica claramente como se realiza esse processo, utilizando como imagem o momento do desabrochar de uma flor:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2003, p. 23).

Espaço e tempo são os elementos que possibilitam a realização arquitetônica da exotopia, visto realizar-se pela ocupação do lugar de outro indivíduo de maneira axiológica, cujos valores refletidos são refratados e revelados a partir de “um determinado processo histórico dos acontecimentos” (BAKHTIN, 2003, p. 241).

Seguindo os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, Irene Machado (2010b) confirma que o espaço das relações dialógicas se define em função das interações em jogo no campo de visão e naquilo que o excede. A estudiosa da linguagem afirma:

O tempo dialógico é examinado na dinâmica do texto social da cultura onde as manifestações podem ser situadas em seu caráter conceitual, atual e sensorial. O tempo dialógico pode ser assim dimensionado pelas condições antropológicas. [...]. Tempo e espaço [...] são transformações semióticas de vivências em sistemas culturais produtores de sentido (MACHADO, 2010b, p. 209).

Para designar a influência do tempo e do espaço na determinação das atitudes das personagens em suas análises narrativas, Bakhtin utilizou uma metáfora conceitual: cronotopo, a qual se refere a uma teoria sobre “sistemas de sistemas” da atividade nervosa, ouvida pelo filósofo russo numa conferência do fisiologista A. A. Ukhtomski, em Leningrado, 1925 (MACHADO, 2010b, p. 214).

O cronotopo bakhtiniano (BAKHTIN, 2010a, p. 349, grifo do autor), “determina a unidade artística de uma obra literária no que ela diz respeito à realidade efetiva. [...]. A arte e a literatura estão impregnadas por *valores cronotópicos* de diversos graus e dimensões. Cada momento, cada elemento destacado de uma obra de arte são estes valores”, que podem se inter-relacionar dialogicamente. Mesmo estando na obra de uma forma global, o diálogo, assim como cada um de seus cronotopos, não entram na representação da obra, mas no mundo dos participantes do evento: autor, intérprete, ouvinte e leitor que são também cronotópicos.

Segundo Bakhtin (2010a, p. 358, grifo do autor).

esses seres reais, autores e ouvintes-leitores, podem se encontrar (e frequentemente se encontram) em tempos-espacos diferentes, separados às vezes por séculos e por distâncias espaciais, mas se encontram da mesma forma num mundo uno, real, inacabado e histórico que é separado pela fronteira rigorosa e intransponível do mundo *representado* no texto. Por isso nós podemos chamar esse mundo de *criador* do texto [...]. Dos cronotopos reais desse mundo representado, originam-se os cronotopos refletidos e *criados* do mundo representado na obra (no texto).

Nesse momento de encontro dialógico há uma troca enriquecida, entre o mundo representado pela obra e o mundo real, realizada num mundo social desenvolvido no decorrer da história ou realizada na vida, numa criação particular de uma obra.

Assim finalizamos a explanação dos principais conceitos da teoria da linguagem na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin.

No próximo capítulo trataremos, inicialmente, de esclarecer alguns pontos pertencentes à esfera jornalística para um melhor posicionamento a respeito do conteúdo da pesquisa. Situaremos, a seguir, os enunciados opinativos da esfera jornalística selecionados para a composição do presente trabalho, em que realizaremos a análise das relações de sentido de cada enunciado por meio da observação de alguns fios desse processo, concretizados no tema, na forma composicional, no estilo e no dialogismo com as vozes e os discursos que habitam o universo sócio-político-cultural do qual fazem parte.

## **2 CAPÍTULO**

### **MÍDIA IMPRESSA**

#### **2.1 Apresentação**

Embora pertencentes a linhas diferentes em relação ao Círculo de Bakhtin, Patrick Charaudeau, da *Análise do Discurso*, e José Marques de Melo, do *Jornalismo*, por tratarem sobre a mídia, foram autores imprescindíveis para chegarmos às devidas considerações sobre as características específicas dos textos midiáticos, úteis no desenvolvimento de nossa pesquisa, porém, sem a interferência teórica na análise desses enunciados realizados na perspectiva dialógica da linguagem. A soma de diferentes princípios culminou num diálogo direcionado ao sujeito participante da construção de uma sociedade responsável, a qual diz respeito a todos e a tudo. ”Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é preche de resposta” (BAKHTIN, 2003, p. 271). Assim, direcionando as questões analisadas sob diferentes aspectos a formarem um elo de sentidos na cadeia da comunicação midiática, foi-nos possível uma explicitação sobre a construção da intenção enunciativa e a sua realização de maneira abrangente. Partindo de alguns segmentos que participam da construção midiática, pretendemos mostrar neste capítulo alguns caminhos por eles percorridos, influenciando diretamente a constituição de gêneros opinativos veiculados pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

#### **2.2 A comunicação da informação**

A necessidade da informação pela sociedade torna concreta a busca pela atualidade pelos canais de difusão, impulsionados pelos anseios da coletividade a reproduzir os acontecimentos, objetivando informar e orientar. “Ou seja, a essência do jornalismo está no fluxo de informações da atualidade” (MELO, 2003, p. 15). O jornalismo, de acordo com Melo (2003, p. 17),

é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos).

Para Cardoso (2003), a palavra no jornalismo é uma mediação entre fontes e leitores. O locutor desaparece em seu próprio enunciado através do dizer impessoal, identificando-se com o leitor, convergindo para o papel de observador de um terceiro (o não-sujeito) que os aproxima, enfocando a objetividade. Dessa forma, o jornalismo reproduz o mundo inserindo no enunciado locutor e interlocutor, semantizando os discursos das fontes, produzindo novos enunciados com sentido e significação no contexto dado. Por terem limites no tempo, no espaço e nas páginas, os enunciados do jornal já expõem fragmentos dos acontecimentos.

Mesmo sendo a objetividade um parâmetro desejado pela linha editorial dos principais meios de comunicação para a veiculação das informações, é quase impossível sua concretização, pela influência daquele que reproduz o visto e o ouvido ao qual acrescenta toda a sua vivência, experiências, desapontamentos, erros e acertos e, da mesma forma, daquele que é a fonte de informação. Assim, por força da natureza humana, o que é transmitido através de palavras, como no editorial e no artigo de opinião, ou de representações gráficas, como na charge e na ilustração, é a interpretação de quem o realiza acrescido da visão esperada de seu interlocutor. De qualquer forma, segundo Rossi (2000, p. 11), “a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros na linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil”.

Para a definição do caminho a percorrer por todos os que participam da construção do jornal é estipulada a pauta, pela qual será configurado o evento. Para Rossi (2000), a pauta orienta repórteres e informa as chefias, os diretores e/ou proprietários das diversas publicações sobre o trabalho a ser realizado pela redação, colocando já no início do trabalho jornalístico uma limitação e uma deformação. Tais qualidades complementam-se com o sistema da cobertura, garantindo a orientação dos fatos, que devem seguir a pauta editorial estipulada com caráter decisivo na escolha das informações. A fonte é outra interferência no processo de construção, podendo ser taxativa no envolvimento do jornalista com o fato, que deve ser escolhido de acordo com o editorial da empresa.

Outro artifício que também conduz à limitação no jornalismo é o estilo assumido pelo órgão de comunicação, o qual regulamenta o ato de escrever um texto. Considerado como um recurso de grande valia na correção gramatical, o copidesque exerce vigilância sobre a construção informativa, pois “funciona como primeiro filtro pelo qual passa a produção do repórter – o que já ocasiona uma primeira distorção entre a narração do que aconteceu, na visão do repórter, e o que será publicado” (ROSSI, 2000, p. 28). O que escapa da sua apreensão, de acordo com Melo (2003, p. 85), “é justamente o espaço em que o jornalista exerce alguma influência pessoal ou corporativa na angulação dos acontecimentos divulgados”. São os gêneros opinativos que concretizam essa movimentação de diferentes pontos de vista que despontam da empresa, do jornalista, do colaborador e do leitor, expandindo o valor do fato no texto.

Segundo o novo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em seu artigo 4º, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação” (apud BUCCI, 2009, p. 93). Essa liberdade de expressão está diretamente relacionada ao compromisso para com o cidadão, que assumindo seu dever e direito irá tirar suas próprias conclusões sobre o acontecimento, pois, segundo Bakhtin (2009, p. 67), “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”. Corroborando com o filósofo russo, Rossi (2000, p. 7) diz que o jornalismo

independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens.

O grau de independência, segundo Bucci (2009), pode ser examinado por meio de indicadores que emergem dos valores da cultura política em relação aos padrões de informação que a sociedade produz e consome, como quem paga as contas da publicação, quem paga aos jornalistas, a quem presta contas à redação. Também a independência será comprometida, assim como a liberdade, se houver predominância de um grupo particular de anunciantes com poder de

comprometer o faturamento do veículo. Além desses indicadores o levantamento das fontes de uma publicação pode refletir o comprometimento a elas. Para Bucci (2009, p. 20), é preciso

que exista consonância entre o que se diz fazer, o que se faz e os métodos pelos quais se faz. É preciso que estejam claras as barreiras contra interesses estranhos ao propósito anunciado. Assim é que o público tem razão de se perguntar: quem é confiável no meio dessa barafunda?

Podemos dizer que é na transparência com os compromissos assumidos que se expressa a independência, mesmo com todas as diferenças prementes na cultura, na religião, na economia, na política, na geografia, numa relação direta com o discurso da informação referente a qualquer acontecimento, assunto sobre o qual falaremos a seguir.

### **2.3 O discurso da informação**

Os efeitos de verdade do discurso de informação são modulados de acordo com as razões de o porquê informar, quem informa e quais são as provas, permitindo a si o poder de dizer, quando a informação foi pedida, ou transmitindo-a por iniciativa própria, quando não houve pedido. Esse entrecruzamento de itens permite uma visão do espaço midiático, que pode ser transformado em credibilidade e, conseqüentemente, em captação de receptores. O crédito que se pode dar a uma informação, para Charaudeau (2010, p. 52, grifo do autor),

depende tanto da *posição social* do informador, do *papel* que ele desempenha na situação de troca, de sua *representatividade* para com o grupo de que é portavoz, quanto do *grau de engajamento* que manifesta com relação à informação transmitida.

Para atender a um público maior, sem maiores chances de cair no vazio, as mídias procuram nivelar o seu discurso a certo grau de dificuldades com a finalidade de abarcar um maior número de cidadãos. Para atingir a este fim, dependendo do objetivo de seu quadro organizacional, promove certa vulgarização das informações por meio de simplificações.

Como a atividade midiática consiste em transmitir informação a um público que “reconstrói implícitos a partir de sua própria experiência social, de seus conhecimentos e

crenças“ (CHARAUDEAU, 2010, p. 59), a compreensão da informação pelo cidadão torna-se uma incógnita. O seu entendimento não pode ser prejudicado pelo responsável de sua construção nem esperada sua adesão aos implícitos informativos, pelo inesperado e insólito da personalidade humana e das muitas possibilidades situacionais de comunicação.

Coincidindo com os preceitos do Círculo de Bakhtin, Charaudeau (2010) afirma que é a situação de comunicação que estabelece o grau vário do discurso, a cointencionalidade, baseada no acordo prévio entre emissor e receptor sobre os dados e o reconhecimento das condições de realização da troca linguageira. Há também os elementos discursivos, como o espaço da locução, em que o falante conquista seu direito de falar, o espaço de relação e o espaço de tematização. Apenas em parte o contrato é previsto pelos participantes, visto o poder de escolha da manifestação da fala, a individuação. “Nenhum ato de comunicação está previamente determinado”, de acordo com Charaudeau (2010, p. 71).

A comunicação midiática, na sua esfera de comunicação, depende da instância de produção que compreende a direção do organismo de informação, direção do organismo da programação e direção do organismo da redação das notícias e os operadores técnicos. Há também a instância de recepção que é o público. Se ao público não é concedida nenhuma relação participativa perante certa mídia, sua identidade social permanece ignorada e desconhecido o seu status social, o que não permite pressupor a sua maneira de apreender, compreender e interpretar as informações reportadas. No entanto, se a referência é a do público da mídia impressa, este é prefigurado pela editoria por meio dos assinantes e dos leitores que se manifestam na seção de cartas do leitor. Assim, a uma segmentação do público leitor que corresponde ao horizonte social ao qual o jornalista destina seu texto, é possível a relação dialógica entre os interlocutores, cuja vivência objetiva o acordo ou o desacordo dos sentidos de tal confronto. Essa relação vai depender do conhecimento, das opiniões, das crenças e das apreciações motivadas pelas necessidades e desejos de determinado público. Dessa maneira, a grande variedade dos componentes que participam dessa atividade está em relação direta com a concretização do ato dos interlocutores, conduzindo-os à sua finalidade discursiva.

Para Charaudeau (2010), a finalidade do contrato de comunicação midiática se acha numa tensão entre o fazer saber e o fazer sentir, que prevalece sobre o fazer saber, mascarando-o. Em

nome da credibilidade e da captação, a emoção se faz presente num discurso em que a comunidade privilegia o sentimento, numa espécie de armação delimitada pelos pontos de vista.

O olhar do sujeito produtor e o olhar do sujeito interpretante influenciam diretamente a construção do sentido da informação. O primeiro transforma o acontecimento em algo significativo de acordo com seu potencial de atualidade, de socialidade e de imprevisibilidade, cujo propósito é a notícia. A captação do público é seu objetivo maior. O segundo reestrutura o acontecimento de acordo com sua inteligibilidade, numa lógica hierarquizada, dependendo de toda a sua vivência e experiência, além de seus conhecimentos e crenças.

Todo esse aparato está subordinado às estratégias utilizadas no contrato midiático de comunicação baseadas em restrições de credibilidade, captação e instruções, impondo um modo de organização do discurso e um ordenamento temático para a construção da notícia por meio dos modos discursivos em função dos dispositivos pelos quais ela passa. O espaço público, constituído por instituições políticas, organizações cidadãs e mídias de informação, é que orienta os caminhos desse lugar particular, proporcionando o debate social pelo confronto de falas diversas.

Para Charaudeau (2010), a imprensa é uma mídia eficaz em tudo o que aprofunda a informação sobre as prováveis consequências dos acontecimentos como nas análises e comentários, nos editoriais, nas tribunas e reflexões, nas crônicas, de um lado, e nas narrativas, nas notícias locais e na montagem de dossiês, por outro lado. Porém, é preciso que os atores desse espaço saibam falar a língua da mídia. O material escrito representa o mundo como ele se apresenta até aquela edição, envolvendo os acontecimentos no espaço e no tempo do leitor. “A escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade” (CHARAUDEAU, 2010, p. 113).

Entre o instante do surgimento do acontecimento e o instante do consumo da notícia ou a recepção das opiniões sobre o fato, são determinados os modos discursivos. Estes refletem os critérios em que foram baseadas as escolhas temáticas na sua efemeridade e na sua a-historicidade para uma possível captação de novos conhecimentos, sem a preocupação da continuidade. Tudo isso em função da emoção ou interesse do público, de acordo com o grau de importância atribuído.

Considerando a articulação entre ao acontecimento real, a sua expressão jornalística e a sua apreensão pela coletividade, Melo (2003) percebe as diferenças entre gêneros informativos e gêneros opinativos. Sobre a mesma tese, Charaudeau (2010) discorre acerca dos modos discursivos midiáticos, argumentando corresponderem à situação de comunicação midiática que são: relatar o que acontece ou aconteceu no espaço público; comentar o porquê e o como do acontecimento relatado, por análises e pontos de vista diversos; provocar o confronto de ideias com auxílio de diferentes dispositivos. Por meio de estratégias, o acontecimento é levado ao conhecimento de alguém tornando notícia, podendo ser conduzida a especulações opinativas. Segundo Charaudeau (2010, p. 151), o acontecimento

antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público.

Podemos concatenar o objeto do acontecimento, na visão da Análise do Discurso com Charaudeau, com a teoria dialógica, na referência do filósofo russo ao problema do conteúdo, com a seguinte afirmação:

Este ou aquele ponto de vista criador, possível ou realizado de fato, só se torna necessário e indispensável de modo convincente quando relacionado com outros pontos de vista criadores; só quando nas suas fronteiras nasce a necessidade absoluta desse ponto de vista, em sua singularidade criativa, é que ele encontra seu fundamento e sua justificação sólida; mas no seu próprio interior, fora da sua participação na unidade da cultura, ele é apenas um mero fato, e sua singularidade pode ser representada simplesmente como um arbítrio, como um capricho (BAKHTIN, 2010, p. 29).

As duas vertentes linguísticas focam o objeto do acontecimento como uma resposta a pontos de vista: da máquina midiática, de um lado, na sua regulamentação, e do sujeito responsivo, de outro, na sua participação. A percepção valorativa do objeto em dada esfera comunicativa pode acarretar posicionamentos diversos e, como efeito, outros objetos a estarem em foco.

O acontecimento na mídia tem sua origem nas falas exteriores a ela, que são os especialistas do saber sobre o fato, com as quais a organização se legitima através da credibilidade dessas vozes pela sociedade. Motivadas pelos acontecimentos da atualidade colocam em evidência sua direção ideológica, resultando numa verdade construída com fins de apreensão e persuasão.

Contendo este presente trabalho para análise apenas discursos opinativos, como editorial, artigo de opinião, charge e ilustração, deter-nos-emos à situação de provocar o acontecimento, segundo Charaudeau (2010), ou à de orientar, segundo Melo (2003), visto constituírem-se como orientadores na construção da opinião no espaço em que são produzidos os acontecimentos, promovendo o debate social de acordo com o ponto de vista do público-leitor.

Para que tal processo se concretize com sucesso, à imprensa escrita é exigida visibilidade pelos leitores nas páginas na composição das notícias, legibilidade na exposição dos ditos e feitos, inteligibilidade no esclarecimento das notícias e dramatização com fins de captação.

De uma forma geral, o acontecimento, assim como a opinião, repassado pela imprensa para o pressuposto público, não deixa de ser uma construção baseada na interpretação do jornalista ou intermediários e na tendência manipuladora dos eleitos a transmitirem suas idéias. As escolhas dos acontecimentos a que se referem são impostas pela mídia em função do tempo, do espaço e do acidente, selecionando o que participa da “desordem do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 254), num jogo de oferta. Dessa forma, o público leitor fica à mercê da mídia numa cadeia de deformação e divulgação dos acontecimentos, numa constante de influências produzidas pelos efeitos desses discursos.

O público espectador/leitor espera com fascinação o mundo das mídias com a ilusão do autêntico, cujas consequências das possíveis escolhas estão diretamente relacionadas aos efeitos tirânicos da venda dos jornais, à pressão dos padrões da imprensa e à medição quantitativa da audiência. Assim, a informação dos acontecimentos do mundo como finalidade da existência das mídias não passa de uma desculpa para a sua espetacularização, contrariando o discurso de Rui Barbosa (apud BUCCI, 2009, p. 25): “Todo o bem que se haja dito, e se disser da imprensa, ainda será pouco, se a considerarmos livre, isenta e moralizada. Moralizada, não transige com os abusos. Isenta, não cede às seduções. Livre, não teme os potentados”.

A postura responsável de Rui Barbosa, representada em suas palavras, afina-se com a concepção dialógica da linguagem a respeito da posição que o sujeito ocupa na vida: “O indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável: todos os seus momentos devem não só estar lado a lado na série temporal de sua vida mas também penetrar uns nos outros na unidade da culpa e da responsabilidade” (BAKHTIN, 2003, XXXIV). Por outro lado, a responsabilidade jornalística fica sem sujeito, numa constância de deformidades que envolvem os discursos para atingir os propósitos da empresa, portanto, não vinculada às ideias do Círculo sobre a linguagem dialógica. Sustentando a participação do sujeito como ser ativo e responsável no momento da interação comunicativa, Bakhtin (2009, p. 117) afirma:

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc.. Quanto mais acultuado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, [...].

Nessa divergência de posturas, a análise das relações dialógicas de enunciados opinativos da mídia impressa baseada nos preceitos teóricos do dialogismo bakhtiniano, torna-se útil para o desenvolvimento crítico no universo escolar pela possibilidade de uma tomada de posição do leitor, resultante da visão esclarecedora sobre os fatos. Visando a este objetivo, a escolha do jornal *Folha de S. Paulo* foi de grande valia, como veremos adiante.

#### **2.4 O jornal *Folha de S. Paulo***

O diretor de redação da *Folha de S. Paulo*, Otávio Frias Filho (apud HERNANDES, 2006, p. 184), diz que o consumidor da mercadoria jornal “é um indivíduo que tem certas expectativas e certas exigências em termos intelectuais, que estão num patamar um pouco acima da sociedade como um todo”. Isto, porque lendo jornais ele se sente como parte de um mundo com o qual colabora na sua construção, participando da formação de opinião originada das informações jornalísticas, responsável pela constituição do espaço público com seus valores, crenças, ideologias. De certa maneira corresponsável pelo mundo em que vive, podendo agir como medidor da qualidade informativa.

De acordo com o Manual da Redação (2010), o jornal *Folha de S. Paulo* tem como alguns de seus objetivos produzir um jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário. Para que tal aconteça é necessário dar maior originalidade na identificação dos temas a serem objetos de apuração, bem como uma focalização mais precisa de sua abordagem, além da observação detalhada dos acontecimentos, redação clara e precisa, atitude de independência, edição pluralista e criativa, organização crítica e hierárquica das notícias. O jornal *Folha de S. Paulo*, além disso, segundo Rossi (2000, p. 64), “elegu a independência absoluta em relação a partidos e governos em geral como sua bandeira”.

A *Folha de S. Paulo* preza pelo planejamento desenvolvido pela equipe, que conta com o planejamento do editor que desburocratiza, distribui e descentraliza as funções de trabalho. A discussão em equipe também é de grande relevância para a empresa, em que fatos e ideias são ampliados, enriquecendo os debates realizados de maneira franca e pertinente. Dessa forma é determinada a pauta do dia, objeto do trabalho da equipe. Tudo isso de acordo com o Manual de Redação da *Folha de S. Paulo* (2010) na busca da objetividade jornalística e o distanciamento crítico, fundamentais para garantir a lucidez quanto ao fato e seus desdobramentos concretos.

Com a finalidade de escapar do lugar-comum, a dúvida, a curiosidade e o entusiasmo são elementos do diferencial, em que “o jornal pode surpreender e inquietar o leitor, bem como pôr em xeque ideias feitas” (MANUAL DE REDAÇÃO, 2010, p. 23), acrescentando conhecimentos sobre os fatos, instigando-o a tomar uma posição.

Para melhor orientar o leitor da *Folha de S. Paulo*, a diagramação da edição é realizada visando às principais funções da organização textual e, dessa forma, à pressuposição de que os assuntos abordados apareçam hierarquizados por ordem de importância, num reconhecimento imediato, visual. “Na Folha, espera-se que o leitor tome conhecimento do resumo e da hierarquização das principais notícias por meio da primeira página e, depois, graças à divisão e à ordem dos cadernos, decida o que ver.” (HERNANDES, 2006, p. 197). Os gêneros opinativos editorial, artigo de opinião e charge encontram-se na segunda página, que é a página de Opinião; a opinião ilustrada encontra-se na terceira página, que é a de Tendências e Debates. Assim, o leitor interessado em um posicionamento crítico sobre assuntos da atualidade sabe onde encontrá-lo, graças a esse contrato entre leitor e jornal.

No jogo de interesses por detrás dos fatos, é importante o jornalista da *Folha* se perguntar a quem uma notícia interessa, traz prejuízo ou se beneficia dela, apurando o real valor da divulgação do fato. A investigação diz respeito ao compromisso com a verdade, que mesmo sendo transitória é acessível a todos, e com a crítica, por meio de elementos oferecidos ao público para a sua compreensão.

A criação da página Tendências e Debates do jornal *Folha de S. Paulo*, de acordo com Motta e Capelato (apud MELO 2003, p. 188), constitui uma “inovação significativa [...] que se prende a essa estratégia de ampliação de espectro de opiniões da nossa sociedade civil”. Essa mudança, datada em 1978, época do processo de redemocratização do Brasil, objetivava a participação da “classe média”. Para, ainda segundo os autores, “uma futura história das ideologias no Brasil, neste período, não se disporá talvez de melhor elemento, pela sua variedade, do que as opiniões, os estudos e as críticas publicadas em Tendências e Debates”.

A informação é um direito, segundo Bucci (2009, p. 106), “assim como a educação é um direito, assim como a saúde é um direito. É um direito tão importante quanto os demais, um direito de todos, independentemente das inclinações ideológicas de cada um”. Com base nessas palavras podemos acreditar que o jornal *Folha de S. Paulo* considera a abrangência de sua responsabilidade social, construída na credibilidade gerada pela independência e no compromisso com o cidadão que tem acesso à informação. “Investir no sujeito político e preocupado com a coletividade garante a credibilidade necessária para que o jornal (*Folha de S. Paulo*) mantenha-se como voz social” (HERNANDES, 2006, p. 204). Uma voz imprescindível para a construção da opinião pública construída pelos sujeitos captados pela ilusão do poder do saber do jornal *Folha de S. Paulo*, cujas orientações sobre o objeto são refratadas “naquele meio de discursos alheios, de apreciações e de entonações [...]. A atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem” (BAKHTIN, 2010a, p. 87), não podendo se esquivar da influência da resposta antecipada do público leitor para a sua compreensão.

Podemos dizer que o jornal *Folha de S. Paulo* mesmo sendo considerado responsável na divulgação das opiniões, tanto de seus colaboradores como as da própria organização jornalística, é preciso que fiquemos atentos às manobras ideológicas concretizadas nos enunciados opinativos aos quais nos referiremos à frente.

## 2.5 Gêneros opinativos da esfera jornalística

O fim da censura prévia na Europa, vigente nos séculos XV e XVI, estimulou a produção de publicações periódicas, caracterizando o jornalismo. Até então essas atividades não passavam de publicações clandestinas que desafiavam o poder, ou publicações oficiais que realizavam propaganda governamental. Em 1788, a França comemora a liberdade de imprensa, e logo após proclama a liberdade de expressão e pensamento instituída na Declaração dos direitos do homem e do cidadão. Em Portugal, depois da Revolução do Porto, no século XIX, as atividades jornalísticas começaram. Porém, somente em 1965, o Parlamento revoga a censura na Inglaterra, que já não abarcava um público leitor suficiente para realização de sua atividade pelos gastos relativos ao imposto do timbre – taxa imposta a cada exemplar publicado.

Para garantir o controle do debate público, a classe da burguesia, em ascensão, utilizou diferentes estratégias como o mesmo imposto do timbre, que havia prejudicado a liberdade dessa mesma burguesia, sutilezas jurídicas, regulamentação da liberdade de imprensa, entre outras. De qualquer maneira, segundo Melo (2003, p. 23, grifo do autor),

o fim da censura prévia constituiu um fator preponderante para que o jornalismo assumisse fisionomia peculiar – a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo ideias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista. Nesses primeiros momentos da sua afirmação, o jornalismo caracteriza-se pela expressão de *opiniões*.

O baixo custo atribuído à simplicidade na confecção de jornais transformava essa atividade em um veículo de denúncias. Com o crescente número de publicações incomodava os donos do poder, que procuraram reduzir seu envolvimento através de taxas, impostos ou por meio de punições legais. Dessa maneira o jornalismo de opinião se encolhe dando maior vazão para a informação. Como uma das consequências, no início do século XVIII, a separação entre *news* e *comments* foi divulgada pelo editor inglês Samuel Bucklet, dando início à classificação dos gêneros jornalísticos.

O jornalismo inglês, a partir de então, passa a assumir uma tendência informativa, distanciando-se do confronto com o poder. Essa divisão em categorias se impôs no espaço

jornalístico como resultado de uma separação profissional e política entre o dever de informar e o poder de opinar, pela necessidade de diferenciar os fatos das suas versões.

A informação, convertida em mercadoria no século XIX pela aceleração de produção da imprensa norte-americana, transforma a atualidade em negócio, mas “o jornalismo opinativo não desaparece” (MELO, 2003, p. 24). O jornalista ao observar o acontecimento para informar de maneira objetiva, como preconiza a regra da informação jornalística, acrescenta a ele mesmo, de forma inconsciente, a sua visão ideológica, influenciando a formação da opinião pública sobre o fato. Podemos dizer que é uma utopia eliminar a subjetividade da informação. Os estudos jornalísticos, porém, promovem essa distinção para uma melhor compreensão de sua organização textual.

A classificação brasileira dos gêneros jornalísticos baseou-se no estudo de Luís Beltrão, que sugere uma separação dos gêneros de acordo com as funções de informar, explicar e orientar, desempenhadas junto ao público leitor, “estabelecendo limites e distinções entre as ‘matérias’”, nas palavras de Melo (2003, p. 60), cujo conjunto das circunstâncias é determinante para o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público.

Os gêneros jornalísticos, para Rodrigues (2005), apresentam características comuns, como a interação autor/leitor em espaço e tempo diferentes, cuja intervenção é realizada de forma ideológica pela esfera jornalística por um período de validade prevista.

De acordo com Melo (2003, p. 65), “dos gêneros que se agrupam na área de opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulagem (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)”. Ele propõe a classificação do jornalismo opinativo em: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta, que reagrupamos abaixo de acordo com as variáveis.

<b>Autoria</b>	<b>Angulagem temporal</b>	<b>Angulagem espacial</b>
- comentário; artigo; resenha; coluna; crônica, caricatura; carta. (com autoria) - editorial	- comentário; editorial (continuidade e imediatismo) -resenha; artigo (frequência aleatória)	- caricatura (articulada com a instituição) - carta (distância dos fatos > resgate do

(sem autoria)	- coluna; caricatura (continuidade dependente da repercussão dos fatos) - crônica; carta (vínculo direto com os fatos)	receptor) - crônica; coluna (distância dos fatos > média entre grupos sociais e a instituição)
---------------	---	--

Segundo Melo (2003), diferentemente de instituição para instituição, há uma abertura para a circulação de pontos de vista variados, idealizados pela empresa, pelo jornalista, pelo colaborador e pelo leitor. A opinião da empresa se manifesta no editorial; a do jornalista (profissional assalariado) no comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e às vezes artigo; a do colaborador nos artigos; e a do leitor na carta.

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003, p. 266).

O estilo, o conteúdo temático e a construção composicional são determinados pelo campo específico da comunicação. Pelas necessidades de interação com o público-leitor, os enunciados opinativos jornalísticos se modificam no decorrer dos tempos acompanhando a evolução histórica.

No discurso das mídias, especificamente da esfera jornalística opinativa, as idéias construídas em certa enunciação englobam os interesses da empresa embutidos nos objetivos de sua produção, a visão do autor sobre a influência dessas orientações acerca de sua opinião e a presumida reação do leitor frente às colocações apresentadas sobre os acontecimentos. Essas enunciações são plenas das palavras do outro, de um grau vário de alteridade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância assimilados, reelaborados e reacentuados pelos participantes da interação comunicativa, possibilitando uma abertura na comunicação entre os interlocutores.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 299),

em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras

do outro semilataentes e latentes, de diferentes graus de alteridade. Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas, enfraquecidas ao extremo pelos limites dos enunciados, totalmente permeáveis à expressão do autor.

Um entendimento mais profundo dos ideais que circundam os gêneros discursivos, editorial, artigo de opinião e caricatura, que apresentaremos a seguir, podem nos auxiliar na realização das análises dos enunciados opinativos da esfera jornalística selecionados para esse estudo.

### **2.5.1 O artigo de opinião**

O artigo é uma colaboração espontânea e nem sempre remunerada quando solicitada pela empresa jornalística, em que o autor tem plena liberdade na sua relação com o tema, assim como na expressão discursiva, sendo reconhecido pela sua avaliação. Para Rodrigues (2005), seu reconhecimento profissional e social confere credibilidade à sua fala, elevando-o à posição de formador de opinião. “Seu posicionamento sobre determinado acontecimento social constitui-se em tema (objeto) de interesse (é notícia) para os jornais e para o público leitor” (RODRIGUES, 2005, p. 172).

O que motiva a manifestação opinativa por meio do artigo são os acontecimentos da atualidade, cujos desencadeamentos podem conduzir a temas diversos, instituindo-se como interpelante na busca de uma resposta-ação. A temporalidade do artigo é de vinte quatro horas, período relativo à circulação do jornal. Por ser escrito com os acontecimentos ainda em vigor, o julgamento relativo ao tema pode não ser definitivo, pois a argumentação é baseada na própria experiência e sensibilidade do articulista, que no desenvolvimento do processo vai construindo seu estilo pessoal. Do articulista é esperado “invenção, disposição e elocução” (MARTÍN VIVALDI apud MELO, 2003, p.125), com os quais terá condições para ordenar suas ideias, organizando seu discurso num processo de equilíbrio entre a imaginação e a reflexão. Para ser autor de um artigo jornalístico, o sujeito pode fazer parte da instituição que promove a matéria ou um convidado que colaborará com o conhecimento específico que o assunto exige.

Muitas são as definições do artigo de opinião, que diferem de acordo com cada organização política. A que mais se aproxima da realidade brasileira é, de acordo com Melo, a de Martín Vivaldi (1973 apud MELO 2003, p. 122), com o seguinte conceito: “Escrito, de conteúdo ampliado e variado, de forma diversa, na qual se interpreta, julga ou explica um fato ou uma ideia atual, de especial transcendência, segundo a conveniência do articulista”.

Segundo Rodrigues (2005, p. 171), “o artigo se situa entre os gêneros que historicamente têm seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais que são notícia jornalística”, numa inter-relação com o público-leitor, que participa da avaliação, visto como um norteador do trabalho de seleção e divisão na construção do jornal.

O artigo, para Melo (2003, p. 127), “é o gênero que democratiza a opinião no jornalismo, tornando-a não um privilégio da instituição jornalística e dos seus profissionais, mas possibilitando o seu acesso às lideranças emergentes na sociedade”. Representa a liberdade de expressão. Segundo Bakhtin, a escolha “de *todos* os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (2003, p. 306, grifo do autor). Mesmo impossibilitado de expressar declaradamente uma ideologia às avessas da linha da empresa jornalística sobre certo assunto, o articulista, atentando aos possíveis desvios de análise, constrói o seu tema por meio das escolhas linguísticas realizadas. Na esfera da mídia impressa é uma questão de condução implícita para uma interpretação baseada em uma possível neutralidade.

A relação dialógica entre autor e interlocutor se constrói com três movimentos dialógicos básicos: movimento de engajamento - o autor eleva o leitor à posição de coautor do artigo numa relação de concordância; movimento de refutação - o autor silencia as possíveis contrapalavras do leitor ao seu discurso pela antecipação às suas reações-respostas de objeção; movimento de interpelação - a relação dialógica entre os participantes da interação se manifesta como uma imposição ao leitor pela credibilidade alcançada pelo articulista (RODRIGUES, 2005). Por meio desses movimentos autor e leitor interagem, numa espécie de concordância permitida sobre a visão valorativa dos fatos.

A organização textual básica do artigo de opinião, de acordo com Lopes-Rossi (2010),

é a da argumentação clássica: introdução ao tema (opcional), posicionamento do autor (a tese que ele defende, ou seja, se é contra determinada idéia; ou a favor dela, se defende determinado ponto de vista novo sobre o assunto) – em geral esse posicionamento assumido aparece explícito, mas pode à vezes não ser apresentado claramente, cabendo ao leitor inferi-lo; argumentos apresentados para sustentar esse ponto de vista; contra-argumentos possíveis e refutação desses (opcional); conclusão. Os argumentos podem ser: 1) evidências: fatos históricos, fatos atuais, exemplos, dados estatísticos; 2) raciocínios lógicos: explicação, relações de causa e consequência, reflexões ou outros; 3) argumento(s) de autoridade(s). O artigo de opinião termina com uma conclusão.

Por meio das escolhas para a organização textual, o articulista manifesta a sua posição valorativa frente aos acontecimentos sociais, que é o que importa para o leitor, o qual deve estar em consonância com a atualidade a fim de partilharem do mesmo momento histórico para a reconstrução discursiva de maneira dialógica. Essa possibilidade se deve ao fato de ambos pertencerem a classes sociais não diversas e serem leitores de jornal, condições que permitem a compreensão dos sentidos implícitos do enunciado.

O editorial, de que falaremos a seguir, é outro gênero da esfera jornalística que acompanha a organização textual do artigo de opinião.

### **2.5.2 O editorial**

Editorial, de acordo com Melo (2003, p. 103), “é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”. Nas organizações de pequeno e médio porte, cujo controle financeiro fica na mão do próprio dono, a opinião da empresa pode ser construída e divulgada sem a necessidade de dar explicações a outrem. Nas grandes organizações, porém, principalmente nas sociedades capitalistas, no editorial estão embutidas as opiniões dos proprietários nominais, dos acionistas majoritários, dos financiadores, dos anunciantes, além do aparelho burocrático do Estado. Todos esses órgãos com seus direitos ao poder da voz, constituindo uma teia de articulações políticas com a nítida impossibilidade de uma ideologia comum, mas conciliando os proveitos dispersos no diálogo implícito com o Estado “para a defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam. Esta é a nossa percepção do editorial na imprensa brasileira” (MELO, 2003, p. 105).

Se o editorial, segundo Carvalho e Puzzo (2003, p. 157), “representa os interesses da empresa e ao mesmo tempo se mostra comprometido com a comunidade, sua linguagem possui a máscara de uma impossível neutralidade, o que limita a liberdade de estilo, em função do padrão da empresa”. São os redatores profissionais que exercem essa tarefa de ajuste para que a mensagem do editorial espelhe a organização e reflita a sua opinião, em que são atribuídas: a impessoalidade - a matéria não é assinada; a topicalidade - tema delimitado; a condensalidade - poucas ideias; e a plasticidade - flexibilidade (BELTRÃO apud MELO, 2003).

Pelo editorial tratar de assuntos ligados à política, economia e administração, assuntos de pouco interesse do dia a dia do cidadão comum e alheios ao seu mundo, ele não o visita comumente. Por outro lado, quando o assunto é sobre algo que pode pertencer ao “mundo do trabalho, à saúde, à educação” é porque “assumem o caráter de assuntos que atestam a disfuncionalidade ou a negligência dos organismos governamentais. Não são tratados na sua essência” (MELO, 2003, p. 109), afastando o cidadão de sua leitura.

Atualmente, com o objetivo de captação de receptores e acompanhando as diretrizes do público consumidor de notícias que tem suas horas do dia contadas, está sendo reduzida a sua extensão para facilitar a leitura, levando o público-leitor a apreender, de forma natural, a ideologia da organização. O editorial, de acordo com Carvalho e Puzzo (2003, p. 155) “orienta o público mediante a opinião do próprio jornal sobre um assunto, enquanto os demais textos opinativos cumprem sua função apresentando a opinião do jornalista ou do colaborador”.

Outra forma de enunciado opinativo da esfera jornalística é a caricatura, sobre a qual discorreremos adiante.

### **2.5.3 A caricatura**

Segundo Melo (2003, p. 166), “a caricatura cumpre uma função mais profunda que a emissão rotineira da opinião nos veículos de comunicação coletiva”, pois se torna um instrumento de grande valia para a persuasão do leitor, visto apresentar por meios de elementos gráficos o que a história oficial possa pretender esconder sobre certos políticos, certas situações. Essas concepções são captadas pelo artista por meio da leitura do cotidiano em textos do jornal da mesma edição ou de edições anteriores. Pelos desenhos realizados exageradamente,

caracterizando formas e traços particulares, a caricatura manifesta humorística e até satiricamente pontos de vista sobre os acontecimentos do dia a dia.

É possível identificar algumas espécies do gênero caricatura, diferenciadas pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional, como preconiza Bakhtin (2003) a respeito dos gêneros discursivos. Assim, cada espécie procura projetar seus próprios propósitos, à espera de uma resposta de seu interlocutor, configurando-se em outros gêneros. Melo (2003) identifica-as como: *caricatura* propriamente dita, na acentuação de detalhes ou no ressaltado de defeitos de um retrato isolado - de objetos ou de uma personalidade, representativos do real -, com a finalidade de provocar risos; *charge*, na reprodução gráfica, podendo combinar imagem e texto de um acontecimento real específico, objetivando uma crítica humorística; *cartoon*, na representação fantasiosa do artista, em que materializa fatos e personagens do momento de forma irreal; *comic*, que são as histórias em quadrinhos. Dessa forma, a *caricatura* e a *charge* por se basearem no real, são os gêneros que possuem as características pertinentes ao universo jornalístico; o *cartoon* e o *comic*, por serem criações da livre imaginação do artista, não se incluindo nos parâmetros da organização jornalística, não pertencem a esse universo.

O jornal *Folha de S. Paulo*, com o objetivo de enfatizar a opinião, utiliza a ilustração gráfica num diálogo entre os discursos. Essa condição de divulgação de opiniões acerca de um mesmo assunto, permite ao leitor fazer uma correlação com o acontecimento real que deu origem ao artigo ou ao editorial, e os valores éticos refratados pelo artista no tempo e no espaço e transformados em figuras ilustrativas. Assim, são refletidas em cada enunciado as diferentes ideias de diferentes autores. Com essa experiência podemos confirmar as palavras de Bakhtin (2003, p. 262) quando se refere à diversidade dos gêneros do discurso “que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo”.

A charge, de acordo com Romualdo (2000), assumiu seu papel decisivo no jornalismo a partir da Segunda Guerra com a charge política, apesar de despertar grande interesse nos leitores brasileiros quando surgiu, segundo Beltrão (1969 apud ROMUALDO, 2000), em 1831, com O Corcundão, em Recife, discordado por Lima (1963 apud ROMUALDO, 2000) por considerá-la nula como expressão caricatura. Lima indicou uma sátira contra Justiniano José da Rocha como sendo a primeira caricatura publicada no Brasil, datada em 14 de dezembro de 1837.

A charge se diferencia dos outros textos do gênero opinativo por usar constantemente o humor e transmitindo muitas informações de forma condensada, contendo a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento, que deve ser importante. Ela pode aparecer em outros textos do jornal, como notícias, comentários, artigos, editoriais, fotos etc., cabendo ao leitor inteirar-se da mensagem transmitida pela charge por meio da recuperação desses intertextos. “O desenho humorístico é indispensável aos órgãos da imprensa de largo público” (BELTRÃO, 1960 apud ROMULADO, 2000, p. 15).

A charge atrai o leitor por transmitir de maneira leve e original, tornando-se um veículo de persuasão indireta e com acesso mais livre para influenciar o leitor. Referindo-se sempre a acontecimentos contemporâneos a elas, as charges são logo esquecidas devido às transformações constantes do contexto social, tornando as velhas caricaturas e charges incompreensíveis.

Para a fundamentação teórica de sua análise a fim de considerar a charge um texto como os outros textos verbais, Romualdo (2000) foi buscar em Fávero e Kock (1988 apud ROMUALDO, 2000) que texto é qualquer tipo de comunicação realizado através de signos, e em Beaugrande e Dressler (1981 apud ROMUALDO, 2000) que a responsabilidade pela textualidade são: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. Assim, formando um todo de sentido transmitido pelas relações entre os diversos elementos gráficos, o desenho chárstico se constitui num texto *coerente e coeso*, em que os chargistas “colocam neles suas opiniões, suas críticas a personagens políticos (*intencionalidade*)” (ROMUALDO, 2000, p. 18). A *situacionalidade* pode ser compreendida na localização da charge no jornal, que na *Folha de S. Paulo* encontra-se na página de opinião, sendo esperado seu posicionamento crítico sobre o assunto abordado. A *aceitabilidade* é uma regra textual encontrada na charge pelo fato do leitor interpretá-la usando os conhecimentos que a leitura desse tipo de texto exige, que no caso do jornal *Folha de S. Paulo* que possui um discurso pluralista, permite uma leitura plural também do texto chárstico por meio dos conhecimentos prévios do leitor ou veiculados pelo próprio jornal, consumando-se a *intertextualidade*.

Pelo reconhecimento das configurações da charge em outros textos produzidos pelo próprio jornal ou por outros veículos, podemos considerar a presença da multiplicidade de vozes, pois há uma relação simultânea com as vozes inseridas nos textos verbais, além das outras vozes circundantes nos ambientes de determinada esfera social, dando a possibilidade ao leitor de

relacioná-las no tempo e no espaço, facilitando a interpretação. Podemos, também, contemplar a *carnavalização* na concepção bakhtiniana na representação chárstica, com suas configurações contrastantes como as do carnaval, pela visão de vida com leis rígidas, por um lado, e outra visão com liberdade, com o riso, em que todos participam ativamente. A presença da *ironia* também é observada pela caracterização simultânea dos contrários e pela coexistência dos tempos, num jogo no qual o chargista faz duas afirmações de uma só vez, apenas compreendido quando o contexto é considerado.

A leitura dos signos gráficos com finalidade interpretativa vai depender da combinação entre os elementos, da relação entre as imagens por vezes divulgadas sequencialmente e da associação do desenho com elementos, que devem ser comuns entre o emissor e receptor para a garantia de um bom entendimento. O suporte contextual, segundo Romualdo (2000, p. 25),

exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem. Se isso não acontece, o seu sentido se esvai.

De acordo com o autor de *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia* (ROMUALDO, 2000, p. 26), a caricatura “consiste no exagero proposital das características marcantes do indivíduo”, podendo ser apresentada isoladamente ou ser constituinte da charge. As primeiras manifestações caricaturais são datadas na civilização egípcia e na Grécia antiga, mas foi em 1646 que Mosini utilizou o termo pela primeira vez para se referir a uma série de desenhos satíricos de Agostini Carracci, de Bolonha, Itália (ROMUALDO, 2000).

Ao sublinhar os traços mais marcantes de uma personagem, a caricatura demonstra seu valor real, que não está somente em sua intensidade ou no aperfeiçoamento de seu grafismo, mas no que ela nos sugere e nos faz pensar, levando-nos a um julgamento de valor. Na charge, a caricatura é um meio de mostrar os defeitos velados dos caricaturados. Ao revelar os defeitos ocultos, causa a retirada da máscara da seriedade/autoridade usada pelos poderosos. Isso só é possível se fizermos a leitura seriedade/autoridade (1ª máscara) e ao mesmo tempo a ridicularização dessa autoridade/seriedade (2ª máscara), cujo contraste proveniente dessa leitura provoca o riso. Também estão presentes o exagero e o malogro da vontade das personagens.

Além de todos os elementos gráficos possuidores de sentido, o elemento linguístico na charge passa a ter função figurativa quando o desenhista na sua elaboração manual atribui aos balões - com as falas respectivas - e às letras, as formas mais distintas para indicar as diferentes intenções e mensagens a serem transmitidas. A pluralidade de segmentos constitutivos da charge não condiz a uma leitura única. “Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas” (DONDIS, 2007, p. 53). Por meio de elementos gráficos diversos, a charge busca revelar para o público leitor o que está inserido nos bastidores do mundo político, revelando a verdade através do humor.

Após a apresentação de alguns itens sobre a mídia impressa, necessários para o desenvolvimento de nosso trabalho, seguiremos no próximo capítulo com a exposição de alguns aspectos da linguagem visual, objetivando a análise verbovisual dos enunciados imagéticos.

## **3 CAPÍTULO**

### **LINGUAGEM VISUAL**

#### **3.1 Apresentação**

A imagem está presente em todos os setores da sociedade nas formas, nas cores, nas texturas, nas dimensões de diversas modalidades, expandindo fronteiras de conhecimento para todos os sujeitos que participam desse universo. Para que possamos configurar esse entrosamento numa participação mais propícia, de acordo com Bakhtin (2010, p. 58, grifo do autor), “é preciso fazer do que é visto, ouvido e pronunciado a expressão da nossa relação ativa e axiológica, é preciso *ingressar como criador no que se vê, ouve e pronuncia*, e desta forma superar o caráter determinado, material e extra-estético da forma, seu caráter de coisa”. Dessa forma, podemos considerar como necessária uma atenção metodológica que nos possibilite “examinar os elementos visuais básicos, as estratégias e opções das técnicas visuais, as implicações psicológicas e fisiológicas da composição criativa e a gama de meios e formatos que podem ser adequadamente classificados sob a designação artes e ofícios visuais” (DONDIS, 2007, p. 2). A aplicação dos conhecimentos da linguagem visual para a realização da análise dialógica dos enunciados presentes em nosso trabalho de pesquisa permitiu-nos observar a imagem de maneira a dar relevância aos elementos individuais, ao poder expressivo das técnicas do enunciador e ao contexto do meio que a envolve, tornando sua compreensão mais favorável e a interação comunicativa mais eficiente.

#### **3.2 Sintaxe da linguagem visual**

Geralmente, as imagens estão integradas ao contexto de modo articulado, numa expansão de uma mensagem verbal, nas quais assimilamos unidades integrais de interação através da percepção e da visão. “As classes dominantes e as que são dominadas, ou seja, os fatores de ordem política e econômica, atuam em conjunto para influenciar a percepção e dar forma à

expressão. Juntos, a política, a economia, o meio ambiente e os padrões sociais criam uma psique coletiva” (DONDIS, 2007, p. 166).

Muitos dos sentidos emanados dos desenhos na mídia impressa ou em outro veículo de informação deixam de ser entendidos pelo público leitor, pois grande parte dos leitores, de maneira geral, e em especial no contexto escolar, desconhece a sintaxe da linguagem visual pela falta de orientação para a interpretação adequada das imagens. Podemos dizer que a visão torna-se parte integrante do sistema comunicativo quando há uma educação concernente ao seu desenvolvimento, permitindo a observação dos efeitos de sentido produzidos pela imagem criada, pois ao ver, de acordo com Dondis (2007, p. 13),

fazemos um grande número de coisas: vivenciamos o que está acontecendo de maneira direta, descobrimos algo que nunca havíamos percebido, talvez nem mesmo visto, conscientizamos-nos, através de uma série de experiências visuais, de algo que acabamos por reconhecer e saber, e percebemos o desenvolvimento de transformações através da observação paciente.

O conhecimento visual, segundo Dondis (2007), pode buscar sua essência no alfabetismo da língua partindo dos elementos básicos. “O alfabetismo significa que um grupo compartilha o significado atribuído a um corpo comum de informações” (DONDIS, 2007, p. 3). Se nesse grupo incluírem-se aqueles que não fazem parte da comunidade específica da arte, mais popular será a visão crítica como ato de comunicação em seu entendimento mais abrangente. Em consequência, haverá uma melhor compreensão da informação visual, significando uma maior participação. Dessa forma, a mensagem visual estará liberta de uma interpretação influenciada psicológica ou culturalmente pelo meio e melhor compreendida dentro dos parâmetros de funcionalidade, que se encontra além da simples percepção visual.

Assim como a capacidade verbal deve ser apreendida por todos, também a capacidade visual é necessária para que a reflexão sobre os fatos individuais ou coletivos possa se concretizar de maneira interativa, ampliando o processo de comunicação entre os indivíduos. Alfabetismo, segundo Dondis (2007, p. 231) “significa participação, e transforma todos que o alcançaram em observadores menos passivos”. A precursora do conceito de sintaxe visual acredita que a abertura do sistema educacional para se introduzir o alfabetismo visual pode ser considerada um passo firme e decidido para uma posição mais crítica da sociedade. Em comunhão com este ideal,

o presente trabalho privilegia as relações de sentido originadas dos gêneros editorial e artigo de opinião quando enriquecidos pela charge e pela ilustração, possibilitando a análise de uma visão refletida pelos elementos visuais dos desenhos.

A falta de conhecimento das estratégias de manipulação que a imagem visual utiliza para seus objetivos pode impedir o enunciário de participar da troca de informações e, conseqüentemente, permanecer alienado diante das informações sugeridas pela mensagem icônica. Temos como exemplos enunciados verbovisuais no jornal *Folha de S. Paulo*, que expressam a opinião de seus autores sobre os fatos imediatos ou não. Suas fronteiras são delimitadas pelo conhecimento e pelo ato – ato-ação, ato-emoção etc. - atribuindo um sentido novo ao novo objeto. Tudo é original, mesmo sem novidade, cujo conteúdo exposto do objeto é exteriorizado pela forma que o constitui.

A intuição acrescida aos respectivos interesses e crenças do enunciador e somada aos do receptor vão determinar a forma e o conteúdo do enunciado imagético. Para Bakhtin (2010a, p. 59),

a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo; todos os momentos da obra, nos quais podemos sentir a nossa presença, a nossa atividade relacionada axiologicamente como conteúdo, e que são superados na sua materialidade por essa atividade, devem ser relacionados com a forma.

No enunciado verbovisual, a inter-relação dos elementos compositivos torna-se visível na escolha do material utilizado. Trabalhando o material, o artista supera a própria realidade sem sair de seus limites, pois trabalha os valores dessa realidade de maneira isolada. Essa relação arquitetônica constituinte do objeto é o que significa.

Para Dondis (2007), os elementos básicos para a leitura visual, além de objetos e experiências, encontram-se na unidade mínima, o *ponto*, que indica e marca o espaço; no articulador da forma, a *linha*; na infinita variedade da *forma*; no movimento que indica a *direção*; no elemento visual mais expressivo, a *cor*; na medida e tamanho determinados pela *proporção*; na expressão implícita da *dimensão* e do *movimento*, permitindo que o símbolo, sua representação e a sua estrutura abstrata interajam, construindo o conteúdo comunicativo na forma estilizada. Todos esses elementos são revelados pelo tom resultante da luz que os define, variando de acordo

com a subjetividade do artista e da manipulação desses elementos, que devem relacionar-se ou conflitar-se, sendo expostos de maneira clara, sem subterfúgios. O resultado das decisões compositivas, de acordo com a autora, “determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador” (DONDIS, 2007, p. 29), que responde à imagem segundo sua avaliação axiológica. Decompor a obra em seus elementos constitutivos é a melhor maneira de compreendê-la. Para isso, é necessário o conhecimento sobre as bases das formas visuais, tanto para a sua produção como para a sua compreensão.

No material visual, o conteúdo é definido pela cor, pelo tom, pela textura, pela dimensão, pela proporção e suas relações com o significado. O conteúdo de uma obra, segundo Bakhtin (2010a, p. 60), “é como que um fragmento do acontecimento único e aberto da existência, isolado e libertado pela forma, da responsabilidade ante o acontecimento futuro”. O princípio do conteúdo de uma obra está relacionado com a ação valorativa do enunciador quanto ao acontecimento observado e sentido com relação a um ponto de referência, com cuja forma ocasional torna-se independente do fato que o originou. Com maiores informações sobre a influência das técnicas visuais, o leitor da mídia jornalística desenvolve uma competência que torna a sua participação mais ativa na sociedade pelo conhecimento e compreensão dos fatos e pela sua capacidade de uma leitura imagética mais abrangente.

Donis A. Dondis (2007) refere-se, primeiramente, ao *equilíbrio*, como sendo a mais importante influência sobre a percepção humana, pois é sua base consciente e inconsciente para fazer avaliações visuais. Através de um eixo vertical com um referente horizontal secundário é imposto o processo de estabilização observado no equilíbrio. Depois vem a *tensão* ou sua ausência como primeiro fator compositivo, que pode ser usado sintaticamente na construção da imagem e que pode ser percebida por um olhar perspicaz, por proporcionar ou não a estabilidade dos objetos. A falta desses dois critérios dilui a capacidade de informação das imagens. Podemos acreditar na atenção a esse efeito pelos desenhistas do jornal *Folha de S. Paulo*, imbuídos de uma proposta de comunicação mais eficaz em relação aos objetivos pretendidos para com o público.

Com um simples ponto em uma forma retangular, a autora nos faz perceber o nivelamento e o aguçamento sempre realizados intencionalmente. O ponto no centro da figura provoca o *nivelamento*, não oferecendo nenhuma surpresa visual, tornando-se totalmente

harmoniosa. Já o ponto fora do centro da figura provoca o *aguçamento*. Podemos observar esses elementos nas configurações do olhar do presidente americano e do olhar da presidente brasileira, respectivamente aguçamento e nivelamento, na charge de 18/03/2011 (p. 93). Tais representações estão carregadas de sentido, sintetizando o clima desnivelado de expectativas existente entre ambos.

Por outro prisma, quando o ponto não está claramente no centro e nem muito distanciado dele temos a *ambiguidade*, tornando tanto a intenção como o significado, obscuros. No mesmo exemplo observamos algumas linhas no alto, à direita do desenho chágico, fora do campo de atenção visual, sugerindo imagens ambíguas, complexas, mas que ao mesmo tempo atraem o olho, pois aumentam a tensão visual (DONDIS, 2007). A novidade visual observada pode levar à emissão de um julgamento fora dos parâmetros pelas inúmeras conclusões a que podemos chegar, o que vai depender das informações sobre o fato pelo leitor, como as aves que habitam nos jardins do palácio do Planalto ou até a interpretar tais desenhos como aves da arca bíblica, no caso de falta de conhecimento sobre o fato em questão, por exemplo.

Além dessas relações, a visão é influenciada pelo favorecimento do olho pela zona inferior/esquerda de qualquer campo visual. Esta relação pode ser decorrente da aprendizagem da leitura da esquerda para direita ou pelo modo ocidental de imprimir. No mesmo exemplo, a bandeira americana foi representada na asa do avião, evidenciando a origem da personagem do texto chágico, confirmando a atenção da visão no enunciado.

Ainda utilizando pontos para definir a sintaxe da linguagem visual, a autora mostra que quando dois pontos estão próximos em uma superfície, maior é a atração, ocasionando a harmonia entre eles; quando estão distantes um do outro, há a impressão de se rejeitarem, disputando a atenção. Dessa forma, é conveniente ligarmos os pontos conforme a atração dos mesmos, para uma melhor percepção, incluindo também afinidades com o tamanho, textura e natureza. Observamos esse dado no todo das ilustrações analisadas, permitindo-nos uma visualização agradável e proporcional.

Para uma análise de qualidade e um bom entendimento é conveniente nos concentrarmos nos elementos visuais individuais como, por exemplo, a cor. Para Dondis (2007, p. 64), “a cor oferece um vocabulário enorme e de grande utilidade para o alfabetismo visual”, pelas

informações que refletem e pelos significados simbólicos e associativos. Para exemplificarmos, o vermelho remete à raiva, ao perigo, ao amor, ao calor, à vida, além de outros sentidos.

A cor pode ser definida e medida por meio de suas dimensões:

- *Matiz ou croma*: é a cor em si, existindo em número superior a cem, divididos em três matizes primários ou elementares: amarelo - mais próxima da luz e do calor: tende a expandir-se; vermelho - mais ativa e emocional: tende a expandir-se; azul - passivo e suave: tende a contrair-se. Associadas, essas cores transmitem novos sentidos.
- *Saturação*: quando a cor é simples, composta pelos matizes primários (amarelo, vermelho e azul) ou secundários (laranja, verde e violeta) quase primitiva. A cor, saturada ou não, vai depender da intenção que se quer propagar.
- *Acromática*: é o brilho relativo das gradações tonais ou de valor. Como a cor e o tom coexistem na percepção visual, a ausência da cor não afeta o tom, que é uma constante. “A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados” (DONDIS, 2007, p. 69).

Na charge ilustrativa da visita do presidente americano ao Brasil (p. 93), o artista utilizou cores de forma simbólica, como o tapete vermelho – indicativo de importância - e a cor verde do microfone - remetendo à cana-de-açúcar -, principal elemento das futuras negociações entre os dois países. Observamos a ausência de saturação na figura ambígua, citada anteriormente, podendo indicar relativa importância à sua significação.

As qualidades táteis podem coexistir com a visão na referência da *textura* numa imagem de forte significação, em que a mão e o olho ficam unidos sensitivamente, e que a mão confirma o julgamento do olho. É o que verificamos na ilustração do artigo *Mulher, democracia e desenvolvimento* (p. 82). Para representar uma calça social masculina, o artista utilizou a cor marrom em seus variados matizes, dando ao desenho certa iluminação que remete à textura de um tecido nobre, cujo valor pode ser relacionado ao seu usuário.

Ainda sobre a mesma ilustração, os calçados, masculino e feminino, estão representados em *escalas* diferentes, pela relação de sentidos implícitos objetivados pelo artista, possibilitando ao enunciatório uma visão da dimensão histórica incorporada na *dimensão* dos objetos. Mais importante que a medida, segundo Dondis (2007, p. 73) “é a justaposição, o que se encontra ao

lado do objeto visual, em que cenário ele se insere”. O *contraste de escala* tem um motivo racional na manipulação da proporção dos calçados, cujas intenções expressivas foram intensificadas pelas escolhas dos elementos compositivos. O contraste é a técnica fundamental para a transmissão do significado visual.

Finalizando a apresentação dos elementos básicos da sintaxe visual, assim como no processo da visão há movimento, esquerda-direita e alto-baixo, assim também naquilo que vemos há ação, determinada pela intenção do artista ao elaborar sua obra. As escolhas gráficas para a sua composição vão implicar o movimento, derivado da experiência de vida do observador, projetando-a de imediato na informação visual imóvel. O movimento de uma imagem estática se realiza através do fenômeno fisiológico da persistência visual. Observamos esse fenômeno na ilustração do artigo (p. 82), em que o calçado masculino está prestes a pisotear o calçado feminino, e na charge (p. 93) sobre a visita do presidente americano, em que Barack Obama lê o seu discurso e olha para a presidente Dilma. Todas essas impressões estão em relação direta com as nossas experiências vividas.

O reconhecimento da mensagem visual é realizado sob três níveis, de acordo com Dondis (2007, p. 85):

o *representacional* – aquilo que vemos e identificamos com base no meio ambiente e na experiência; o *abstrato* – a qualidade cinestésica de um fato visual reduzido a seus componentes visuais básicos e elementares, enfatizando os meios mais diretos, emocionais e mesmo primitivos da criação de mensagens, e o *simbólico* – o vasto universo de sistemas de símbolos codificados que o homem criou arbitrariamente e ao qual atribuiu significados.

Com essas palavras a autora corrobora com as ideias de Bakhtin sobre o objeto extraído de sua percepção habitual quando diz que “o isolamento consiste em separar o objeto, o valor e o acontecimento da série ética e cognitiva indispensável” (BAKHTIN, 2010a, p. 61), liberando a atividade do nosso sentimento do objeto com o do conteúdo. Para que haja a interação dos significados pretendidos entre criador e visualizador, é preciso, também, a interação entre o propósito da mensagem e a sua composição, e entre a estrutura sintática e a substância visual. As escolhas intensificam as intenções e, assim, a comunhão de sentidos promove a eficácia da mensagem visual.

O estilo nas artes visuais resulta das decisões na escolha dos elementos e da manipulação desses elementos por meio da escolha das técnicas, influenciadas pelo ambiente social, físico, político e psicológico. Todos esses fatores, tendo como primeiro patamar o meio de comunicação escolhido, além da influência que pode ocorrer na forma e no conteúdo da atividade visual. Essas ligações podem ser percebidas nas análises das ilustrações realizadas, em que a ideologia do jornal *Folha de S. Paulo* norteia todo o editorial numa postura pluralista e crítica. Plurais e críticos também são os desenhistas, fornecendo ao público leitor uma visão com múltiplas vertentes, abrangendo ideais, crenças, emoções, focalizando pontos de vista pressupostamente aceitos pelo público.

Para acolher um público leitor maior, a mídia impressa tem na comunicação visual um grande aliado, atendendo de imediato a leitores apressados por uma opinião mais compacta e direcionada das informações e opiniões sobre o acontecimento do dia. A integração visual com a escrita torna-se cada vez maior pela “variada produção textual veiculada pelos meios de comunicação de massa” (MOZDZENSKI, 2008, p. 21), permitindo a ampliação de sentidos e maior interação entre os indivíduos.

Assim, após as apresentações das bases conceituais, nas quais consolidamos nossa pesquisa, iniciaremos a apresentação das análises dialógicas no próximo capítulo.

## 4 CAPÍTULO

### ANÁLISES DIALÓGICAS

#### 4.1 Apresentação

Por mais diferentes que sejam os enunciados opinativos jornalísticos no seu conteúdo e na sua construção composicional, mobilizando diferentes esferas de enunciação, eles possuem peculiaridades estruturais comuns, como a alternância dos sujeitos do discurso, a conclusibilidade do enunciado, a relação do enunciado com os interlocutores, o tom. Somente uma análise metodológica consubstancial possui as condições para definir a natureza desses enunciados e a reciprocidade entre linguagem e ideologia, estabelecendo os limites de cada unidade da comunicação discursiva. “Esses limites, de natureza especialmente substancial e de princípio, precisam ser examinados minuciosamente” (BAKHTIN, 2003, p. 275). Para a concretização desse exame, procuramos observar o dialogismo entre enunciados opinativos da mídia impressa, o leitor presumido e o contexto sócio-histórico por meio da materialidade linguística/verbovisual, mobilizando texto e contexto, culminando na relação de alguns aspectos entre o artigo de opinião e a ilustração e entre o editorial e a charge.

#### 4.2 Relações dialógicas entre artigo de opinião e ilustração

Para a realização dessa análise, selecionamos do jornal *Folha de S. Paulo* os enunciados artigo de opinião e ilustração, de 09 de janeiro de 2011, época histórica, visto terem sido divulgados na segunda semana de governo da Presidente Dilma Rousseff, primeira presidente mulher do Brasil. Seu discurso de posse mostrou grande comprometimento com a participação feminina na sociedade brasileira, abraçando todas as mulheres, independentemente de idade, crença e classe social, conduzindo a temas diversos explorados em notícias e opiniões do mesmo jornal, em anexo nas páginas finais deste trabalho.

A escolha do gênero discursivo artigo de opinião em um jornal de grande divulgação nacional reflete a relação do enunciado com o próprio falante e também com o seu leitor. As

autoras são pessoas representativas na sociedade brasileira e professoras doutoras da PUC/SP. Flavia Piovesan é membro da Força-Tarefa da ONU para a Implementação do Direito ao Desenvolvimento e Sílvia Pimentel é presidente do Comitê da ONU sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher. Podemos atentar, dessa forma, à relação valorativa das autoras com o tema, o qual determinou a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais, conduzindo o enunciado a um posicionamento de forma positiva à eleição de Dilma Rousseff para presidente. Os dois textos, artigo de opinião e ilustração, que apresentamos a seguir, comprovam o tom valorativo adotado em ambos.

## Mulher, democracia e desenvolvimento

FLAVIA PIOVESAN e SILVIA PIMENTEL

“Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá no ombro de uma mulher. (...) A valorização da mulher melhora a nossa sociedade e valoriza nossa democracia.”

Assim a presidente Dilma inaugurou o seu discurso de posse, enfatizando que sua luta mais obstinada será pela erradicação da pobreza. A presidente brasileira soma-se às 11 mulheres chefes de governo, considerando 192 países.

O Brasil situa-se no 81º lugar no ranking de desigualdade entre homens e mulheres de 134 países, tendo como indicadores o acesso à educação e à saúde e a participação econômica e política das mulheres (relatório Global Gender Gap).

O estudo conclui que nenhum país do mundo trata de forma absolutamente igualitária homens e mulheres. Os países nórdicos revelam a menor desigualdade de gênero —despontando Noruega, Suécia e Finlândia nos primeiros lugares do ranking—, enquanto os países árabes têm os piores indicadores.

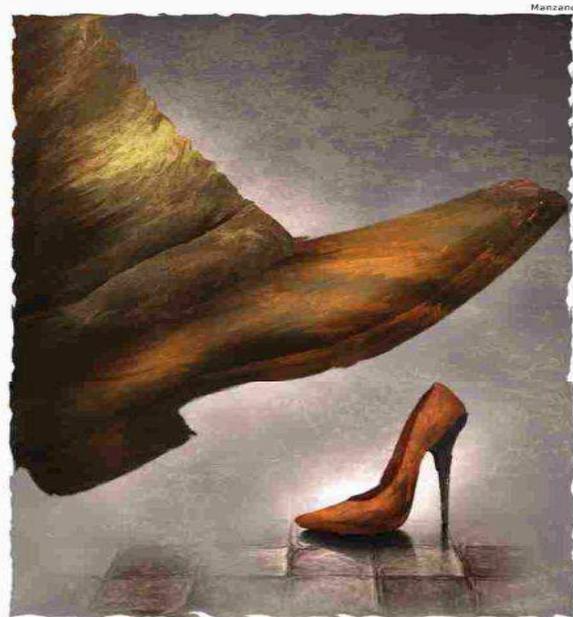
Se comparada com outros países latino-americanos, como a Argentina (24º lugar) e o Peru (44º lugar), preocupante mostra-se a performance brasileira, explicada, sobretudo, pela reduzida participação política de mulheres.

Ainda que no acesso à educação e à saúde o Brasil ostente um dos melhores indicadores de nossa região, quanto à participação política atingimos a constrangedora 114ª posição, muito distante das posições argentina (14ª), chilena (26ª) ou mesmo peruana (33ª).

Ao longo da história, atribuiu-se às mulheres a esfera privada —os cuidados com o marido, com os filhos e com os afazeres domésticos—, enquanto aos homens foi confiada a esfera pública.

Nas últimas três décadas, no entanto, houve a crescente democratização do domínio público, com a significativa participação de mulheres, ainda remanescente o desafio de democratizar o domínio privado —o que não só permitiria o maior envolvimento de homens na vivência familiar, com um grande ganho aos filhos(as), mas também possibilitaria a maior participação política de mulheres.

No mercado de trabalho, para as mesmas profissões e níveis educacionais, as mulheres brasileiras ganham cerca de 30% a menos do que os homens. Para José Pastore,



**Que a eleição de Dilma, nossa primeira presidente, e a composição de seu ministério tragam o empoderamento das mulheres brasileiras**

“além das diferenças de renda, as mulheres enfrentam uma situação desfavorável na divisão das tarefas domésticas. Os maridos brasileiros dedicam, em média, apenas 0,7 hora de seu dia ao trabalho do lar. As mulheres que trabalham fora põem quatro horas diárias”.

Se hoje há no mundo 1 bilhão de analfabetos adultos, dois terços são mulheres. Consequentemente, 70% das pessoas que vivem na pobreza também o são —daí a feminização da pobreza. Garantir o empoderamento de mulheres é condição essencial para avançar no desen-

volvimento. Os países que apresentam a menor desigualdade de gênero são justamente os mesmos que ostentam o maior índice de desenvolvimento humano.

Que a eleição de nossa primeira presidente e a composição de seu ministério (com um terço integrado por mulheres) tenham força catalizadora de impulsionar o empoderamento das mulheres brasileiras.

Afinal, como lembra Amartya Sen, “nada atualmente é tão importante ao desenvolvimento quanto o reconhecimento adequado da participação e da liderança política, econômica e social das mulheres. Esse é um aspecto crucial do desenvolvimento como liberdade”.

FLAVIA PIOVESAN, professora doutora da PUC/SP, é membro da Força-Tarefa da ONU para a Implementação do Direito ao Desenvolvimento. SILVIA PIMENTEL, professora doutora da PUC/SP, é presidente do Comitê da ONU sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher.

**Figura 1:** Ilustração

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Caderno Tendências/ Debates, 09/01/2011.

## Mulher, democracia e desenvolvimento

Flávia Piovesan e Sílvia Pimentel

### *Que a eleição de Dilma, nossa primeira presidente, e a composição de seu ministério tragam o empoderamento das mulheres brasileiras*

“Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá no ombro de uma mulher. (...) A valorização da mulher melhora a nossa sociedade e valoriza nossa democracia.”

Assim a presidente Dilma inaugurou o seu discurso de posse, enfatizando que sua luta mais obstinada será pela erradicação da pobreza. A presidente brasileira soma-se às 11 mulheres chefes de governo, considerando 192 países.

O Brasil situa-se no 81º lugar no ranking de desigualdade entre homens e mulheres de 134 países, tendo como indicadores o acesso à educação e à saúde e a participação econômica e política das mulheres (relatório Global Gender Gap).

O estudo conclui que nenhum país do mundo trata de forma absolutamente igualitária homens e mulheres. Os países nórdicos revelam a menor desigualdade de gênero -despontando Noruega, Suécia e Finlândia nos primeiros lugares do ranking-, enquanto os países árabes têm os piores indicadores.

Se comparada com outros países latino-americanos, como a Argentina (24º lugar) e o Peru (44º lugar), preocupante mostra-se a performance brasileira, explicada, sobretudo, pela reduzida participação política de mulheres.

Ainda que no acesso à educação e à saúde o Brasil ostente um dos melhores indicadores de nossa região, quanto à participação política atingimos a constrangedora 114ª posição, muito distante das posições argentina (14ª), chilena (26ª) ou mesmo peruana (33ª).

Ao longo da história, atribuiu-se às mulheres a esfera privada -os cuidados com o marido, com os filhos e com os afazeres domésticos -, enquanto aos homens foi confiada a esfera pública.

Nas últimas três décadas, no entanto, houve a crescente democratização do domínio público, com a significativa participação de mulheres, ainda remanescendo o desafio de democratizar o domínio privado -o que não só permitiria o maior envolvimento de homens na vivência familiar, com um grande ganho aos filhos(as), mas também possibilitaria a maior participação política de mulheres.

No mercado de trabalho, para as mesmas profissões e níveis educacionais, as mulheres brasileiras ganham cerca de 30% a menos do que os homens. Para José Pastore, além das diferenças de renda, as mulheres enfrentam uma situação desfavorável na divisão das tarefas domésticas. Os maridos brasileiros dedicam, em média, apenas 0,7 hora de seu dia ao trabalho do lar. As mulheres que trabalham fora põem quatro horas diárias.

Se hoje há no mundo 1 bilhão de analfabetos adultos, dois terços são mulheres. Consequentemente, 70% das pessoas que vivem na pobreza também o são - daí a feminização da pobreza. Garantir o empoderamento de mulheres é condição essencial para avançar no desenvolvimento. Os países que apresentam a menor desigualdade de gênero são justamente os mesmos que ostentam o maior índice de desenvolvimento humano.

Que a eleição de nossa primeira presidente e a composição de seu ministério (com um terço integrado por mulheres) tenham força catalizadora de impulsionar o empoderamento das mulheres brasileiras.

Afinal, como lembra Amartya Sen, nada atualmente é tão importante ao desenvolvimento quanto o reconhecimento adequado da participação e da liderança política, econômica e social das mulheres. Esse é um aspecto crucial do desenvolvimento como liberdade.

**Texto 1:** Artigo de opinião

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Caderno Tendências/ Debates, 09/01/2011.

Já no título do artigo, *Mulher, democracia e desenvolvimento*, é apresentada de forma sintética a evolução dos tempos, apoiando-se na importância do papel da mulher no progresso da humanidade, tendo a democracia como um dos seus pilares.

A ideia global da construção de sentidos do artigo de opinião é o reconhecimento do avanço da democracia no campo feminino conquistado ao longo do tempo. As articulistas tecem seus argumentos mostrando alguns pontos negativos, em que se encontra o perfil feminino, e alguns positivos, conquistados ao longo do tempo, auxiliadas pela voz da presidente Dilma Rousseff. Além da presidente, outras vozes pertencentes ao mesmo discurso de apoio às mulheres são retomadas, entre elas as de José Pastore, pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e consultor em relações do trabalho e recursos humanos; as de Amartya Sen, economista indiano, Prêmio Nobel da Economia-1998, cujos trabalhos teóricos contribuem para uma melhor compreensão dos conceitos sobre miséria, fome, pobreza e bem-estar social; e a voz do relatório Global Gender Gap, que avalia os países na forma como eles estão dividindo seus recursos e oportunidades entre mulheres e homens, independentemente do nível geral desses recursos e oportunidades.

Os elementos gráficos que compõem a ilustração determinam a situação concreta e a compreensão ativa da enunciação construída no contexto histórico: a resistência feminina à força masculina. Os componentes linguísticos do enunciado verbal conduzem à postura valorativa das autoras frente às conquistas no campo feminino em confronto com os fatos, respondendo a uma concepção de mulher que perdurou até recentemente. Tanto no artigo de opinião como na ilustração há toda uma relação histórica do papel da mulher através dos tempos e do mundo.

Como afirma Bakhtin (2003), o enunciado é um elo na cadeia discursiva relacionando-se com o passado e projetando-se para o futuro. Podemos sustentar que é a história que compromete as atitudes responsivas, como mostraremos a seguir através de uma retrospectiva organizada com o auxílio de alguns sites da internet.

#### **4.2.1 A mulher na história da sociedade**

Fazendo um retrospecto histórico da importância da mulher na sociedade ocidental, podemos observar que nos primórdios tempos ela sempre foi respeitada pela sua capacidade de gerar filhos. Era a Terra Mãe, a guardiã, a deusa, a rainha, a soberana, a quem todos consideravam. Nos serviços domésticos eram valorizadas e nos conselhos familiares ouvidas. Nas

sociedades agrícolas, a mulher, além de sua tarefa de reprodução e amamentação, também participava no trabalho braçal.

Ao longo dos tempos foi se firmando a ideia de que a mulher era frágil, e o homem, por sua força, era considerado mais forte, favorecendo a subordinação da mulher a ele. Com a formação das aldeias, da conscientização de posses, de heranças e de chefia, a sexualidade da mulher foi sendo considerada pelo homem como um meio para reprodução de sua linhagem, perpetuando sua descendência. E essa ideia persistiu mesmo na fase industrial.

Com o passar dos tempos a família tornou-se nuclear, formada por pai, mãe e filhos, permanecendo o poder patriarcal. Porém, por causas financeiras e de sobrevivência, a mulher das classes mais baixas foram obrigadas a trabalhar em fábricas, com condições subalternas e recebendo menos do que os homens. Iniciava-se ali uma luta pelos mesmos direitos. Entretanto, persistia o argumento de inferioridade biológica feminina. O sentimento de propriedade era muito grande na fase inicial do capitalismo, e a mulher, considerada como pertencente ao homem, passou a ser controlada e perseguida<sup>1</sup>.

A luta feminina é uma busca de construir novos valores sociais, nova moral e nova cultura. No Brasil, em 1979, as reivindicações trabalhistas coincidiram com as feministas, unindo as duas bases e os mesmos ideais: melhores condições de vida.

Ao longo da História, a presença participativa da mulher na sociedade deu-se pela necessidade consequente de uma crise financeira, e ao ocuparem espaços públicos as mulheres tomaram consciência do seu papel político na sociedade.

Podemos considerar que o enunciado escolhido como objeto de análise faz parte de uma continuidade discursiva, respondendo a enunciados anteriores e se projetando nos posteriores, confirmando com Bakhtin (2003, p. 300), quando afirma que “o enunciado como elo na cadeia da comunicação discursiva não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”.

Dessa forma, podemos concluir que a posição ocupada pela mulher na sociedade provém da evolução dos acontecimentos na história, acarretando diferentes reações, dependendo da postura ideológica assumida pelos indivíduos. Como exemplo marcante, em 08/03/1857, época

---

<sup>1</sup> <[www.shvoong.com/social-sciences/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade/](http://www.shvoong.com/social-sciences/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade/)>. Acesso em 15 fev. 2011.

em que a ideologia machista era corrente e a mulher não possuía voz social, nos EUA, em Nova York, 129 operárias morreram queimadas pela força policial na fábrica têxtil Cotton, onde trabalhavam, pela razão de reivindicarem redução da jornada de trabalho de 14 para 10 horas diárias e o direito à licença-maternidade. Como uma das consequências do crescimento da posição da mulher na sociedade, ainda de maneira retraída, no ano de 1910, durante uma conferência na Dinamarca, foi decidido o dia 08 de março como Dia Internacional da Mulher. Mas, somente no ano de 1975, com a participação feminina mais abrangente, a data foi oficializada pela ONU através de um decreto, marcando de maneira absoluta a importância da mulher no desenvolvimento da humanidade, fato imprescindível para o avanço da transformação da postura ideológica entre os gêneros <sup>2</sup>.

Com referência aos sapatos de salto alto, deduz-se que surgiram no Egito, onde foram encontrados numa tumba, datada 1000 a.C., usados pelas classes mais altas. No teatro grego serviam para mostrar a graduação social dos personagens: quanto mais altos, mais importante era a figura. A história, porém, atribui à Catarina de Médici a invenção dos sapatos de salto alto. Por se sentir menos importante, devido a sua baixa estatura, ela os utilizou quando se casou com Henrique II, da França, introduzindo a moda do salto alto na história da aristocracia europeia <sup>3</sup>.

Nos anos 80, as mulheres executivas passaram a adotar o salto *stiletto* para projetarem uma imagem de eficiência e autoridade. Dessa forma, o sapato de salto tipo agulha, retratado na ilustração que compõe a presente análise, remete-nos à conquista da mulher na sociedade, pelo viés ideológico na sua escolha.

Sobre a cor vermelha, podemos dizer que sua utilização apresenta, entre outras, o posicionamento ideológico transformador, transposto para os ideais políticos nos séculos XIX e XX e assumido pelo Partido dos Trabalhadores. Hoje, quando se vê uma peça de comunicação no cenário político com algum elemento vermelho há a referência ao PT. Era a cor preferida de Marx e Zola. Vermelho é a cor da extinta União Soviética, do exército vermelho (1917-1921), da

---

<sup>2</sup> <[http://www.suapesquisa.com/dia\\_internacional\\_da\\_mulher](http://www.suapesquisa.com/dia_internacional_da_mulher)>. Acesso em 15 de fev. 2011.

<sup>3</sup> <[www.salto15.com.br/historia-dos-saltos-altos](http://www.salto15.com.br/historia-dos-saltos-altos)>. Acesso em 15 de fev. 2011.

China e da cartilha de Mao-Tsé-Tung, configurando-se como a cor utilizada pelos partidos de esquerda <sup>4</sup>.

Assim, podemos inferir que a cor vermelha do calçado feminino remete à cor do Partido Trabalhista – PT, partido da atual presidente, Dilma Rousseff, sucessora de Luís Inácio Lula da Silva, fundador do partido e representante no Governo Federal por duas gestões consecutivas.

Segundo a teoria bakhtiniana, o que determina o enunciado, seu estilo e sua composição é a visão de mundo do falante, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto do seu discurso e o sistema da língua, por outro. Confirmando a proposição teórica de Bakhtin, a seguir faremos uma pequena amostra de análise discursiva entre o artigo de opinião e a ilustração correspondente, relacionando-os dialogicamente aos diversos sentidos que circulam em determinado contexto sócio-histórico-cultural.

#### **4.2.2 A materialidade linguística**

A escolha da materialidade linguística para o desenvolvimento dos argumentos mostra que o artigo de opinião *Mulher, Democracia e Desenvolvimento* dialoga com duas correntes através do tempo e do espaço numa visão cronotópica. Para Bakhtin (2010a, p. 211), no cronotopo artístico-literário,

ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.

Mesmo sendo o conceito de cronotopo uma referência ao texto artístico-literário, podemos adaptá-lo a outros textos, tendo em vista a importância do tempo que atua no enunciado de modo externo e interno. Do ponto de vista da concepção temática relativa aos gêneros biológicos,

---

<sup>4</sup> < <http://blog.grupomaquina.com/2010/09/01/cor-e-politica/>>. Acesso em 07 fev. 2011.

homem e mulher, houve mudanças significativas. Entretanto, aparecem ainda aproximações com a concepção antiga como demonstram as articulistas.

Na interligação das relações do tempo e do espaço, observamos no enunciado que os pontos negativos em relação à mulher se destacam por se encontrarem em maior número, revelando a postura ideológica das articulistas, como observamos em:

(§ 3) O Brasil situa-se no 81º lugar no ranking de desigualdade entre homens e mulheres de 134 países.

(§ 5) [...] pela reduzida participação política de mulheres.

(§ 9) No mercado de trabalho, para as mesmas profissões e níveis educacionais, as mulheres brasileiras ganham cerca de 30% a menos do que os homens.

(§ 9) [...] as mulheres enfrentam uma situação desfavorável na divisão das tarefas domésticas.

(§ 10) Se hoje há no mundo 1 bilhão de analfabetos adultos, dois terços são mulheres.

Essa postura também é delatada no uso da conjunção concessiva no § 6: *Ainda que no acesso à educação e à saúde*, indicando uma conexão contrastiva do processo comunicativo (NEVES, 2000). Esta escolha vai contra a direção da explanação das ideias para a defesa do tema do enunciado que é reconhecer o avanço da democracia no campo feminino. A crítica ao processo que melhorou a educação e a saúde da mulher é concretizada pelo aspecto concessivo, prevalecendo a ideia negativa expressa em [...] *quanto à participação política atingimos a constrangedora 114ª posição*, no mesmo parágrafo, evidenciando o feminismo cultural das autoras. Esse tipo de feminismo tem como adversários as instituições e os valores patriarcais, e como meta a autonomia cultural. Podemos detectar, assim, as organizações que serviram de base para as avaliações e o seu uso para retaliações: educação, saúde e política.

Nos pontos positivos, as autoras apresentaram poucos argumentos, utilizando a materialidade da língua de maneira abstrata, sem a concretude da explanação negativa baseada em números estatísticos, observados em:

(§ 8) Nas últimas três décadas, no entanto, houve a crescente democratização do domínio público, com a significativa participação de mulheres.

(§ 10) Os países que apresentam a menor desigualdade de gênero são justamente os mesmos que ostentam o maior índice de desenvolvimento humano.

Observando o enunciado do § 10, acima, evidenciamos um quesito que chama a atenção pela posição ocupada na frase: o uso da expressão *desigualdade de gêneros* antes da expressão *desenvolvimento humano*, destacando o termo com sentido negativo e deixando à mostra o interno ideológico feminista.

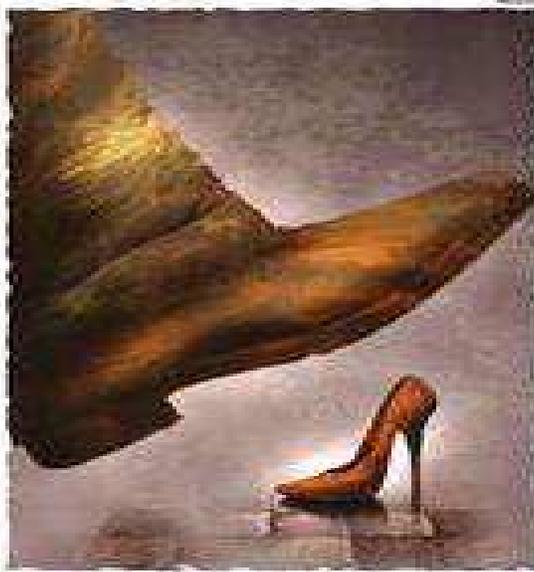
Assim, com base na análise do material linguístico escolhido, atentamos que para as autoras, o crescimento feminino em todos os âmbitos é uma possibilidade amparada na incerteza de certas ações que ainda vão se realizar (uso do tempo verbal futuro do pretérito, “permitiria” e “possibilitaria”, no parágrafo 8). Tal mudança se concretizará sob determinadas condições (uso da conjunção condicional “se”, nos parágrafos 5 e 10), em que se espera dispensar as concessões (uso da conjunção concessiva “ainda que”, no parágrafo 6) exigidas pela sociedade machista, ainda em vigor, que atua na adversidade (uso da conjunção adversativa “no entanto”, no parágrafo 8). Todas essas idéias foram estimuladas pelo discurso de posse da presidente Dilma Rousseff, de cujas palavras as articulistas se serviram, transcrevendo-as no primeiro parágrafo, entre aspas, expondo o ideal almejado. Para Bakhtin (2003), nas aspas se ouvem nitidamente os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das suas mútuas relações dialógicas.

De acordo com a análise realizada, podemos considerar que as articulistas, com seu estilo crítico, manifestaram, coincidentemente, a postura crítica do jornal *Folha de S. Paulo*, que tem esse critério como um de seus norteadores.

Continuando o estudo, a seguir observaremos os elementos gráficos que compõem as figuras da ilustração do mesmo artigo.

#### **4.2.3 A materialidade verbovisual**

Um sapato vermelho de salto agulha destaca-se sobre um piso determinado, bem assentado e cercado por uma aura luminosa. Sobre ele, em tamanho gigantesco, um calçado masculino em posição de ataque freado, também envolto pela luminosidade e pela cor indefinida. As figuras metonimicamente representadas – a parte pelo todo - simbolizam os gêneros masculino e feminino. Assim podemos descrever o discurso ilustrativo do artigo de opinião *Mulher, Democracia e Desenvolvimento*, de acordo com a nossa visão valorativa.



**Figura 1:** Ilustração

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Caderno Tendências/ Debates, 09/01/2011.

Os sentidos originados da ilustração nos remetem à história da humanidade, em que o homem com o poder tomado a si colocava a mulher como submissa por motivos que a história apresenta. Porém, como configurado no desenho, a refreada de um possível ataque ao símbolo feminino no poder, representado pela cor vermelha – cor do partido da presidente brasileira – e do sapato alto – índice de autoridade feminina -, possibilita-nos acreditar em uma mudança nesta postura, decorrente das conquistas alcançadas através da luta da mulher pelo seu lugar na sociedade em diferentes setores.

Podemos relacionar o tom de ataque iminente à mulher a uma ameaça contida, pela posição do calçado masculino sobre o feminino, aparentando uma agressão não consumada, talvez por uma possível transformação na atitude masculina que ainda pode vislumbrar no decorrer da história que está sendo construída.

O tamanho desproporcional dos calçados nos remete a uma relativa posição social masculina sustentada na sociedade por várias épocas, em várias situações. Também a posição em que os objetos se encontram, o pequeno feminino sob o grandioso masculino de forma ameaçadora, marca a suposta superioridade do homem que ainda tolhe o crescimento da mulher na sociedade.

Ao relacionarmos o enunciado ilustrativo de forma dialógica, conforme Bakhtin (2003, p. 298) pontua: “a nossa própria ideia [...] nasce e se forma no processo de interação e luta com o

pensamento dos outros”, refletindo nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento, podemos antever uma atitude de refração do autor do discurso ilustrado, face à avaliação dos valores em construção na vida da sociedade, pela composição das formas e cores. Podemos considerar que o tom crítico do artista marcou o avanço da mulher na história da humanidade, cuja ascensão foi prorrogada pela soberania da força. Mas, ao mesmo tempo, expressou o poder do homem como resistência, visto pelo tamanho e posicionamento do calçado masculino, como se quisesse dominar, num diálogo com o texto escrito.

Nas configurações imagéticas foi empregada certa perspectiva angular, de forma que, mesmo estando em tamanhos desproporcionais, a luminosidade que envolve os calçados delata, de acordo com a teoria bakhtiniana, a postura axiológica do autor frente ao enunciado. Dessa maneira, foi colocado em destaque aquele considerado a força do momento presente da história: o feminino; numa orquestração harmoniosa de sentidos sobre a luta feminina pela sua posição na sociedade e a aceitação masculina dessa mudança na sociedade.

A ilustração está apresentada como um recorte ultrapassado, pelas bordas irregulares, transportando-nos a uma ideia de registro antigo, de uma situação passada e que está para ser transformada, garantida pelas cores iluminadas dos desenhos. Podemos relacionar essas configurações com a ascensão das mulheres brasileiras na política, que anteriormente era considerada simples utopia. Na época atual, temos vislumbrado esse progresso na materialização da psicologia social que tem a posição feminina na sociedade como uma espécie de estopim para o desenvolvimento humano.

Podemos dizer que o artigo de opinião e a ilustração refletem a posição em que se encontra a atual psicologia social num jogo de ideias, que ora convergem, ora divergem da ideologia no momento da construção da obra, numa demonstração de insegurança, que pode ser resultante dos acontecimentos, crenças, sentimentos e valores impregnados no tempo e no espaço de cada um de seus autores a respeito do fato. Refletem também a possível posição ocupada pelo leitor, que influenciado pelos discursos circundantes pode aceitar ou não essa transformação.

Todos esses dizeres estão inseridos num determinado momento da história em que o espaço e o tempo fazem emergir a figura da mulher na sociedade de maneira diferenciada, ocupando um lugar de destaque, fazendo evoluir uma ideologia ainda arraigada no interno masculino. A obra (ideológica), que no caso é o artigo e a ilustração, de acordo com Bakhtin

(2009), é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela em cada época de sua existência histórica. Para Bakhtin (2009, p. 111), toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma,

contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.

Dessa forma, nesse estudo baseado na teoria bakhtiniana observamos a tensão que percorre os dois enunciados, cujo diálogo entre autor, leitor e obra, pode resultar em uma troca enriquecida pelos “*valores cronotópicos* de diversos graus e dimensões” (BAKHTIN, 2010a, p. 349, grifo do autor) sobre os quais é construído cada sentido de cada aspecto da interação, num cruzamento de diferentes pontos de vista, visto serem vivenciados por pessoas diferentes com diferentes visões de mundo.

Dando seguimento ao trabalho de análise dos enunciados, observaremos o artigo de opinião e a charge.

### **4.3 Relações dialógicas entre editorial e charge**

Para a realização da atual análise, selecionamos o editorial e a charge do jornal *Folha de S. Paulo*, de 18 de março de 2011, sobre a visita de Barack Obama ao Brasil. O encontro entre o primeiro presidente americano negro e a primeira presidente brasileira mulher pode ser considerado como uma superação de preconceitos e desconstrução do olhar sobre determinados grupos sociais, sendo visto como de grande significado político e simbólico. Obama semeou esperança em negros do mundo todo, e Dilma, por sua vez, é a representação máxima do potencial feminino brasileiro em cargos políticos<sup>5</sup>.

Além desse universo de fatos históricos, a visita poderia ser de grande proveito para as duas nações que devem tratar sobre a relação Brasil e Estados Unidos, referentes à produção de biocombustível, à extinção da taxa de exportação do etanol brasileiro, à colaboração dos EUA na

---

<sup>5</sup> <<http://www.palmares.gov.br/?p=9373>>. Acesso em 17 mai. 2012.

exploração do pré-sal e ao assento permanente do Brasil no Conselho de Segurança da ONU, questões pendentes da gestão anterior e referidas na mesma edição do jornal, em anexo no final do trabalho.

A charge está localizada no caderno *Opinião* numa interação com o editorial *Operação simpatia*, enunciados escolhidos para a análise. Podemos dizer que também houve interação com o artigo de opinião *O gesto*, de Eliane Catanhêde, sobre os interesses de ambos os países para uma boa relação, em anexo no final desta pesquisa, além de outras produções.

O editorial e a charge são dois enunciados pertencentes a gêneros diferentes, pois, segundo Bakhtin (2003, p. 261) “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional”. Esses enunciados, mesmo realizados e publicados em um mesmo tempo histórico: véspera da visita do presidente americano ao Brasil; sobre o mesmo assunto: a visita do presidente Barack Obama ao Brasil; atendendo a um determinado campo da comunicação: a mídia impressa; e veiculados pelo mesmo órgão jornalístico: o jornal *Folha de S. Paulo*, possuem a capacidade de construir sentidos e de significar de maneiras diferentes, por seus estilos, seus elementos de composição e seus conteúdos temáticos serem construídos de formas diversas. Apesar dessas diferenças estabelecem relações de sentido, pois um responde ao outro, o que podemos observar abaixo.



**Figura 2:** Charge

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião

### **Operação simpatia**

*Sem perspectiva de muitos ganhos concretos, viagem do presidente Barack Obama ao Brasil aponta para maior aproximação dos dois países.*

Palco de manifestações históricas pela democracia, e até hoje local propício a quem queira avaliar o pulso e a temperatura da política brasileira, a Cinelândia deverá receber no domingo, a estrela política um tanto declinante, mas ainda carismática, de Barack Obama.

Não é fato corriqueiro, pensando na longa e dúbia história de fascínio e resistência do Brasil face à influência americana, que um presidente dos Estados Unidos venha pronunciar, em pleno centro do Rio de Janeiro, um discurso dirigido diretamente à população.

Em Berlim, durante a sua campanha, e no Cairo, em 2009, Obama fez discursos considerados históricos. Essas manifestações traziam diferença palpável frente a seu antecessor, George W. Bush, tanto no que toca à cooperação com organismos internacionais quanto nos temas candentes dos direitos humanos e das relações americanas com o mundo muçulmano. O discurso principal da viagem à América Latina, contudo, deve realizar-se no Chile.

Não há tanto a esperar, nem mesmo do ponto de vista retórico, da passagem de Obama em terras brasileiras. Parece improvável que o presidente reserve a ocasião para defender explicitamente o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU, como fez com relação à Índia em 2010.

Isso representaria um notável passo na expectativa, promovida pelo próprio Obama, de uma gestão mais equilibrada dos impasses internacionais. O fato é que a postulação não tem recebido, por parte dos EUA, mais que frases protocolares e pouco encorajadoras.

A visita de Obama possui, do ponto de vista político e diplomático, mais o aspecto de uma aproximação necessária do que o de uma passagem a patamares inéditos de parceria.

Contudo, diante dos frequentes deslizes diplomáticos da administração anterior no tema dos direitos humanos, que diversas declarações da sucessora Dilma Rousseff vêm corrigindo em boa hora, e da importância crescente do Brasil no cenário internacional, a visita de Obama torna-se propícia para superar o relativo descompasso que, não apenas no plano comercial, verificou-se entre os dois países até recentemente.

Discursos, cortesias, futebol e samba talvez componham, na verdade, parte mais substancial do que se pensa na agenda da visita. A operação simpatia não deve ser menosprezada: tem relevância clara no estágio atual das relações entre Brasil e EUA, e Barack Obama, em que pese uma imagem menos triunfante do que a de seus primeiros dias, possui talento suficiente para realizar a contento essa missão de relações públicas.

#### **Texto 2:** Editorial

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião

De acordo com o Manual da Redação, o jornal *Folha de S. Paulo* orienta sua conduta por um projeto editorial que vem se desenvolvendo com o objetivo de produzir um jornalismo crítico, moderno e apartidário. Porém, vários são os interesses embutidos no projeto editorial do jornal, motivo para que o leitor se posicione de maneira crítica às opiniões publicadas. É preciso estar atento a quem produz o enunciado, às suas posições e intenções, ao lugar que se produz para o apercebimento dos sentidos nas escolhas que a língua permite. Para que isso se torne uma realidade é necessário que o leitor tenha conhecimento das possíveis armadilhas linguísticas expostas no enunciado como o implícito, na forma de pressuposição, fazendo-se necessário para o seu reconhecimento, de acordo com Kock (2009) que o ouvinte tenha condições de reconhecer no enunciado a forma particular sob a qual a proposição vem expressa.

Sendo o editorial um gênero da esfera jornalística que expressa a opinião da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento, dirigido à coletividade (MELO, 2003), podemos observar no enunciado em questão que certas escolhas linguísticas refletem a posição em que o autor se coloca em relação ao contexto vigente, esperando uma refração por parte de seu destinatário. A palavra, de acordo com Bakhtin (2009, p. 42, grifo do autor), “será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais. [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.

Podemos, assim, estabelecer algumas relações analisadas dialogicamente a respeito de cada tema, observadas nas representações linguísticas do editorial e nos elementos gráficos que compõem as figuras chárgicas, de acordo com suas especificidades. Para Bakhtin (2009), o tema expressa o acontecimento histórico que originou a enunciação como um todo.

Quando os dois gêneros estão dispostos na página de opinião, que é onde se encontram o editorial e a charge no jornal *Folha de S. Paulo* (em anexo no final do trabalho), enfocando um assunto em comum, que no caso é a visita do presidente americano Barack Obama, para Melo (2003), há a requisição de uma atenção dos interlocutores a fim de manter com seu público leitor relações dialógicas, apreendendo seus modos de expressão existentes na linguagem e suas expectativas pelos temas apresentados. Para uma melhor interpretação/compreensão dos enunciados, é preciso que o autor trace um caminho de intenções que possam coincidir com as expectativas do público-leitor, numa perspectiva convergente. Além disso, os sentidos originados dos enunciados podem propiciar uma atitude responsiva do leitor por meio de uma resposta ação, tornando-se o jornal, portanto, segundo Romualdo (2000), um mediador entre o público e os fatos na construção de uma realidade reproduzida.

Podemos analisar essas relações de sentidos por meio da observação da materialidade específica de cada enunciado, o que realizaremos a seguir.

#### **4.3.1 A materialidade linguística**

O tema do editorial *Operação simpatia* é o embate entre os dois governos - Estados Unidos e Brasil -, que procuram amenizar os confrontos da época do governo anterior ao de Dilma Rousseff, cujo fato motivador é a visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil.

A enunciação do editorial está baseada no ponto de vista do corpo da empresa sobre o universo político e econômico, realizado de maneira axiológica e acrescido pelo possível posicionamento do leitor. Este processo é concretizado por meio de escolhas linguísticas como *A visita [...] mais um aspecto de uma aproximação necessária* (§ 6), refletindo a posição em que o autor se encontra em relação ao contexto vigente. Essa relação, na nossa visão, pode ter sido influenciada pelos discursos sobre as relações entre os dois países e os fatos ocorridos na história, em que o Brasil, visto como uma nação em potencial, não pode ser desprezado pela nação americana, considerada um poder mundial.

Para o Círculo bakhtiniano, quando nos deparamos com a réplica, todos os nossos sentidos entram em ação para a preparação do sentido da enunciação, numa referência ao passado, ao presente e às possíveis respostas que virão no futuro, de todas as direções, num diálogo contínuo. Com base nessa proposta, podemos estabelecer uma ponte com o conceito de pressuposição de Ducrot (1987, p. 41), quando afirma que “quanto ao pressuposto, mesmo que, de fato, nunca tenha sido introduzido anteriormente ao ato de enunciação [...], ele procura sempre situar-se em um passado do conhecimento, [...], ao qual o locutor parece referir-se”. Mesmo pertencente a uma linha diversa à teoria dialógica, as ideias do estudioso francês se encontram com as do filósofo russo no estudo da linguagem, quando aquele considera a pressuposição como parte integrante do sentido da linguagem, sentido este, resultado do enlace da “multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2009, p. 42).

Seguindo as concepções de ambos os teóricos, podemos dizer que o sentido do enunciado opinativo em questão, foi construído sobre as bases das intenções pretendidas de seu enunciador. A pressuposição é apresentada como uma evidência, como um quadro incontestável no interior, ou seja, como um elemento do universo do discurso, assertiva adequada por estarmos relacionando os efeitos das escolhas linguísticas na construção dos sentidos do editorial *Operação simpatia*. Nesse caso, podemos colocar como pressuposto básico que *a visita do presidente americano Barack Obama não deverá trazer ao Brasil grandes mudanças*, observado no:

Lead (logo após o título) - Sem perspectivas de ganhos *concretos*

§ 4 - Parece *improvável* [...] defender

§ 3 – O discurso principal, *contudo* deve realizar-se no Chile.

§ 5 - Isso *representaria* um notável passo [...] dos impasses internacionais

§ 5 - Frases *protocolares e pouco encorajadoras*

§ 6 - A visita [...] mais um aspecto de uma aproximação *necessária*

§ 7 – *Contudo* [...] a visita de Obama torna-se propícia

§ 8 - Discursos, cortesias, futebol e samba [...] parte mais *substancial*

Tal pressuposto foi sustentado em todo enunciado, aparecendo de forma contundente no último parágrafo: *Barack Obama [...] possui talento suficiente para realizar a contento essa missão de relações públicas.*

O leitor mais desavisado sobre o uso das palavras e menos conhecedor dos fatos pode ficar à mercê das escolhas linguísticas do enunciador, com as quais objetiva persuadi-lo. Observamos alguns dados realizados de maneira estratégica como adjetivos, pronomes demonstrativos, conjunção adversativa e o tempo verbal futuro do pretérito.

Os adjetivos em destaque: ganhos *concretos* (lead); *improvável* (defender) (§ 4); frases *protocolares e pouco encorajadoras* (§ 5); aproximação *necessária* (§ 6); parte mais *substancial* (§ 8); e talento *suficiente* (§ 8), exprimem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante, de acordo com a opinião do enunciador sobre o fato, numa avaliação subjetiva (NEVES, 2000). Se fizermos uma relação desses usos com a enunciação, podemos dizer que estão diretamente ligados ao embate entre as duas nações, refletindo um descrédito ao governo americano em solucionar algumas questões pendentes com o Brasil, dadas as suas significações dentro do contexto.

Os pronomes demonstrativos referem-se mais diretamente ao ouvinte, acentuando sua inclusão na situação de discurso, indicando proximidade temporal (NEVES, 2000). O pronome destacado em *Isso representaria* (§ 5) está empregado anaforicamente, podendo indicar um tom acentuado, dando ideia de exatidão ao que o presidente americano poderia fazer, projeto este, auxiliado pelo possível posicionamento do leitor. O pronome demonstrativo em *essa missão de relações públicas* (§ 8), empregado de forma disfórica, pode fazer referência desairosa (NEVES, 2000) da visita e considerar o possível objetivo da visita de Barack Obama na sua pequenez.

Em *representaria*, o tempo verbal futuro do pretérito denota uma incerteza na ação que ainda vai se realizar (BECHARA, 2004), que é o improvável apoio de Barack Obama ao ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU.

A conjunção adversativa que apresenta a ideia básica de oposição tem em *contudo* no § 7, *Contudo, diante dos frequentes deslizos diplomáticos [...] a visita de Obama torna-se propícia*, a expressão de retificação de posturas que, talvez, possa contribuir para uma aproximação maior entre as duas nações.

Na materialidade linguística também observamos a relação com várias notícias veiculadas em diferentes mídias:

- ✓ A personalidade marcante de Barack Obama em a *estrela política* (§ 1), *discursos considerados históricos* (§ 3), *imagem menos triunfante* (§ 8).
- ✓ A eloquência e habilidade oratória sempre presentes em seus discursos colocando-o em destaque<sup>6</sup>, referidos no § 4: *Não há tanto a esperar, nem mesmo do ponto de vista retórico* e no § 5: *frases protocolares e pouco encorajadoras*. Podemos dizer que as qualidades de elocução que o acompanham em seus pronunciamentos pelo mundo não são de esperar, visto poder ser sua presença no Brasil não uma visita com o propósito de agradar aos interesses brasileiros, mas apenas *para realizar essa missão de relações públicas*, como exposto no § 8 e, dessa forma, sem grandes preocupações no preparo de seu discurso.

Assim, as palavras enunciadas no texto, dependendo do conhecimento de mundo do leitor, podem referir-se tanto à pessoa do presidente como à sua visão, à sua ideia; o que podemos reiterar com as palavras do Círculo de Bakhtin (2009, p.61) de que “toda expressão semiótica exterior, por exemplo, a enunciação, pode assumir duas orientações: ou em direção ao sujeito, ou, a partir dele, em direção à ideologia”;

- ✓ o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU prejudicado pela votação contra às novas sanções ao Irã no governo do presidente Lula em junho de 2010 em: *improvável que o presidente [...] defender o ingresso do Brasil* (§ 4); *deslizos diplomáticos da administração anterior* (§ 7); *relativo descompasso que, não apenas no plano comercial* (§ 7). Para o governo americano, o Brasil cometeu um “pecado mortal” ao votar contra a resolução do Conselho de

<sup>6</sup> <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-supervalorizacao-do-poder-da-retorica,112132,0.htm>>. Acesso em 13 jun. 2011.

Segurança sobre novas sanções ao Irã, em junho de 2010, “comprometendo a própria credibilidade do sistema”<sup>7</sup>.

Esse seria o momento que se busca uma reaproximação para uma reconciliação. Assim, os Estados Unidos, não se manifestando declaradamente, utiliza o tempo para novas avaliações da postura brasileira frente a certas decisões que envolvem a política mundial. Podemos associar essa passagem com as palavras de Bakhtin (2003, p. 4):

Quantos véus necessitamos tirar da face do ser mais próximo – que nela foram postos pelas nossas reações casuais e por nossas posições fortuitas na vida -, que nos parecia familiar, para que possamos ver-lhe a feição verdadeira e integral.

Assim, serão as decisões do governo brasileiro no decorrer do mandato da atual presidente e também a postura de seus sucessores que irão permitir aos EUA uma visão mais esclarecedora da posição ideológica, assumida anteriormente de forma inadequada pelos padrões da ONU. Com isso poderão surtir melhores avaliações e consequente confiança em futuros projetos.

✓ Ações do presidente americano George W. Bush após o ataque de 11 de setembro de 2001 pelos terroristas do grupo Al Qaeda, incluindo uma política de apoio à democracia no mundo, mostrando-se “decidido a enfrentar os três países que, em sua opinião, representam a maior ameaça à paz mundial e que chamou de ‘eixo do mal’: Iraque, Irã e Coréia do Norte, com ênfase especial no Iraque” (BARSA, 2003, p. 9), numa comunhão de sentidos com o enunciado *temas candentes [...] das relações americanas com o mundo mulçumano* (§ 3).

✓ Posicionamentos ideológicos entre Brasil e EUA sobre vários fatos ocorridos, decorrendo numa *longa e dúbia história de (fascínio e) resistência do Brasil face à influência americana* (§ 2), como em:

- 1979, em que a atitude americana foi vista como um ato de ingerência na política doméstica, quando em visita ao Brasil, o presidente Jimmy Carter interpela o então presidente Ernesto Geisel sobre a tortura durante a ditadura militar.
- 1987, quando o Brasil declarou moratória, desagradando aos credores americanos; os EUA, por sua vez, impuseram taxas aos produtos brasileiros devido à reserva de mercado no setor de informática.

<sup>7</sup> <<http://www.forte.jor.br/2011/02/06/obama-nao-quer-brasil-no-conselho-da-onu/>>. Acesso em 08 jun. 2011.

- 1995 a 2000, com o impasse sobre a Alca relativo aos subsídios americanos à agricultura e ao mercado de serviços brasileiros.
- 2002, em que um ex-membro do Conselho de Segurança americano afirmou que, caso eleito, o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva conduziria o Brasil para o “eixo do mal”.
- 2003, quando o governo brasileiro declara-se contra a invasão do Iraque pelas tropas americanas.
- 2004, quando a justiça brasileira alegou o princípio da reciprocidade, pela medida adotada pelos EUA após os atentados de 11 de setembro.
- 2005, quando a Alca não entra em vigor, continuando na mesa de negociações devido ao desacordo entre Brasil e EUA.
- 2007, quando se inicia a chamada “diplomacia do etanol”, objetivando a redução da dependência do petróleo e a emissão de gases que contribuem para o aquecimento global.
- 2010, quando o Brasil vota contra as novas sanções ao Irã, comprometendo sua posição diplomática<sup>8</sup>.

Podemos dizer que o enunciador ao fazer relação à *longa e dúbia história* referiu-se a certos atritos, levando-nos a pressupor a sua posição ideológica como uma tênue esperança para a solução dos impasses entre as nações, visto a dificuldade de entrarem num consenso do ponto de vista ideológico. E como diz Bakhtin (2003, p. 289), “a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido”.

✓ Por serem os EUA considerados os maiores consumidores de querosene de aviação do mundo, a necessidade de um entendimento com o Brasil para o desenvolvimento de bioquerosene de aviação nos leva ao relacionamento do enunciado do § 6: *A visita de Obama possui, do ponto de vista político e diplomático, mais o aspecto de uma aproximação necessária*, cujo objetivo seria absorver a tecnologia da produção e beneficiamento da cana-de-açúcar, desenvolvidos no Brasil para a composição de biocombustíveis. Em uma de suas aparições, Barack Obama declarou: “Se alguém duvida do potencial dos combustíveis renováveis, considere

---

<sup>8</sup> <[http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/relacoes\\_brasil\\_eua/contexto1.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/relacoes_brasil_eua/contexto1.html)>. Acesso em 13 jun. 2011

o Brasil. Lá, mais da metade dos veículos podem utilizar biocombustíveis”. Nas palavras de Marcos Sawaya Jank, presidente da UNICA, “Estamos avançando na energia elétrica e em novos combustíveis feitos de biomassa e biotecnologia; começamos a entrar na era dos bioplásticos, do diesel e do querosene de aviação feitos de sacarose, da gaseificação e das grandes biorrefinarias”<sup>9</sup>.

Além disso, observamos relações entre os vários discursos que povoam o universo cultural como:

- ✓ O lugar determina a importância do evento, na referência à *Cinelândia como palco de manifestações para a democracia* (§ 1), como no movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984, as Diretas Já.
- ✓ A admiração dos brasileiros pelos EUA, na referência ao *fascínio do Brasil à influência americana* (§ 2)
- ✓ O Chile é superior ao Brasil, na referência ao *discurso principal de Obama que deve ser realizado no Chile* (§ 4).
- ✓ Barack Obama é pacifista, na referência ao *notável passo de Obama na questão de impasses internacionais* (§ 5).
- ✓ Futebol e samba é o que o Brasil tem de melhor a oferecer, na referência à *parte mais substancial na agenda da visita do presidente americano* (§ 8).

As relações de sentido observadas no enunciado nos permitem confirmar que são as leis sociais e econômicas que determinam a realidade ideológica por meio da palavra - material privilegiado na comunicação social.

Dando seguimento, observaremos os sentidos relacionados às escolhas gráficas da charge.

### 4.3.2 A materialidade verbovisual

Para a análise da enunciação da charge, podemos dizer que está baseada nos pontos de vista do chargista sobre os textos, os discursos e as várias vozes do universo político e econômico

<sup>9</sup> <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-etanol-na-visita-de-obama,692051,0.htm>>. Acesso em 13 jun 2011.

realizados de maneira axiológica e acrescidos da visão presumida do leitor. Por ser a charge carregada de simbolismos, sua compreensão demanda conhecimento dos fatos e habilidade de interpretação das imagens visuais.



**Figura 2:** Charge

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião

O tema da charge é a possível solução de alguns impasses entre as duas nações apesar da desconfiança entre ambos os governantes, intento motivado pela visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil.

As informações importantes da charge encontram-se no canto esquerdo, que é o campo privilegiado da visão. No caso é a bandeira americana desenhada na asa do avião, por cujas escadas, podemos concluir, desceu o presidente americano, caracterizando a figura de Barack Obama.

Na composição visual observamos o nivelamento das configurações de maneira harmoniosa por encontrarem-se as figuras mais representativas ao centro do quadro, que são os chefes de governo americano e brasileiro, e do microfone, representado por um talo de cana-de-açúcar. No alto, à direita, provocando um aguçamento, temos algumas linhas que definem, apenas pela tonalidade, algumas aves de grande porte, que podemos deduzir como sendo emas, aves que vivem nos jardins do Palácio do Planalto, caracterizando a figura da presidente Dilma Rousseff.

Ambos os presidentes estão representados na charge por meio da caricatura de suas figuras. A representação na caricatura, de acordo com Romualdo (2000), consiste no exagero

proposital das características marcantes do indivíduo por meio do uso hiperbólico das linhas, no caso, de cada presidente.

✓ A caricatura do presidente americano - boca travada, testa franzida, sobrancelhas desniveladas, postura encurvada - está configurada no contrário do aspecto de disposição e altivez que sempre foram sua marca de homem público, numa tentativa de destronamento - característica da carnavalização bakhtiniana; as duas linhas curvas, indicando a testa franzida, e as duas linhas curvas grossas e desniveladas, caracterizando as sobrancelhas, podem assumir um aspecto de dúvida, de acordo com a cultura popular; os pontos que definem seu olhar de maneira desconfiada pode ser um indicativo de uma atitude cautelosa, conseqüente das relações diplomáticas abaladas em junho de 2010, quando o Brasil votou contra as novas sanções ao Irã, comprometendo a credibilidade política brasileira.

✓ Na caricatura da presidente brasileira, o olhar retratado com pontos nivelados e centralizados denota um ar maroto, de quem fez uma travessura e espera o resultado de forma dissimulada, indicando certa insegurança, podendo ser referente a certas situações que ficaram pendentes entre os dois países. Por outro lado, a configuração dos braços estendidos e o corpo esguio remetem a uma postura de segurança ao que se pretende, possivelmente com relação ao biocombustível brasileiro.

✓ A representação da cana-de-açúcar, matéria prima do biocombustível etanol, está realizada no centro da charge pelo desenho de um microfone com a forma e a cor verde da cana-de-açúcar, com seus gomos separados pelos nós da fruta em cor amarela, cor vibrante, podendo representar uma atenção sobre o assunto como a esperada eliminação da sobretaxa na exportação do etanol brasileiro para os EUA<sup>10</sup>. Podemos, também, fazer relação com as cores da bandeira brasileira e as condições da política nacional. As linhas curvas retratam as folhas da cana-de-açúcar de maneira viva. Com esse aspecto parecem efetuar uma investida ao que poderá ser pronunciado pelo presidente americano.

✓ O tapete retratado de maneira relaxada pode denotar que os preparativos para a espera de Barack Obama foram realizados às pressas, sem os devidos cuidados, como se fossem preparados

---

<sup>10</sup> <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/principal-objetivo-da-visita-do-obama-ao-brasil-e-economico>>. Acesso em 13 jun. 2011.

para uma personalidade não tão benquista, mas necessária à boa política de vizinhança e de interesses.

✓ A localização da representante brasileira fora do tapete vermelho pode denotar um sentimento de inferioridade. Tal posicionamento coloca a figura do presidente americano em destaque, talvez com a intenção de persuasão, de conquista.

Como Dondis (2007, p. 99) confirma que “a forma segue a função”, podemos concluir que a proposta do chargista na elaboração do enunciado visual foi mais geral e abrangente, pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir. Assim, a charge não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça (ROMUALDO, 2000).

No que tange à palavra, segundo a teoria do Círculo, ela expressa o signo ideológico de determinado grupo de indivíduos, pois manifesta a psicologia social acumulada de mudanças e deslocamentos assimilados no decorrer da história. A sua compreensão/interpretação vai ao encontro do conhecimento prévio do leitor, de suas leituras ao longo de sua existência, assim como a postura ideológica assumida por ele, que responderá a determinada enunciação de acordo com seu horizonte social.

Apesar de almejarem a finalidades referentes a cada campo, os enunciados se complementam quando enunciam alguns dos impasses existentes entre as duas nações como o ingresso do Brasil no Conselho da ONU e a eliminação da sobretaxa de exportação do biocombustível brasileiro. Cada questão de acordo com a refratação às muitas visões contextuais concretizadas em sua materialidade específica, em que os vários textos, discursos e vozes conduziram as enunciações a um mesmo tom crítico, respaldado pela base estrutural ideológica do jornal *Folha de S. Paulo* que é ser crítico e, também, como é esperado, pela de seu leitor.

Podemos dizer que o dialogismo entre a charge e o editorial foi possível graças à observação aos parâmetros estabelecidos pela teoria bakhtiniana, em que tema, estilo e forma composicional concretizaram cada enunciado de forma diferente, pelo aspecto sócio-histórico-cultural refratado pelos participantes do diálogo.

Assim, finalizamos essa pequena análise das relações dialógicas entre o editorial e a charge confirmando as palavras de Bakhtin (2003, p. 300):

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Todo enunciado sempre responde de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam.

No caso dos dois exemplares, editorial e charge, o fato de estarem localizados na mesma página do jornal permite ao leitor responder a ambos, tendo em vista que expressam pontos de vista relacionados a um mesmo fato noticiado pela mídia. Explicitar tais relações torna possível observar os sentidos dos implícitos e os embates ideológicos que sustentam tais enunciados.

## CONCLUSÃO

Como a teoria dialógica da linguagem centrada em Bakhtin e no Círculo preconiza, o sujeito é um elo no universo da multiplicidade de vozes que habitam os discursos circulantes no antes, no agora e com projeção no futuro. Neles são refratadas as nuances representativas do interno e do externo dos participantes da interação para uma possível réplica a respeito de determinada situação, em determinado contexto sócio-histórico-cultural, no momento de sua enunciação. Segundo Bakhtin (2003, p. 300),

o enunciado está voltado não só para seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele. No entanto, até a mais leve alusão ao enunciado do outro imprime no discurso uma reviravolta dialógica, que nenhum tema centrado meramente no objeto pode imprimir. A relação com a palavra do outro difere essencialmente da relação com o objeto, mas ela sempre acompanha esse objeto.

Ao tratarmos sobre compreensão/interpretação da leitura nas escolas, visamos a auxiliar os educadores na orientação dos aprendizes a uma mudança de posturas de modo responsivo, com atitude. Por serem enunciados de grande riqueza de idéias, crenças, ideologias e conhecimentos, os enunciados opinativos da esfera jornalística tornam-se objetos especiais para a análise dialógica.

Pelos variados aspectos da materialidade linguística/verbovisual do artigo de opinião, da ilustração correspondente, do editorial e da charge, foi-nos possível detectar uma gama de vertentes histórico-culturais para fins de análise dialógica desses enunciados. No presente estudo nos detivemos a uma reduzida parte desses aspectos pela amplidão de caminhos que cada discurso envolve na comunicação verbal, como “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Ao estabelecermos relações dialógicas entre enunciados verbovisuais que circulam na mídia impressa, procuramos mostrar que a relação valorativa do enunciador do artigo *Mulher, democracia e desenvolvimento* foi determinada pelas escolhas dos recursos permitidos pela língua, conduzindo o enunciado a um posicionamento ideológico pressuposto. Seguindo os

ensinamentos bakhtinianos, durante o processo de análise foi nos tornando claro o que as articulistas pretendiam através da observação da materialidade linguística utilizada, na medida em que se serviam de vozes pertencentes ao discurso de apoio à mulher e que enfatizavam alguns pontos negativos na evolução social feminina, configurando o ideal feminista.

Também examinamos a transparência ideológica na ilustração de tal artigo. Esta se revelou como um espelho das convicções das autoras pelas figuras representativas do gênero masculino em posição de ataque ao feminino. As formas realizadas em escalas diferentes fizeram sobressair o masculino, em comunhão de sentidos com o ideal do chargista, ainda em conflito com sua visão de mundo. Apesar de ter colocado em evidência o símbolo masculino, a maior luminosidade que envolve o calçado de salto alto deixou visível a força feminina. Verificamos, assim, que mesmo compartilhando dos mesmos valores os autores focaram temas diferentes.

Além desses aspectos, observamos na ilustração as várias vozes que ecoam no enunciado, referentes ao salto alto, à cor vermelha, à submissão feminina, à postura masculina numa visão cronotópica, pelo fato de o artista retratar mudanças significativas na relação homem/mulher diante do poder e das novas posições sociais conquistadas pelas mulheres. Com esses dados evidenciamos a necessidade do estudo dos elementos gráficos básicos nas escolas para uma melhor leitura visual, pois isso “implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade” (DONDIS, p. 227), uma das bases da teoria dialógica de Bakhtin.

Procuramos mostrar, da mesma forma, que a materialidade do editorial e da charge foi de grande importância para explicitarmos a ideologia que perpassa pelos enunciados, quando colocados na mesma página destinada à expressão individual, no caso da charge, e empresarial, no caso do editorial. Tal disposição requisita uma atenção dos leitores sobre os sentidos, a fim de estabelecerem relações dialógicas entre eles para melhor compreendê-los. Focando o mesmo assunto, a visita de Barack Obama ao Brasil, o editorial e a charge trataram de temas diversos, construindo sentidos e significando de formas diferentes pela diversidade de seus estilos e elementos compositivos, pois “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Apesar da diversidade composicional e temática os enunciados se complementaram. Essa constatação foi possível graças às relações dialógicas analisadas entre os enunciados entre si e o contexto.

No editorial consideramos a pressuposição como material linguístico, originada das relações dos fios dos sentidos de conhecimentos do passado, sendo observados em alguns adjetivos, advérbios, pronomes demonstrativos, verbos no futuro do pretérito e conjunções adversativas. Consideramos que as escolhas foram realizadas de maneira estratégica para a concretização do tema, que é o embate entre os dois governos que procuram amenizar os confrontos da época do governo do presidente Lula, antecessor da atual governante.

Por ser a história parte integrante do editorial *Operação simpatia*, as relações interdiscursivas foram cruciais para o estabelecimento dialógico, ponderadas na figura política do presidente americano, nas infelizes réplicas do governo brasileiro com relação às decisões do Conselho de Segurança da ONU em 2010, nos posicionamentos ideológicos contraditórios entre Brasil e EUA, no desenvolvimento de combustível beneficiado da cana-de-açúcar.

Nas configurações gráficas da charge sobre o mesmo assunto, atentamos a uma possível solução entre as duas nações apesar da desconfiança entre ambos os presidentes, retratados de maneira irônica. Concretizamos tal conclusão pela observação das formas caricaturais, das linhas definidas e obscuras, das cores representativas, da caracterização do tipo de olhar das figuras por meio de pontos e do nivelamento das imagens. Todas essas escolhas significaram, pois foram considerados os diversos contextos necessários, permitindo a compreensão das imagens e, conseqüentemente, as relações dialógicas com o editorial. Dessa forma, os enunciados se completaram no que diz respeito à possível aliança entre Brasil e EUA, numa expectativa de prováveis possibilidades, refletindo a posição dos enunciadores e, de certo modo, respondendo à expectativa de seus leitores presumidos.

No decorrer do processo analítico, vários foram os caminhos que surgiram pela amplidão do conceito bakhtiniano sobre gêneros discursivos e pelo domínio de seus autores no uso das específicas materialidades enunciativas. Pelo limite de fronteiras de uma dissertação de mestrado não nos foi possível realizar a provável conceituação da ilustração de artigo como gênero discursivo, o que atualmente não consta nos estudos de gêneros da esfera jornalística. Assim, aguardamos que esta questão se transforme em uma proposição para futuras pesquisas.

Visando a uma possível resposta-ação, esperamos que essa amostra de análises colabore no ensino/aprendizagem de gêneros midiáticos nas escolas, possibilitando ao aprendiz uma maior clareza quanto ao seu julgamento crítico nas diferentes formas de apresentação de opiniões da

mídia impressa. Pela razão de algumas entidades universitárias já estarem formulando questões avaliativas sobre gêneros discursivos, o seu favorecimento no ingresso ao nível superior será consequente.

Apesar de a pesquisa ter sido iniciada em 2010 e concluída em 2012, a seleção dos encartes para as análises dos enunciados opinativos em 2011 tornaram-se, naturalmente, ultrapassados. As réplicas a eles, porém, não cessam, pois apesar do ponto final que deu acabamento à pesquisa, sua conclusão é provisória, porque depende das atitudes responsivas de seus leitores: tudo pela ideologia democrática. Viver, para Bakhtin (2003, p. 174) “significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”.

A teoria de Bakhtin permite várias leituras de uma enunciação. Isso faz com que nos tornemos humildes em relação ao saber. Tudo depende do modo de nosso olhar para o outro. Esse outro que faz parte de nós. Sem ele o que importa a vida, a verdade, a mentira? Sozinhos, não construímos nada. A vontade de melhorar permite-nos compartilhar e responder com atitude. Uma ação bakhtiniana representativa.

Podemos dizer que Bakhtin e seu Círculo têm muito a nos ensinar sobre o modo de olhar a vida que vivemos, influenciada pelas ações do passado. Uma análise de vida de forma dialógica e com resposta ativa pode contribuir para a construção do futuro. Somente com o pensamento direcionado para o outro saberemos conduzi-la de uma maneira propícia.

Mesmo abrangendo poucos aspectos enunciativos para análise, esperamos que essa pesquisa colabore no ensino da língua materna e que contagie futuras pesquisas nos estudos da Linguística Aplicada, para que a educação nas escolas possibilite cada vez mais o desenvolvimento do potencial de leitura crítica de nossos aprendizes, colaborando, assim, com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: HUCITEC, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BARSA PLANETA INTERNACIONAL. Um novo paradigma para o mundo. *Livro do ano: Eventos 2002*. São Paulo: 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Beth Brait (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2008a.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008b.

BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2009a.

BRAIT, Beth. *Bakhtin e o Círculo*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2009b.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. Beth Brait (org.). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2000.

BUCCI, Eugênio. *A imprensa e o dever da liberdade: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os compromissos, o poder econômico e as ONGs*. São Paulo: Contexto, 2009.

BUENO, Luzia. *Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. (Série Ideias Sobre Linguagem)

CARDOSO, Darlete. O jornalismo como (re) produtor de enunciados. In: *Linguagem em (dis)curso* online, vol. 1, n. 2, 2003.

CARVALHO, Adriana Cintra de; PUZZO, Miriam Bauab. Textos opinativos: uma questão de Gênero. In: *Rev. Ciências Humanas*, Taubaté, v. 9, n. 2, p. 155-160, jul./dez. 2003.

CEREJA, William. Significação e tema. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. Beth Brait (org.). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1993

DISCINI, Norma. Carnavalização. In: *Bakhtin: outros conceitos-chave*. Brait, Beth (org.). São Paulo: Contexto, 2008.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de Glaís Sales Cordeiro In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPED n. 11, mai/jun/jul/ago, p.5-16, 1999.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ECO, Umberto. From Internet To Gutemberg. The Italian Academy for advanced Studies in America . November 12, 1996.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: *Bakhtin: outros conceitos-chave*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Uma oferta de contrapalavras. In: *O espelho de Bakhtin*. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. A perspectiva dialógica para a leitura crítica de artigo de opinião em sala de aula. In: *Seminário Nacional O Professor e a Leitura do Jornal*, 5., 2010, Campinas. Anais do 5. Seminário Nacional O Professor e a Leitura do Jornal, Campinas, SP: ALB, 2010. Disponível em <<http://alb.com.br/publicacoes/anais-seminarios>>. Acesso em 30 abr. 2012.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2010a.

MACHADO, Irene. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Luciene de Paula; Grenissa Stafuzza (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010b.

MANFRIN, Aline Maria Pacífico. A leitura de mundo pela leitura de gêneros discursivos enquanto atividade experienciada. In: *O espelho de Bakhtin*. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

MANUAL da redação. *Folha de S. Paulo*. 16. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOZDZENSKI, Leonardo. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PUZZO, Miriam Bauab. A Fotografia em capas de revista e a constituição do sentido. In: *Congresso de Leitura do Brasil*. Anais: 17. COLE, Campinas, SP: ALB, 2009. Disponível em <http://www.alb.co.br/portal.html>. Acesso em 23/09/2011.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. J. L. Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. J. L. Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção primeiros passos).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini e Izidoro Blikstein. 21.ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1999.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

## **ANEXOS A**

**Dilma Rousseff: primeira mulher presidente do Brasil**

# Dilma promete erradicar a miséria e projeta país de classe média sólida

★ PRESIDENTE ENFATIZA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DE SER PRIMEIRA MULHER PRESIDENTE

“ Venho abrir portas para que muitas outras mulheres, também possam, no futuro, ser presidenta; e para que, hoje, todas as brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher

Dilma, em discurso no Congresso

**Ao prometer combate à miséria, petista repete promessa de campanha de entregar um país de ‘classe média sólida’**

DE BRASÍLIA

Dilma Rousseff tomou posse ontem como a primeira presidente mulher do Brasil afirmando que a pobreza extrema “envergonha o país”. Repetiu a promessa do antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, de erradicar a fome, e prometeu entregar um país de “classe média sólida e empreendedora”.

Aos 63 anos, a ex-militante de esquerda e ex-presa política foi declarada empossada às 14h52 por José Sarney (PMDB-AP), antigo apoiador da ditadura militar.

Ela dedicou a vitória aos que “tomaram pelo caminho” durante a repressão. “Não tenho qualquer arrependimento, tampouco ressentimento ou rancor.”

Dilma afirmou que sua “luta mais obstinada” será “a erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos”. Prometeu melhorar educação, saúde e segurança.

Ela também fez referência



Dilma também enfatizou a importância histórica de ser a primeira presidente mulher. “Meu compromisso supremo é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos.”

CLÓVIS ROSSI

## Entre a razão e o imenso desafio

**SÃO PAULO** - Sob a retórica da continuidade, mas avanços, o discurso de posse de Dilma Rousseff trouxe a primeira novidade, embora esperada: sai a emoção pura, o intuitivo Luiz Inácio Lula da Silva, entra a razão pura.

Das 14 páginas do discurso, conforme previamente distribuído à imprensa, apenas as duas primeiras são, por defini-las de alguma forma, de emoção e reconhecimento a Lula e ao vice José Alencar.

Daí em diante, é uma lista das “ferramentas” necessárias ao avanço. Discurso muito mais de gerente do que de política, o que, de resto, combina perfeitamente com a biografia da presidente.

Pena que haja um excesso de generalidades e platitudes e uma carência de detalhes.

O elenco de necessidades e maneira de encará-las pode ser aplaudido pelo DEM e pelo PT, pelo PSB e pelo PSDB.

Talvez só não o seja pelo PSOL, o único partido que questiona o modelo que marcou os dois governos

que antecederam Dilma.

Surpreende, em todo o caso, que Dilma volte a um tema caro a Lula, o da miséria e o da comida à mesa dos brasileiros.

Lula, ao ser eleito, dizia que ficaria satisfeito se todo brasileiro pudesse ter três refeições diárias.

Oito anos depois de tanto “nunca antes na história deste país”, vem sua sucessora e apadrinhada dizer que não vai descansar “enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa”.

Fica claro, pois, no próprio discurso, que o povo brasileiro ainda “não fez a travessia para uma outra margem da história”, ao contrário de uma das poucas frases de efeito usada no discurso.

Ao estabelecer como meta a erradicação da miséria absoluta, ao mesmo tempo em que crava como “valor absoluto” a estabilidade econômica, Dilma cria para si um baita desafio, nunca antes resolvido no mundo todo.

ELIANE CANTANHÊDE

## Voto de confiança

**BRASÍLIA** - Sai Lula, entra Dilma. Vai-se o mito, chega a presidente mulher, com a responsabilidade de aumentar investimentos, priorizar educação, saúde e segurança, enfrentar as reformas estruturais, garantir a exploração e partilha adequadas do pré-sal, correr contra o tempo para o sucesso da Copa de 2014 e da Olimpíada de 2016. E erradicar a miséria.

Difícil será preencher o vazio de um presidente carismático, palanqueiro e sem limites como Lula, amado dentro e fora do país pelas qualidades e pelos defeitos. Se é que ele vai desencarnar da Presidência.

Dilma é dura, aplicada, determinada. Como ministra, extrapolava com subordinados e com os próprios colegas. Como presidente, esse traço de personalidade estará exacerbado e sendo permanentemente testado, inclusive com o eclético leque de “aliados”.

Mas Dilma encontra um país estável política e economicamente, os brasileiros com a autoestima em alta, o mundo maravilhado com es-

se Brasil cheio de encantos mil.

As condições são francamente favoráveis, e suas características femininas e de militante ajudam. Lula não é de esquerda nem de direita, Dilma tem ideologia. Será capaz de queimar pontos de popularidade se a circunstância exigir. Tem rumo, direção, metas, compromisso.

Vai precisar se suplantar, como se suplantou na campanha, para se equilibrar diante de PT, PMDB, PSB, PCdoB, Sarneys, o vice Temer, os áulicos. Que Erenice Guerra tenha servido de lição. Antes na Casa Civil do que agora na Presidência.

O Brasil elegeu Dilma e lhe dá não apenas um voto de confiança, mas também o estímulo, a torcida e a esperança. O sucesso dela será o sucesso de todos e do futuro.

Itamar, Fernando Henrique e Lula garantiram um círculo virtuoso, e Dilma deve ser uma presidente honesta, sensata, coerente, com grandeza e princípios, para ir além. É só não arriscar tudo para tentar ser o que não será: um mito.

[elianec@uol.com.br](mailto:elianec@uol.com.br)

FERNANDO DE BARROS E SILVA

## Mulher meia-oito

**SÃO PAULO** - Dilma Rousseff iniciou seu discurso de posse destacando o “significado histórico” de ser a primeira mulher presidente do Brasil: “Venho para abrir portas”. No final, se emocionou ao lembrar dos que estiveram com ela na luta armada contra a ditadura: “Muitos da minha geração, que tombaram pelo caminho, não podem compartilhar a alegria deste momento. Divido com eles essa conquista, e rendo-lhes minha homenagem”.

Na abertura, o elogio da condição feminina, projetando o futuro; no encerramento, a memória dos radicais da geração meia-oito, reparando o passado: foi a moldura que Dilma escolheu para seu retrato ao vestir a faixa presidencial.

Não havia, porém, nessa evocação histórico-sentimental da guerrilha, nada que desviasse a presidente de seu eixo pragmático. Entre uma ponta e outra, o recheio do discurso passou em revista a pauta já conhecida do “melhorismo” (o que já fizemos e o que ainda falta fazer), tudo com bom senso e equilíbrio,

sem rancores nem radicalismos.

A ênfase, como deveria ser, ficou reservada ao combate à miséria: “A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema”. Trata-se, afinal, de um governo “de esquerda”, apesar do consenso, formado desde FHC, de que “governar é um processo”.

Se Dilma começou bem, Lula poderia ter terminado em melhor companhia. O fato de Sarney tê-lo acompanhado no avião de Brasília até em casa foi de um oportunismo patético, mas também algo muito simbólico. Tão patético e simbólico quanto Lula, já “ex”, num palanque em S. Bernardo ao lado de Sarney, pragejando pela enésima vez contra “as elites deste país”.

O velho remanescente da ditadura que deu posse a Dilma no Congresso era prestigiado horas mais tarde no ABC por Lula, o maior líder popular da história. Este é o Brasil.

★

Saio de férias até 31 de janeiro. A todos um bom ano e até a volta.

Jornal *Folha de S. Paulo*, 03 de janeiro de 2011. Opinião, A2.

# Erradicar a miséria

**Eliminar a pobreza é objetivo ambicioso, que exige do país progressos na economia e nos serviços públicos ainda muito longe de assegurados**

A promessa mais marcante do discurso de posse da presidente Dilma Rousseff foi a de eliminar a miséria no Brasil nos próximos anos. “A luta mais obstinada de meu governo”, disse ela, “será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos”. O tema já havia aparecido na campanha eleitoral —e desde então desperta controvérsias.

Especialistas divergem não apenas sobre a possibilidade de atingir o objetivo em um ou dois mandatos, mas acerca de aspectos como a própria definição do que seja pobreza no Brasil.

Tendo como base os critérios do Bolsa Família, são considerados pobres os indivíduos ou famílias com renda per capita menor do que R\$ 140 ao mês. E são classificados como indigentes os que vivem com até R\$ 70 mensais.

Trata-se de um patamar muito baixo. Alguns defendem que o limite deveria equivaler a 60% da renda média familiar per capita, o que corresponderia a R\$ 279 —praticamente o dobro do valor utilizado para o Bolsa Família.

Em recente artigo publicado por esta **Folha**, José Eli da Veiga, professor de economia da Universidade de São Paulo, questionou o uso de linhas de corte como parâmetro suficiente para equacionar o problema. A pobreza não deveria ser medida só por estatísticas de

insuficiência de renda. Fatores como o acesso à saúde e à educação teriam que ser levados em conta.

São considerações que não podem ser ignoradas pelo plano a ser proposto pela presidente. Ainda que venham a gerar discordâncias, os critérios precisam ser explicitados com clareza, para que todos entendam do que se está falando —e restrinja-se a margem para mistificações.

Em seu discurso, a presidente Dilma Rousseff condicionou o triunfo sobre a pobreza à sustentação de um longo ciclo de expansão econômica. “É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos as desigualdades de renda”, disse.

De fato, especialistas consideram que as duas premissas são essenciais —prosseguir com o incremento do mercado de trabalho na velocidade verificada nos últimos anos e ampliar os gastos com o Bolsa Família. Para retirar os que são considerados pobres e indigentes dessa situação, o programa, que consome R\$ 13,4 bilhões e atende 12,7 milhões de famílias, precisaria elevar a despesa em R\$ 21,3 bilhões anuais.

Embora promissora, a evolução da economia poderá não alcançar o ritmo esperado —o que sonegaria as condições básicas para atingir a meta. Da mesma forma, o papel que a educação, a saúde e o saneamento precisam desempenhar para reduzir desigualdades está longe de assegurado.

É elogiável que a presidente comece com objetivos ambiciosos —sabendo-se, porém, que conquistá-los não será nada trivial.

## MILÚ VILLELA

Jéssica Gomes dos Santos, de 17 anos, é um retrato do Brasil em ascensão. Ela vive com o pai em uma casa alugada de três cômodos no Jardim Villas Boas. Há dois anos, eles trocaram o interior da Bahia por São Paulo, em busca de melhores condições de vida.

O pai, soldador, tem quatro anos de ensino fundamental e ganha três salários mínimos. O aluguel consome boa parte da renda. Mesmo assim, Jéssica não abandonou a escola e conclui o ensino médio sem repetências.

Com sete anos a mais de estudo que o pai, ela quer ser fisioterapeuta e frequenta uma ONG em que recebe apoio e treinamento na busca do primeiro emprego.

Em 2010, Jéssica prestou vestibular para uma universidade pública. Nas provas que fez, deparou-se com conteúdos que não foram ensinados nas escolas por onde passou.

Em sua visão, a educação é injusta. Para ela, famílias de alta renda têm acesso à educação de qualidade em colégios particulares e conseguem entrar em universidades do governo. Os filhos das famílias menos favorecidas, que estudam em escolas públicas, têm que recorrer a faculdades pagas e muitos não conseguem avançar por falta de condições financeiras.

Onde estudou, em São Paulo, Jéssica diz que os professores não davam apoio aos alunos. "Eles não estão interessados e muitos não têm condições de atuar, não querem ajudar os alunos e não têm conhecimento nem experiência para estar numa sala de aula", diz, numa análise sem rodeios.

Indagada sobre qual deveria ser a prioridade do novo governo, ela não titubeia: melhorar a educação, para a conquista de um patamar de vida melhor do que o de seus pais.

O governo Dilma daria um passo gigantesco se convertesse, de fato, as palavras da menina Jéssica em um pilar estratégico de atuação nos próximos quatro anos.

A educação, como nos ensina a adolescente, é o instrumento mais eficaz para consolidar as conquistas sociais dos últimos 16 anos.



O trabalho é desafiador. A educação brasileira, como revelam os dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) e de outros indicadores, continua entre as piores do mundo, em descompasso com a posição econômica que hoje ocupamos no cenário internacional.

Somos ruins em matemática e em ciências, não dominamos o idioma, a evasão escolar é enorme, a formação dos professores é fraca, a carreira de magistério não é atrativa e faltam modelos de gestão para as nossas escolas. Mas a dimensão dos problemas não deve ser motivo para a inação.

Dilma, que dá seus primeiros passos, tem a chance histórica de se notabilizar com o governo da revolução na educação.



## **ANEXOS B**

### **A visita de Barack Obama ao Brasil**

# EUA se esquivam de apoio ao Brasil em órgão da ONU

Brasília objetiva vaga permanente no Conselho de Segurança em reforma

**Casa Branca julga já ter ajudado país a elevar a presença global; Obama realiza visita ao Brasil neste final de semana**

**PATRICIA CAMPOS MELLO**  
ENVIADA ESPECIAL A WASHINGTON  
**ANDREA MURTA**  
DE WASHINGTON

Os EUA não se comprometeram ontem a dar apoio formal à ambição brasileira a um assento permanente em um Conselho de Segurança da ONU ampliado na visita do presidente Barack Obama ao Brasil, no fim de semana.

Questionado sobre a possibilidade, Dan Restrepo, responsável por Hemisfério Ocidental no Conselho de Segurança Nacional, disse apenas: "O presidente Obama e a presidente Dilma vão discu-

tir a reforma da ONU. E também vão discutir em um contexto amplo a adoção de uma nova arquitetura global que reflita novas realidades."

Obama, quando foi à Índia em novembro passado, declarou abertamente apoio à entrada dos indianos no CS.

A reforma do conselho da ONU permitiria ampliar o número de membros permanentes dos cinco atuais (China, EUA, Reino Unido, França e Rússia) para dez.

"Será um conversa ampla sobre a importância de instituições fortes para a paz e segurança no mundo, e inevitavelmente a ONU surgirá."

## AJUDA

Anteontem, a Casa Branca disse já ter ajudado muito o Brasil em suas ambições para ganhar destaque global.

"Os EUA pressionaram, com sucesso, para que países

como o Brasil tivesse um papel maior nos assuntos econômicos internacionais e advogou de forma enérgica para que o G20 se tornasse o principal foro de coopera-

## ASTRO NORO

**SÓ ROBERTO CARLOS É REI, DIZ CABRAL**

Questionado se esperava 500 mil pessoas no discurso de Barack Obama, o governador do Rio disse que o americano é "um astro, ícone". "Mas 500 mil só Roberto Carlos." Cabral afirmou que, "se fosse presidente", esperaria o anúncio de apoio para que o Brasil ocupe assento no Conselho de Segurança da ONU.

ção", disse a Casa Branca.

"Os EUA agiram de forma agressiva para aumentar o papel de países como o Brasil no FMI e Banco Mundial."

A Casa Branca confirmou que o grande discurso para a América Latina será em Santiago, e não mais no Rio, como fora dito anteriormente.

Restrepo destacou que a discussão de Obama com o Brasil vai girar em torno de temas globais e parceria no cenário internacional, inclusive na área de segurança.

"Temos muita disposição para fazer o possível para avançar juntos com o Brasil a paz global e a segurança."

Restrepo praticamente descartou a chance de acordo entre EUA e Brasil para a compra de caças no projeto de modernização da Força Aérea brasileira. "Não há expectativa de negócios bilionários sendo anunciados."

ELIANE CANTANHÊDE

## Clima de surpresa

**BRASÍLIA** - No Egito, Barack Obama produziu manchetes mundo afora acenando com um novo patamar nas relações dos EUA com o mundo árabe. Na Índia, anunciando apoio à inclusão do país como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. E no Brasil?

A dois dias da chegada do presidente norte-americano a Brasília e a três de seu discurso à la Evita na Cinelândia, no Rio, o que se vê é uma disputa de versões elegantes e tangenciais pela imprensa.

Na versão brasileira, o Planalto sonha com medidas para reverter a balança comercial, que já foi favorável ao Brasil em quase US\$ 10 bi em 2006, deu uma cambalhota e chegou a um deficit beirando US\$ 8 bi em 2010. Na americana, a intenção de Obama é aprofundar as exportações para o Brasil, que geram 250 mil empregos em solo gringo.

Na versão brasileira, a questão da cadeira permanente no Conselho da ONU só vai receber uma referência indireta e burocrática no Comunicado Conjunto. Na america-

na, pode haver surpresas, e o presidente anunciar algo mais consistente para afagar o ego brasileiro.

Na versão brasileira, o Comunicado Final vai fazer referência ao “interesse comum” e à “parceria” dos dois países na área de energia —petróleo, gás e biocombustíveis. Na americana, é algo bem mais concreto, que envolve muitas verdinhas nos próximos anos: a compra antecipada de petróleo do pré-sal. Ou seja, uma espécie de garantia de preferência, como a China já obteve em outras épocas.

As versões do Brasil e dos EUA só coincidem numa coisa: Obama está louco para gostar de Dilma, Dilma está louca para gostar de Obama, e assim começarem novos tempos nas relações entre Brasil e EUA, superando as dificuldades de quando o presidente aqui era “o cara”.

Ao mostrar que quer novos tempos com o Brasil, Obama estará sinalizando ao mundo o que quer com toda a América Latina. Se isso é só da boca para fora, o tempo dirá.

ELIANE CANTANHÊDE

## O gesto

**BRASÍLIA** - Cidadãos em geral e jornalistas em especial gritam por “coisas concretas” na visita de Obama. Mas o quê? Poderia ser a manifestação de simpatia à entrada do Brasil no Conselho de Segurança da ONU. Ou um acordo comercial suculento, para além do bla-bla-blá de que a Rodada Doha está vivinha da silva, apesar de moribunda. De concreto, nada. Nada mesmo?

O importante é a visita pela visita e as portas que ela abre no campo comercial, político e de cooperação. Ele é o primeiro presidente negro da maior potência, e Dilma é a primeira mulher a presidir o principal país da América Latina. É justamente quando o Brasil decola, os EUA sacodem, e o mundo não é mais o mesmo.

Obama vai subir o Corcovado, visitar favela, discursar na Cinelândia, comer picanha no Itamaraty, ouvir empresários e falar olho no olho com Dilma. Uma maratona para fotos, microfones e interpretações. Até por isso carrega junto Michele, Sasha e Malia. Simbologias...

Visitas presidenciais valem pelo que são: gestos políticos, diplomáticos. Sem “o cara”, Obama vem mostrar que tem interesse no país e na região. Só vai dar bola fora se deixar “o” discurso para o Chile.

Em suas ambições internacionais, o Brasil precisa dos EUA, que são, e ainda serão por muito tempo, o maior mercado, a maior potência militar e o maior peso político. Não dita mais as regras sozinho, mas ainda são decisivos para defini-las.

E os EUA precisam do Brasil, emergente, com importância geográfica, ótimo clima, democracia, matérias-primas, indústria respeitável e mercado apetitoso (responsável pelo quinto superavit dos EUA em 2010).

Mais: nem o Brasil tem bala na agulha contra os EUA nem os EUA podem prescindir de um aliado político assim, diante do novo poder difuso do mundo, do eixo chavista, das incertezas nos países árabes.

Obama vem abrir portas. A burocracia, os interesses e, sobretudo, as necessidades farão o resto.

## Brasil está pessimista com visita de Obama

**NATUZA NERY**  
DE BRASÍLIA

O Palácio do Planalto começa a revelar pessimismo em relação à visita de Barack Obama, neste final de semana, e reclama da resistência dos EUA em discutir temas de interesse do Brasil, apesar do discurso corrente de implantar um novo capítulo nas relações entre os dois países.

Segundo a **Folha** apurou, a declaração de um funcionário da Casa Branca, publicada na edição de ontem do jornal, ajudou a “azedar” o clima pré-visita. Mike Froman, vice-conselheiro de segurança nacional de Obama, afirmou que a “viagem é fundamentalmente a respeito da recuperação econômica e exportações americanas”.

Nas palavras de um integrante da Presidência, trata-se de um visão utilitarista dos EUA sobre o Brasil, principalmente diante da preocupação da presidente Dilma Rousseff com o déficit comercial brasileiro em relação ao mercado americano— US\$ 7,731 bilhões em 2010, em dados do Ministério do Desenvolvimento.

Representantes da diplomacia brasileira, porém, evocam outro tipo de visão. Consideram que a chegada do presidente da mais importante economia do planeta em menos de três meses de governo já é, por si só, um “êxito”.

Apesar da contrariedade entre não diplomatas, o Itamaraty não faz reparos à lista de acordos e termos de cooperação que sairá da visita.

Dilma, embora reconheça o simbolismo da visita, tem dito a assessores que desejava ver do parceiro sinalizações mais concretas de aproximação. Na pauta de seus sonhos, o apoio à campanha brasileira por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

À medida que as negociações avançavam, multiplicavam-se as críticas no Planalto. Um interlocutor palaciano argumenta que os EUA tentam vender seus caças F18, mas dizem não aos aviões da Embraer.

# Pré-sal terá cooperação de Brasil e EUA

Comunicado conjunto de Dilma Rousseff e Barack Obama prevê coordenação para aumentar produção de petróleo

## Governo americano quer diversificar fontes de petróleo para fugir da dependência dos países do Oriente Médio

PATRÍCIA CAMPOS MELLO  
ENVIADA ESPECIAL A WASHINGTON

Brasil e Estados Unidos irão cooperar na exploração do petróleo do pré-sal para aumentar a produção do combustível no mundo.

Segundo a **Folha** apurou, esta é a mensagem que deve constar no comunicado conjunto da presidente Dilma Rousseff e do presidente americano, Barack Obama, que chega amanhã ao país.

A linguagem do comunicado ainda estava sendo negociada. Mas a ideia era mostrar que o Brasil tem interesse nos investimentos americanos no pré-sal e evidenciar para o mercado que a produção deve aumentar.

Com isso, esperam-se efeitos positivos para influenciar no preço do petróleo.

## Assento no CS vai ser debatido, afirma assessor

DE BRASÍLIA

O pleito brasileiro por assento permanente no Conselho de Segurança da ONU será um ponto debatido pelos presidentes Barack Obama, dos EUA, e Dilma Rousseff, do Brasil.

Não há garantias, entretanto, de manifestação formal sobre o assunto.

A jornalista brasileira, o subsecretário para Assuntos do Hemisfério Ocidental do Departamento de Estado dos EUA, Arturo Valenzuela, afirmou que Obama sabe da expectativa brasileira, mas evitou comentar se ela será correspondida. "Sem dúvida será discutido", disse.

Pela manhã, o ministro Antonio Patriota (Relações Exteriores), tentou diminuir a importância de uma declaração de Obama.

# FOLHA DE S. PAULO

EM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicação diária, exceto aos domingos e feriados. Preço de venda: R\$ 1,50. Anúncios: R\$ 100,00 por linha por dia. Contato: (11) 3091-1000. Site: www.folha.com.br

## EDITORIAIS

### Operação simpatia

Sem perspectivas de maiores ganhos concretos, viagens de presidente Barack Obama ao Brasil aponta para maior aproximação dos dois países.

Falco de manufatura de bens de alto padrão, o Brasil tem um potencial enorme de crescimento econômico. A chegada de Obama ao Brasil, em dezembro, e a visita política de Dilma Rousseff ao Brasil, em março, são eventos importantes para a aproximação dos dois países.

Obama, filho do empresário americano, chegou ao Brasil em 2008, em meio a uma campanha eleitoral. Sua visita ao Brasil, em dezembro, foi a primeira de um presidente americano ao Brasil desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Obama, filho do empresário americano, chegou ao Brasil em 2008, em meio a uma campanha eleitoral. Sua visita ao Brasil, em dezembro, foi a primeira de um presidente americano ao Brasil desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Obama, filho do empresário americano, chegou ao Brasil em 2008, em meio a uma campanha eleitoral. Sua visita ao Brasil, em dezembro, foi a primeira de um presidente americano ao Brasil desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

### Dilma fala

A presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011.

Presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011. Ela precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.

Presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011. Ela precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.

Presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011. Ela precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.

Presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011. Ela precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.

Presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011. Ela precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.



### Inflação na cabeça

Depois de Ana Maria Braga e de Boris Casassa, chega a vez de "Compassão" ao ar no canal de TV. O programa será apresentado por Ana Maria Braga e Boris Casassa. O programa será apresentado por Ana Maria Braga e Boris Casassa.

Depois de Ana Maria Braga e de Boris Casassa, chega a vez de "Compassão" ao ar no canal de TV. O programa será apresentado por Ana Maria Braga e Boris Casassa. O programa será apresentado por Ana Maria Braga e Boris Casassa.

### O Japão e seu labirinto

Por que o Japão é tão poderoso? Por que o Japão é tão poderoso?

### O gesto

Colômbia em geral e presidente em especial estão por "deixar o país" ao Brasil. O Brasil precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.

Colômbia em geral e presidente em especial estão por "deixar o país" ao Brasil. O Brasil precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.

### Sósias

Na 7ª edição, o programa "Sósias" apresenta dois personagens que se parecem muito. O programa "Sósias" apresenta dois personagens que se parecem muito.

Na 7ª edição, o programa "Sósias" apresenta dois personagens que se parecem muito. O programa "Sósias" apresenta dois personagens que se parecem muito.

Presidente Dilma Rousseff enfrenta um desafio: o momento de concretizar sua política econômica em 2011. Ela precisa mostrar que é capaz de lidar com a situação econômica do Brasil.